

BAIRRO HERCULANO

NOVO ESTRATO NUM PROCESSO DE SEDIMENTAÇÃO

VOLUME I

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
orientada por: Prof. Doutora Clara Pimenta do Vale

Sofia Monteiro Coelho de Magalhães

2017

Nota à edição:

O corpo de texto da presente dissertação encontra-se escrito em português, não obedecendo, por opção da autora, ao novo Acordo Ortográfico.

Todas as citações seleccionadas para a presente dissertação encontram-se nas suas respectivas línguas originais, de modo a que seja mantido o rigor de cada expressão.

Algumas das imagens utilizadas, em especial as fotografias, foram editadas.



<es•tra•to

(latim stratum, -i, coberta, cama)

substantivo masculino

1. Cada uma das camadas dos terrenos sedimentares.
2. Divisão ou camada de uma estrutura ou de um conceito.
3. [Estatística] Num inquérito, subdivisão de uma amostra.
4. [Meteorologia] Nuvem de baixa altitude, disposta em forma de faixa larga e horizontal e que pode dar origem a precipitação leve e contínua>

<se•di•men•ta•ção

(sedimentar + -ção)

substantivo feminino

1. Acto ou efeito de sedimentar ou de se sedimentar.
2. Formação de sedimentos.
3. Formação e progressão lenta de depósito que dará origem a rocha sedimentar> ¹

1. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <<https://www.priberam.pt/dlpo/sedimentar>>

AGRADECIMENTOS

À professora Clara Vale, por toda a dedicação, acompanhamento e pela sua disponibilidade constante.

Aos meus pais, Licas e Ni, pelo amor, pela força e pelo apoio incondicional durante todo o percurso.

Aos meus irmãos, Mariana e Nuno, por toda a paciência, cumplicidade e amizade.

Aos meus avós, Olinda e Zé, por todo o carinho e por me acompanharem a cada passo.

Ao Manel por todo o apoio, dedicação e partilha.

Aos meus primos, Ana, Sara, João, Du, Raulzinho, Zé Maria, Vasco e Afonso por estarem sempre presentes.

Aos meus tios, Nocas, Celso, Mimi, Paulo, Mafalda, Rori e Susana por todos os ensinamentos.

À Rita e à Maria, pela amizade, e por todos estes fantásticos 6 anos, sempre juntas.

Ao Varela, pelo apoio e companheirismo nesta etapa.

A todos os meus amigos que contribuíram para este percurso.

RESUMO

Bairro Herculano, um Bairro na freguesia da Sé, na cidade do Porto. Um bairro com 130 anos de história. Um bairro realçado pela sua enorme vivência, escondido dos olhares, no interior de um quarteirão.

Estagnado numa linha contínua de degradação, ao mesmo tempo que fortalece o enredo de ligações de vizinhança, o bairro devido às fracas conexões à malha urbana e, de igual forma, à parca manutenção dos seus próprios espaços comuns encontra-se oculto à cidade e desvanecido no vector temporal.

Desta forma, o exercício, através destes dois elementos, foca-se na intervenção para o Bairro, onde o **processo de sedimentação** ao longo da sua história vinco a sua singularidade. A proposta foca-se em valorizar as suas marcas no tempo, num diálogo entre o passado e o presente, partindo para um desenho que surge como **um novo estrato** que transforma e se adapta ao existente; *assim como o vento vai modelando e esculpindo as rochas*.

Pretende-se aqui, propiciar um novo começo na vida do Bairro, onde a intervenção manifesta-se como potenciadora de novas oportunidades, através da valorização do espaço público. Este elemento surge como palco de memória colectiva, onde importa salvaguardar a ideia de comunidade; como palco para novas possibilidades; como palco para uma contínua linha temporal, vincando a sua peculiaridade.

Cada estrato é marcado e confrontado por uma visão de um contexto específico e esta nunca estará completa. As circunstâncias mudam, como a vida, e são renovadas, postas em causa pela evolução, pela aquisição de novas informações e pelo desenvolvimento do contexto no qual se insere. Desta forma, a proposta final aparece como um início, que irá ser redesenhado, ao longo do tempo e no espaço, pela vida humana que o Bairro acomoda, num contínuo processo de sedimentação.

PALAVRAS-CHAVE: Bairro; Arquitectura; Porto; Cidade; Espaço Público; Estrato; Sedimentação; Apropriação; Comunidade

ABSTRACT

Bairro Herculano, a neighbourhood located at Sé, in the city of Porto. A neighborhood with 130 years of history. A neighbourhood highlighted by its huge atmosphere, hidden from everyone's eyes, inside a block.

Stagnant in a continuous line of degradation, at the same time as it strengthens the plot of neighbourhood connections, the neighborhood due to the weak connections to the urban network and, likewise, to the sparse maintenance of its own common spaces is hidden from the city and faded in a temporal vector.

Thus, the exercise, through these two elements, focuses on intervention for the neighbourhood, where the sedimentation process throughout its history has become unique. The proposal focuses on valuing its brands in time, in a dialogue between the past and the present, starting with a design that emerges as a new stratum that transforms and adapts to the existing one; just as the wind shapes and carves the rocks.

The purpose here is to provide a new beginning in the life of the neighborhood, where the intervention manifests itself as a enhancer of new opportunities, through the valorization of the public space. This element appears as a stage of collective memory, where it is important to safeguard the idea of community; as a stage for new possibilities; as a stage for an endless time line, creasing its peculiarity.

Each stratum is marked and confronted by a vision of a specific context and this will never be complete. Circumstances change, like life, and are renewed, called into question by evolution, by the acquisition of new information and by the development of the context in which it occurs. In this way, the final proposal appears as a beginning, that will be redesigned, over time and in space, by the human life that the neighbourhood accommodates, in a continuous process of sedimentation.

KEYWORDS: Neighbourhood; Architecture; Porto; City; Public Space; Layer; Sedimentation; Appropriation; Community

ÍNDICE

I. INTRODUÇÃO	17
---------------	----

CAPÍTULO 1: DESCOBRIR O PASSADO	23
--	----

1.1 Porto nos finais do século XIX	24
-------------------------------------	----

1.2 Contextualização: Bairro Herculano	36
---	----

CAPÍTULO 2: OLHAR O PRESENTE	47
-------------------------------------	----

2.1 Caracterização Geral e Estado Actual	48
---	----

2.1.1 Espaço Público	56
-----------------------	----

2.1.2 Equipamentos	62
---------------------	----

2.1.3 Módulo-Célula	66
----------------------	----

2.2 Valências e Problemáticas	76
--------------------------------	----

CAPÍTULO 3: PENSAR O FUTURO	89
------------------------------------	----

3.1 Estratégia Geral	90
-----------------------	----

3.2 Proposta	104
---------------	-----

3.2.1 Espaço Público	104
-----------------------	-----

3.2.2 Equipamentos	110
---------------------	-----

II. CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
--------------------------	-----

Bibliografia

Créditos de Imagem

Anexos

I. INTRODUÇÃO

I. INTRODUÇÃO

I OBJECTO DE ESTUDO

Na cidade do Porto, mais precisamente na freguesia da Sé, com acesso pela Rua das Fontainhas e da Rua Alexandre Herculano, no interior do quarteirão que estas vias formam, localiza-se um Bairro que ao longo de 130 anos de existência recolheu-se dos maiores palcos da cidade. Sossegado no seu canto, o Bairro, construído no final do século XIX, chega a tornar-se egoísta na forma como esconde dos nossos olhares o seu carácter peculiar.

Apesar de o Bairro ser considerado uma ilha na própria definição da CMP, distingue-se como um “modelo de morfologia e conceito residencial alternativo”², representando, assim, uma excepção na cidade portuense. Este é composto por sete arruamentos que delimitam treze pequenos quarteirões, formando um traçado regular, onde as casas se dispõem costas com costas; salienta-se uma rua principal que rasga o quarteirão e une as duas únicas entradas actuais do Bairro; integra ainda a presença de pequenos equipamentos como uma capela, a sua casa adjacente, uma mercearia e sanitários públicos. Este modelo, na sua época, tentou proporcionar melhores condições de vida em relação à regra geral das restantes ilhas.

As casas encontradas neste bairro foram planeadas e construídas ao mesmo tempo. No entanto, ao longo dos anos, os moradores, com maior ou menor dificuldade, com maior ou menor necessidade, foram alterando e aperfeiçoando as suas pequenas casas, num lento processo de sedimentação. Cada espaço, cada detalhe edificado ali presente, foi absorvendo traços de vida humana, assumindo, assim, como diria Peter Zumthor, uma riqueza específica. O desgaste dos materiais, através da subtracção, acabam por trazer, paradoxalmente, uma certa adição de significado, um conteúdo invisível aos olhos, mas visível ao sentimento³. Esta singularidade é bastante notória ao percorrer as ruas do Bairro, onde nos perdemos em inúmeros objectos, ritmos, cores e texturas, numa dinâmica marcada pelo espírito de comunidade.

Posto isto, este envolvimento acentuado de relações humanas carece de infra-estruturas básicas para o quotidiano dos habitantes e ainda de espaços colectivos associados a uma falta de ligação com a cidade, contribuindo, assim, para uma forte estagnação e um gradual processo de degradação evidente. Desta forma, visa-se para o Bairro Herculano enfatizar a sua singularidade, preservando e enaltecendo definições de conteúdo. Pretende-se encontrar

2. PINTO, Jorge Ricardo, *O Porto Oriental no final do século XIX: Um retrato Urbano*, Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 133

3. LEATHERBARROW, David, *Architecture oriented otherwise*, New York: Princeton architectural press, 2009, p.78-82

formas de rebater as suas dificuldades funcionais, e de igual modo, explorar a ligação da sua vivência à cidade, que possam colmatar as necessidades básicas dos habitantes, estimular a composição da imagem do Bairro, resguardando a cor, autenticidade e a vida do mesmo, não descurando a renovação dos espaços colectivos que ligam este conjunto habitacional aos ritmos urbanos contemporâneos.

I OBJECTIVO

De certo modo, o objectivo passa por valorizar a identidade colectiva, a fim de consolidar e preservar o sentimento de comunidade ali presente, através de uma revitalização dos espaços da vida quotidiana. Por outro lado, pretende-se dar aso à continuação da apropriação do espaço, que por sua vez, permite a sucessiva transformação da imagem do bairro, reflexo de uma resposta às necessidades por parte dos habitantes.

Na proposta, o espaço público surge como elemento unificador de toda a intervenção, completando e melhorando todo o suporte do conjunto habitacional, relacionando os fragmentos existentes, e adaptando-os ao que se sobrepõe.. Surge, então, como uma composição aberta reflectida em diferentes elementos independentes, com o intuito de formar uma nova unidade com um valor próprio.

Procura-se, ainda, quebrar a barreira existente entre o Bairro e a cidade, tornando assim o interior do bairro mais permeável, capaz de reforçar o cruzamento social, acentuando a ideia de comunidade, que agora ultrapassa os próprios limites do conjunto.

O objectivo desta intervenção surge, então, como um novo estrato num processo de sedimentação, transformando e adaptando o espaço, numa atitude que valoriza o lugar e o seu conteúdo, para uma nova oportunidade, umas novas asas que lhe permitam uma contínua evolução no tempo.

I ESTRUTURA E METODOLOGIA

Esta dissertação desenvolve-se em dois volumes para uma mais fácil compreensão do trabalho. O primeiro volume que corresponde ao corpo da tese, e um segundo volume, encadernado separado para facilidade de consulta paralela, onde se colocam todas as peças desenhadas em escalas compatíveis com uma correcta leitura.

Desta forma, o primeiro volume inicia-se pelo capítulo descobrir o passado. Aqui é reunido um conjunto de material desde o levantamento histórico e bibliográfico, consulta de

arquivos como o da Câmara Municipal do Porto e o Arquivo das Águas do Porto e, ainda, o registo fotográfico, capaz de suportar e enriquecer o desenvolvimento do trabalho.

O segundo capítulo, intitulado olhar o presente centrou-se no levantamento local. Aqui, são feitas todas as correcções necessárias para um levantamento rigoroso, para uma melhor compreensão do pré-existente. Nesta fase, a observação directa também é importante de forma a perceber a vivência do espaço e, ainda, a apropriação e a identidade deste. A recolha de informação é necessária para um exigente registo das anomalias e das valências presentes, tanto no espaço público, como nos equipamentos e, ainda, nas habitações. De forma a complementar esta análise são feitas entrevistas aos moradores, que de uma forma rápida e certa conseguem avaliar a sua vivência e experiência de habitar no Bairro.

Por último, no terceiro capítulo pensar o futuro surge a resposta aos capítulos anteriores, numa abordagem que procura entender o exercício como uma aproximação à prática projectual, valorizando, assim, a componente prática apoiada na disciplina teórica. Dessa forma, parte-se para a elaboração de uma estratégia geral, trabalhada a várias escalas, que se baseia em referências bibliográficas, com diversas perspectivas de diferentes autores, e ainda referências de obras e de arquitectos. Esta fase auxilia-se em diversas ferramentas de trabalho como o desenho, capaz de transpor a criatividade do processo e, ainda, ferramentas digitais capazes de transmitir o rigor numa fase mais avançada de projecto.

Posto este primeiro volume, lança-se um segundo volume que não serve outra coisa que não seja, esclarecer as representações gráficas a escalas mais adequadas. Uma exibição de objectos rigorosos apresentados num formato expositivo do projecto final.

CAPÍTULO 1 **DESCOBRIR O PASSADO**



FIG. 1 - Planta do Porto. George Balck. 1813

1.1| PORTO NOS FINAIS DO SÉCULO XIX

Durante a segunda metade do século XVIII, o Porto atravessa uma fase bastante importante na sua história. João de Almada e Melo, que surge primeiramente como governador de armas para por fim aos motins que surgiram despontaram devido aos impostos sobre o vinho, vê mais à frente, o seu cargo de dirigente da Junta das Obras Públicas. Com ele começam a ser feitas inúmeras intervenções urbanísticas que visam a resposta a um grande desenvolvimento económico e populacional que a cidade do Porto atravessava na altura. Após a sua morte é o filho, Francisco de Almada e Mendonça que continua com estas obras, após a sucessão no cargo de governador de Armas do Porto. É devido ao grande desenvolvimento económico proveniente do comércio do vinho do Porto, e aos impostos que daí decorrem, que a Junta de Obras Públicas garante o orçamento para as intervenções feitas na cidade do Porto na época.

A segunda metade do século é marcada por um grande dinamismo económico e demográfico, e uma época onde o crescimento extramuros estava a decorrer bastante rápido, mas de uma forma desorganizada. Por isso as intervenções na cidade passavam pela ordenação do território extramuros, fazendo a abertura de novas ruas e a rectificação de antigas, proporcionando um fácil acesso à cidade, e nova frente urbana para edificação.

Em 1761 foi iniciada a abertura da Rua do Almada que funcionava como o principal eixo de saída na ligação entre a cidade intramuros e a cidade extramuros. Mais tarde foram ainda abertas outras novas ruas que também garantiam a ligação à cidade e que garantiam a construção de uma nova cidade, com possibilidade de expansão. Assim, nesta altura, foram construídas as Ruas de Santa Catarina, Direita de Santo Ildefonso, de Cedofeita, da Boavista, Formosa, que se viriam a assumir como das ruas com maior importância no desenvolvimento da cidade.

Devido a este crescimento notável e a um grande desenvolvimento da cidade, a velha muralha fernandina acabou por ser demolida em certos pontos, de modo a proporcionar o continuo crescimento da cidade. Dessa forma, surge o <<Plano de Melhoramentos>> da cidade do Porto, em 1784 que “*irá propiciar não só a continuação das linhas gerais de intervenção urbanística, mas sobretudo, implicará uma maior abertura da cidade.*”⁴

Com o crescimento urbano e devido à centralização das funções do Estado, começam a ser necessários novos organismos e equipamentos públicos que acompanhem o Porto nesta fase de desenvolvimento. Assim, surgiram “novos tipos de habitação burguesa e operária, bem como os principais equipamentos modernos de serviço público, vias de comunicação

4. RAMOS, Luís A. De Oliveira, *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 2000, p. 380



e infra-estruturas.”⁵ Nesta época foi construída a Cadeia e Tribunal de Relação entre outros edifícios, que ainda nos dias de hoje marcam a cidade.

“*Porém, se as transformações urbanísticas são evidentes, a cidade da viragem do século XVIII para o século XIX conserva ainda, em grande medida, a geografia social do Antigo Regime.*”⁶ A cidade continua voltada para o rio, bem como o papel económico que este desempenha. É nesta zona da cidade, junto ao rio, que se concentra o maior número de população, levando, assim, a uma sobrelotação das habitações.

É possível verificar na planta do Porto, de 1813, de George Balck o cenário da cidade da época, que vivia em parte ainda dentro de muralhas, mas uma grande parte já vive extramuros.

Na mesma época assiste-se a uma mudança significativa no resto do mundo, com a Revolução Industrial. Este foi um processo que, internacionalmente, decorre entre os anos de 1760 e meados do século XIX, e caracteriza-se por ser um período de grande mudança dos processos de transformação e fabrico. A produção artesanal é substituída, com a introdução de máquinas, por um processo de produção em massa e de maior rapidez. A revolução industrial teve origem no Reino Unido, com um rápido desenvolvimento industrial, pelo que foi o primeiro local em que a sociedade começou a ser afectada pela drástica mudança. Em consequência surge uma cidade industrial desordenada e inabitável, onde as classes pobres são as mais afectadas. Assim, no pós-guerra de 1815, e numa tentativa de solucionar as problemáticas da cidade industrial, surgem “*propostas revolucionárias, políticas e urbanísticas, para mudar ao mesmo tempo a organização social e a organização dos conjuntos habitacionais*”⁷. Perante esta situação destacam-se dois autores que propuseram dois modelos de cidades. Robert Owen apresenta um plano para uma cidade como uma “*aldeia de harmonia e de cooperação*”⁸, entre 1817 e 1820. Em França, Charles Fountier propõe outro modelo de cidade através de um “*sistema filosófico e político*”⁹ onde a relação entre pessoas importa realçar. Estes modelos acabam por ser o contrário teórico da cidade liberal e funcionam como uma “*pesquisa colectiva da arquitectura moderna que terá início no século seguinte*.”¹⁰

A cidade do Porto, no final da primeira metade do século XIX, volta a ser alvo de novas intervenções urbanísticas. É construída a Bolsa e toda a zona envolvente, em 1842, o Jardim de São Lázaro, em 1834, que surge como o primeiro jardim público da cidade e, ainda é

5. FERNANDES, Francisco Barata, Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade, Porto: Faup Publicações, 1999, p. 169

6. RAMOS, Luís A. De Oliveira, *História do Porto*. Porto: Porto Editora, 2000, p. 382

7. BENEVOLO, Leonardo, *História da Cidade*, São Paulo: Edições Perspectiva, 2004, p. 567

8. *ibidem*

9. *ibidem*, p. 568

10. *ibidem*



FIG. 3 - Comboio a passar pela Ponte D. Maria Pia

construída a Ponte Pênsil, no ano de 1843, criando assim uma maior ligação entre as duas margens e, mais uma vez, a zona ribeirinha volta a ganhar destaque.

A segunda metade do século XIX é marcada por uma fase bastante importante para o desenvolvimento de Portugal, uma vez que a produção estava a aumentar, se começaram a popularizar os caminhos de ferro e, ainda foram construídas diversas infra-estruturas cruciais para este desenvolvimento. “*O movimento de urbanização da cidade acelera a partir da década de sessenta. Muitos dos becos e vielas da cidade antiga desaparecem, rasgam-se novas ruas, alargam-se ou prolongam-se outras, constroem-se pontes, encanam-se ribeiros, levantam-se por toda a parte novos edifícios.*”¹¹ Assim, em 1875 é inaugurada a estação de Campanhã que passa a ter um papel fundamental no desenvolvimento da cidade. Mais tarde, foi inaugurada a ponte D. Maria Pia, em 1877, representando assim um papel de grande destaque, uma vez que faz a ligação ferroviária entre as duas margens do Rio Douro. Mais tarde surge a Rua Mouzinho da Silveira, uma rua aberta na malha preexistente que se constrói sobre o rio de Vila, que desagua no Rio Douro. O Mercado Ferreira Borges é, também, edificado nesta época, e surge como um dos melhores exemplos da arquitectura do ferro no Porto. A ponte Luís I começa a ser edificada em 1881 e acaba de ser construída em 1888, e é um exemplar único de uma ponte com dois tabuleiros, mostrando mais uma vez a inovação na cidade do Porto na época. Ainda, nesta altura começa a ser construído o Porto de Leixões.

“*O arranque do século XIX, para além de ter coincidido com a morte do segundo Almada e a estagnação da acção da Junta de Obras Públicas, funcionou também como um travão ao crescimento demográfico da população portuense.*”¹² Aliado a isto, a crise económica e as invasões francesas e, ainda a instabilidade social provocaram uma perda de população no centro da cidade.¹³ A segunda metade do século foi marcada precisamente pelo oposto. Entre 1864 e 1900, a população urbana aumentou cerca de 75% e a cidade do Porto chegou a ter o maior crescimento populacional a nível nacional.

No final do século XIX, a cidade do Porto, principalmente nas freguesias do Bonfim, Sé e São Nicolau, assistiu-se a uma grande taxa de mortalidade. Esta taxa está associada a inúmeras doenças infecto-contagiosas que se proporcionaram devido às condições de insalubridade presentes pela cidade. Com isto, a cidade do Porto chegou mesmo a ser isolada do resto do país, resultando em graves problemas económicos e a uma acentuação da pobreza por parte dos mais desfavorecidos.

Mas, apesar desta enorme taxa de mortalidade, a população continuava a crescer. Isto deveu-se a migrações de população proveniente do Norte do Portugal que estava a atravessar

11. *ibidem*, pag. 386

12. PINTO, Jorge Ricardo, *O Porto Oriental no final do século XIX: Um retrato Urbano*, Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 98

13. *ibidem*, p. 98

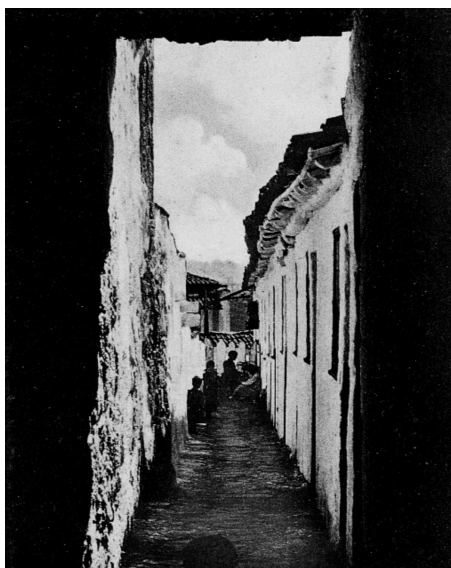


FIG. 4 - Fotografia Ilha do Porto



FIG. 5 - Fotografia Ilha do Porto

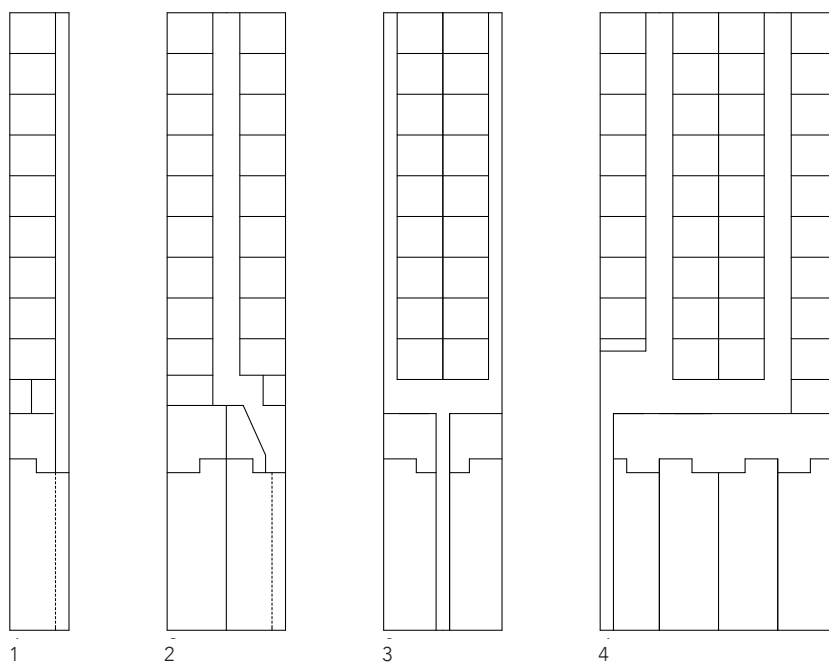


FIG. 6 - Planta dos principais "tipo" de ilha

1- Ilha construída num único lote

2- Ilha construída em dois lotes com corredor central

3- Ilha construída em dois lotes, com casas dispostas costas com costas e dois corredores laterais de acesso

4- Ilha construída em terrenos de traseiras correspondendo a vários lotes. Filas sucessivas de casas dispostas costas com costas

uma crise na agricultura, via o Porto como uma oportunidade de arranjar trabalho. Com a expansão da linha férrea as populações rurais conseguiam dirigir-se ao Porto com muito mais facilidade.

Também dentro da cidade do Porto se assistiu a um êxodo interno, em que a população se dirigia em direcção ao Bonfim, num escape ao centro do Porto. Tanto a sociedade burguesa, como a classe trabalhadora tentavam-se aproximar das fábricas onde trabalhavam, numa altura em que a indústria evoluía constantemente.

Assim, a cidade do Porto foi ocupada de uma forma bastante rápida, uma vez que acolhia as pessoas vindas do mundo rural. A chegada desta população acaba por abastecer de mão de obra as indústrias presentes na cidade portuense, que atravessava por uma fase de grande desenvolvimento. No entanto, as condições de vida da classe trabalhadora foram piorando cada vez mais nas últimas décadas no século, mais precisamente a partir de 1880. Devido à prática de salários medíocres, as rendas tinham-se ser bastante baixas para esta população conseguir comportar os custos. Podemos traçar a origem das ilhas como uma resposta imediata a uma necessidade de habitação para a classe trabalhadora. Este tipo de habitação teve bastante procura na sociedade desfavorecida e um grande impacto na cidade, sendo que em 1899, segundo Ricardo Jorge¹⁴, um terço da população vivia pelas 5100 habitações presentes nas ilhas, “*gerando um microcosmos cultural e social*”¹⁵.

Este tipo de habitação não remonta a nenhuma relação com qualquer tipo de habitação rural ou urbana, surgindo como forma de habitação singular que se adaptou à situação da cidade naquela época. Neste final de século, as casas das ilhas chegaram a atingir 65% da construção total que se fez no Porto na altura.

As ilhas podem ser caracterizadas como “*filas de pequenas casas, na maior parte dos casos de um só piso, construídas ao longo destes lotes estreitos: numa só fila quando construídas num único lote, ou em duas filas quando construídas em dois lotes. Todas estas casas abriam para um estreito corredor que corria ao longo delas, com uma largura que geralmente não excedia 1,5 ou 2 metros, por vezes diminuindo para cerca de um metro (...)*”¹⁶ “*Este caminho permitia o acesso à casa de banho comum (uma retrete para cinco casas era a média) e à rua, nalguns casos através de um estreito corredor sob a habitação burguesa, construída à face do arruamento. Por vezes a ilha ocupava toda a parcela, e, quando eram construídas em dois lotes, ou se alargava o corredor central ou se construíam as casas*

14. Ricardo Jorge (1858-1939), Médico, professor universitário e escritor

15. PEREIRA, Gaspar Martins, *As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX* in Família, Espaço e Património, Centro de Investigação, Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Porto: 2011, p. 477

16. TEIXEIRA, Manuel C., *Do entendimento da cidade à intervenção urbana: O caso das “ilhas” da cidade do Porto* in Sociedade e Território, Nº2, Porto: Edições Afrontamento, 1995, p. 78



FIG. 7 - Terraced House Backs, Salford, 1970

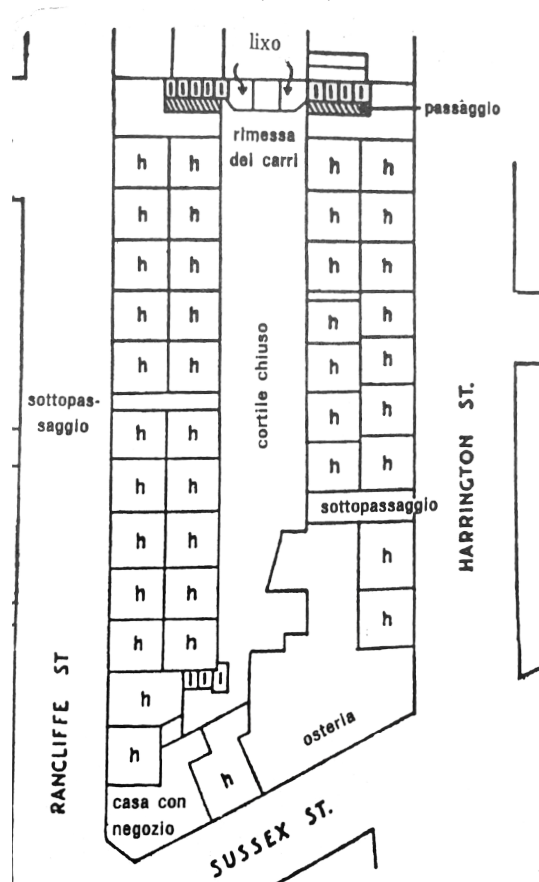


FIG. 8 - Casas operárias em Nottingham

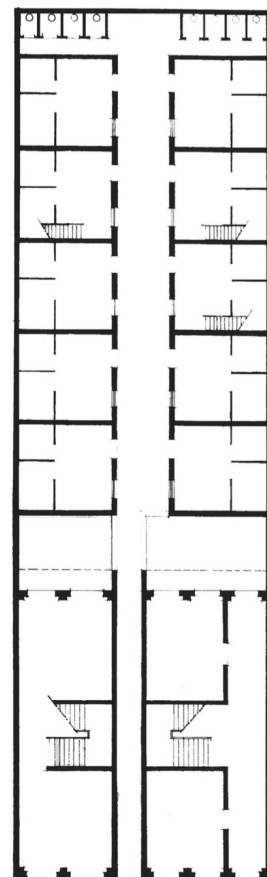


FIG. 9 - Morfologia básica das ilhas

*costas com costas*¹⁷. No fundo, esta tipologia de habitação, surge como um “*espaço em <<concha>>, fechado sobre si mesmo*”¹⁸.

Este tipo de habitação surge como forma de racionalizar ao máximo o espaço do lote que pertencia, na maioria dos casos, à burguesia, da classe média, que ocupava a sua casa na frente de rua. Assim, o comprido logradouro pertencente ao promotor passa a ser dividido por pequenas habitações, destinados aos operários.

*“As áreas de habitação das ilhas eram raramente superiores a 16m², com apenas uma porta e uma janela numa frente regra geral de 4 m. A sala tinha provavelmente 4 x 2,5, o quarto 2,5 x 1,5 m e a cozinha 1,5 x 1,5 m. Por vezes, improvisava-se um pequeno quarto no sótão através de uma escada estreita e íngreme, ainda que as casas das ilhas fossem baixas (2 a 2,5 m de altura), com ausência de ventilação cruzada e com janelas muito pequenas para o espaço que deveriam iluminar. Os interiores eram em madeira que se degradava rapidamente com o clima húmido do Porto, sendo que a maior parte não tinha esgotos nem abastecimento de água, proporcionando um meio de cultura ideal para as bactérias.”*¹⁹

A entrada para as ilhas, era feita através de um estreito corredor, que se abria através de um vão da casa burguesa (ou de um estreito acesso lateral). Os equipamentos eram comuns, como as casas de banho que se encontravam no exterior. Esta disposição leva a uma vida em comunidade, que se caracteriza pelas estreitas relações de vizinhança. No entanto, esta débil distinção entre o público e o privado leva à presença de um espaço único, sociocultural, onde os estranhos se sentem intimidados a entrar.

Apesar de as ilhas serem um forte presença na cidade, ainda não se sabe ao certo a sua origem. Por um lado, no século XVIII já se tinha feito referência a esta tipologia e, por outro, ainda antes, numa inquirição de D.Afonso IV ao Porto, já se fazia referência a conjuntos de habitações que apenas continham uma saída para a rua, evocando assim a tipologia conhecida da ilha.²⁰

No entanto, foi no final do século XIX que este tipo de habitação começou a aparecer em força na cidade portuense, na sequência da forte industrialização na época e do forte êxodo que se verificou. A tipologia das ilhas também terá como influência as primeiras formas das back-to-back houses em Leeds, uma vez que a burguesia portuguesa já mantinha relações com os ingleses, devido ao negócio do comércio do vinho do Porto, como já se tinha aferido nas obras dos Almadas, As semelhanças entre as ilhas e este tipo de habitação inglesa

17. PINTO, Jorge Ricardo, *O Porto Oriental no final do século XIX: Um retrato Urbano*, Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 119

18. PEREIRA, Gaspar Martins, *As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX* in Família, Espaço e Património, Centro de Investigação, Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Porto: 2011, p. 480

19. PINTO, Jorge Ricardo, *O Porto Oriental no final do século XIX: Um retrato Urbano*, Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 133

20. *ibidem*, p. 120

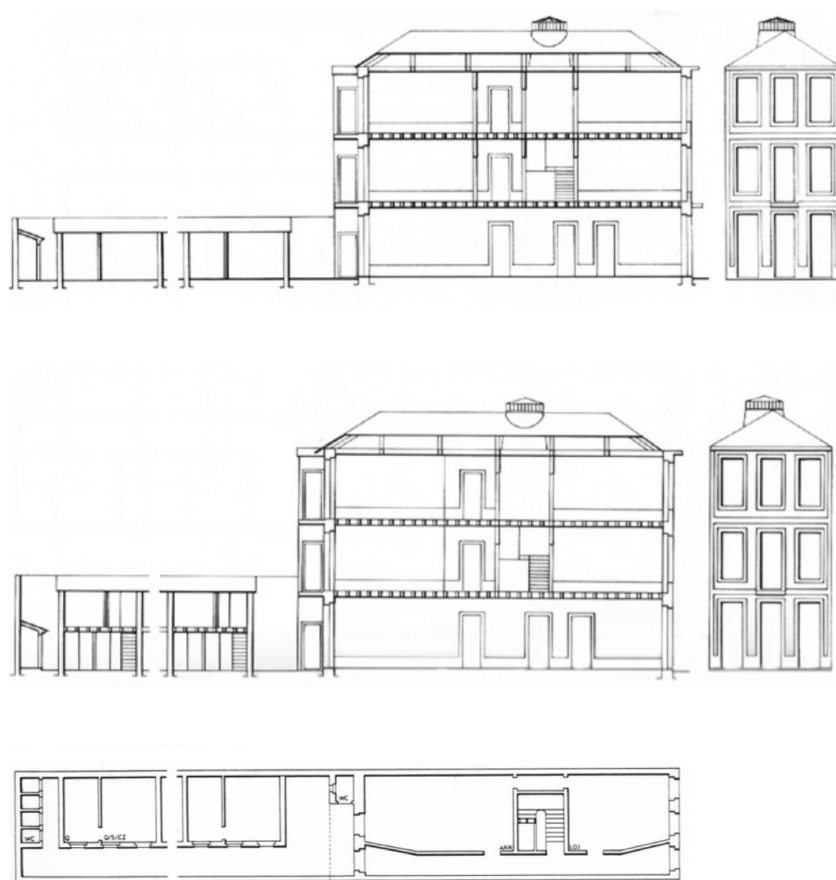


FIG. 10 - Desenhos de uma casa burguesa com a presença de uma ilha nas suas traseiras

constatam-se na morfologia, no propósito da sua construção e, ainda, nos seus promotores que viam este tipo de habitação como uma oportunidade de negócio.

Estas pequenas habitações inglesas surgiam com um ou dois andares, formando longas filas e em que o limite da casa era composto por uma estreita rua, não pavimentada. Por serem construídos com orçamentos bastantes baixos, apenas existia uma fachada livre, sendo que as restantes paredes serviam para a justaposição de outras casas, formando por vezes grandes bairros. Uma vez que os materiais eram bastante fracos, as habitações deterioravam-se com bastante facilidade, levando assim a péssimas condições de habitabilidade. Este tipo de habitações surgiu em Leeds, pela primeira vez na década de 80, de setecentos e, apesar de no início do século seguinte proibirem a construção deste tipo de habitação, estas continuaram a ser construídas de modo a abrigar a população mais pobre. O exterior das casas não chegava a exceder os 4,5x4,5 metros e eram compostas por uma cave, uma cozinha e um pequeno quarto improvisado no sótão. (arranjar referencias)

Como as ilhas eram construídas no interior dos quarteirões, não estavam sujeitas a controlo municipal, uma vez que segundo o Código de Posturas Municipais de 1869 apenas se limitava ao que era visível da rua. Desta forma, as ilhas eram um negócio para a sociedade burguesa industrial, que viam uma oportunidade de fazer rentabilizar o seu comprido logradouro, devido ao baixo investimento e à quase nula manutenção necessários. Na generalidade dos casos, para garantir o acesso à ilha, destinavam um dos três vãos existentes na fachada principal a um acesso em corredor até às traseiras. Perante uma negra situação dos salários da classe trabalhadora, estes pequenos investidores apostaram cada vez mais neste tipo de habitação, para albergar a população necessitada, e ter um rendimento acrescido.

No entanto, devido à enorme taxa de mortalidade e à proliferação de diversas epidemias, este tipo de habitação era encarado como “*foco de infecção física, que ameaçava contagiar a cidade*”.²¹ Por essa razão os municípios começaram a tomar atitudes perante este cenário preocupante. No caso do Porto, a partir de meados da década de 80 de Oitocentos, a Câmara Municipal começou a promulgar uma série de medidas com o intuito de melhorar esta situação. Insere-se nesse conjunto de ações o novo código de posturas, publicado em 1889, que regulamenta que todas as construções existentes até cinco metros da frente de rua necessitam de uma licença de construção.

Uma vez que o novo código apenas obrigava à entrega do alçado e, uma vez que as ilhas se encontravam a cerca de 15 metros da frente de rua e como não existiam outras alternativas para esta sociedade com salários miseráveis, as ilhas continuaram a ser construídas ilegalmente, levando até que no início do século XX o número de ilhas tivesse

21. PEREIRA, Gaspar Martins, *As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX* in Família, Espaço e Património, Centro de Investigação, Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Porto: 2011, p. 481

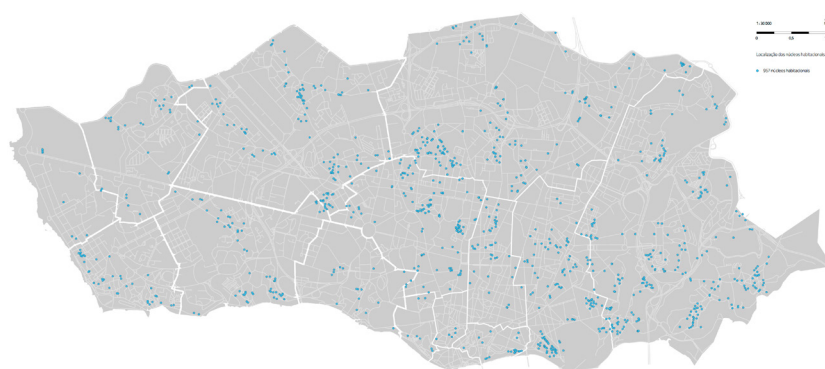


FIG. 11 - Localização dos núcleos habitacionais na cidade do Porto

aumentado. Esta aglomeração de operários revoltados, que viviam em péssimas condições, levou à organização de diversas manifestações.

Nas últimas três décadas do século XIX, a tipologia das casas burguesas acaba por se modificar, levando a dois tipos distintos que marcam a cidade do Porto. Por um lado, a tipologia construída outrora distinguia-se pela sua estreita largura e ainda por uma altura considerável, por se encontrar na cidade histórica, consolidada e densificada, tendo na maior dos casos mais de três pisos. A fachada era marcada por um ritmo de três vãos, e o piso do rés-do-chão era destinado a actividades como comércio, oficina ou mesmo armazém. A existência dos três vãos levava a distintas entradas: uma de acesso à habitação, outra de acesso à actividade do rés-do-chão e outra de acesso às traseiras do edifício, o que levava à possibilidade da construção da ilha.

A nova tipologia da casa burguesa, aparece nas áreas de expansão da cidade e surge como única função a habitação, tornando os edifícios monofuncionais. Nesta tipologia aparece uma cave sobrelevada, formando, assim, pequenas janelas que permitem a iluminação deste espaço interior. Desta forma, esta nova casa burguesa leva à inexistência de um piso térreo, funcionando assim, como uma barreira para a construção da ilha nas traseiras da habitação. Esta fachada é formada por uma só porta e por duas pequenas janelas.

No levantamento feito pela Câmara Municipal do Porto, em 2015, contavam-se ainda um total de 957 núcleos habitacionais caracterizados como ilhas ou tipologia similar, englobando um total de cerca de 10500 habitantes, divididos em 4900 alojamentos ocupados, o que representa aproximadamente 5% da população residente do concelho do Porto. Estes dados contrastam bastante com os valores de 1940, onde 60000 pessoas viviam em 1153 ilhas.²²

22. BREDÁ VÁZQUEZ, Isabel, CONCEIÇÃO, Paulo, *Ilhas do Porto - Levantamento e Caracterização*, Porto, U.P., 2015, p. 145.



FIG. 12 - Planta da cidade do Porto, de 1833, desenhada por W. B. Clarke



FIG. 13 - Planta do Porto. 1844

1.2| CONTEXTUALIZAÇÃO

BAIRRO HERCULANO

A Quinta do Fragoeiro, situada na zona oriental da cidade do Porto, era composta, maioritariamente, por campos agrícolas, e ainda por pequenas habitações de apoio a esta actividade. Na planta de 1813, da autoria de George Balck a propriedade é bastante notória. A Quinta era limitada “*a sul, a orla do planalto onde se situava, sobranceiro ao rio; a norte, a Rua de S. Lázaro, paralela à Rua Direita de S. Ildefonso; para Oeste, as velhas muralhas do Porto; a Quinta da Fraga ficava próxima, do lado leste.*”²³

Apesar de quase todas as propriedades nas proximidades da Quinta do Fragoeiro, que se encontravam próximas do centro da cidade, já estarem urbanizadas, esta propriedade ainda se encontrava sem construção. Este cenário manteve-se ao longo de cerca de 30 anos, como é possível verificar na planta da cidade do Porto de 1844. Nessa altura, a rua de S. Victor já começava a sua fase de construção, que atravessava a Quinta da Fraga.

A partir de 1875, a Quinta do Fragoeiro, propriedade da família Cyrne de Madureira e, no final do século XIX, da família Pinto Basto, foi alvo de uma grande acção urbanística, que viria a elevar a potencialidade daquele lado da cidade. Pretendia-se que esta acção fosse realizada na década de 1860, mas apenas foi concluída no final da década de 1880.

Chegou ainda, a ser pensada, na sequência da criação de uma nova linha ferroviária que ligasse Campanhã a Alfandega, que a Quinta do Fragoeiro albergasse a implantação da chamada *estação central*, no entanto esta intervenção nunca chegou a acontecer.

De forma a rentabilizar e popularizar o seu território, os proprietários da quinta doaram parte do seu terreno à Câmara Municipal do Porto para a realização de intervenções urbanísticas que visavam dinamizar a zona oriental da cidade.

O terreno foi rompido por duas ruas perpendiculares, que se intersectavam no centro da própria Quinta. A sua abertura foi um importante passo, apesar de a sua construção ter passado por um processo difícil. Foram planeadas desde meados da década de 1860, apesar de o processo foi iniciado em 1875, e apenas ter sido concluído dez anos mais tarde. Assim nascem as duas ruas que eram aguardadas com bastante expectativa, a Rua Alexandre Herculano, antiga Rua Nova da Batalha, que ligava a Praça da Batalha à Alameda das Fontainhas e a Rua Duque de Loulé. Desta forma nascem quatro novas frentes de rua que tinham cerca de 700 metros de comprimento. O engenheiro responsável pela abertura destes arruamentos foi o engenheiro do município, João Carlos d’Almeida.

A abertura destas duas ruas representa um grande desenvolvimento urbano para a

23. TEIXEIRA, Manuel C., *Habitação Popular Oitocentista*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 332



FIG. 14 - Desenho a óleo de Henrique Pousão, representando as obras de abertura da Rua Alexandre Herculano. Reprodução fotográfica de Teófilo Rego

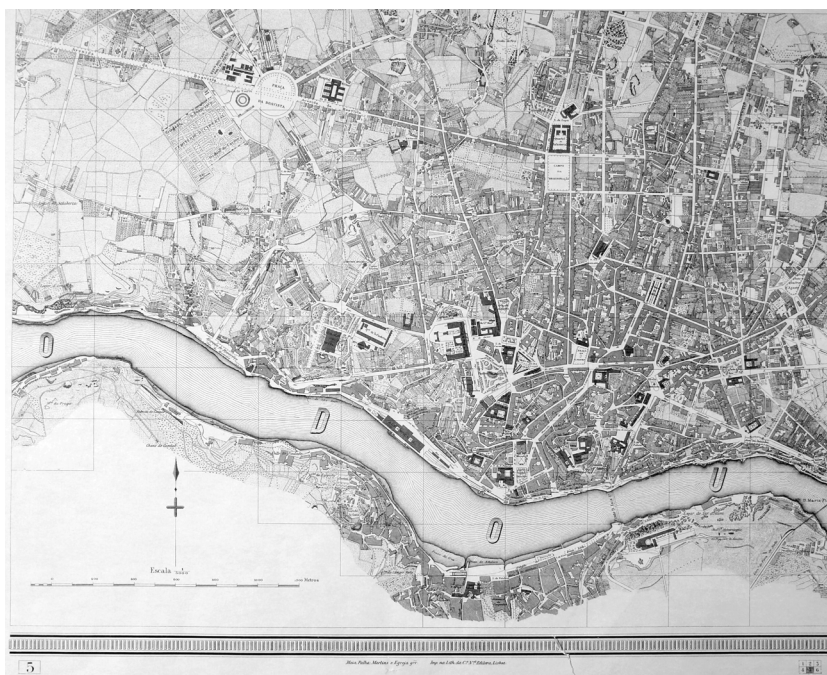


FIG. 15 - Planta do Porto. Telles Ferreira

zona. A abertura da Rua Alexandre Herculano teve um papel de destaque nesta evolução, uma vez que, ao contrário da maior parte dos arruamentos construídos naquela época, que assim como a Rua Duque de Loulé, rondavam os 13 metros de largura, esta rua tinha 18 metros, a mesma largura da Rua Sá da Bandeira. Esta decisão denota a grande importância e preocupação, por parte da Câmara Municipal, em desenvolver esta parte da cidade. É possível verificar que nas décadas seguintes à abertura da Rua Alexandre Herculano, foram surgindo edifícios de grande importância, como o Teatro Éden e o Teatro D. Afonso, que demonstravam o grande interesse em dinamizar e elevar o estatuto daquela zona.

Apesar de todo o interesse demonstrado, esta zona oriental da cidade continuou estagnada durante muito tempo, o que levou a uma rápida expansão da habitação operária, principalmente na Rua de S. Victor e na sua envolvente. Desta forma, quando as novas ruas foram construídas já existiam diversas ilhas nas imediações da quinta, o que levou a que esta propriedade nunca atingisse as características burguesas pretendidas pelos promotores.

É, nesta Quinta, que é planeado o Bairro Herculano, implementado entre a Rua das Fontainhas, arruamento antigo e, a Rua Alexandre Herculano, rua recentemente aberta que já contava com a construção do bairro. Os dois promotores do Bairro, Maria Augusta Pinto Basto Martins e o marido Manuel Lopes Martins, herdeiros da família Pinto Basto, tinham planeado, já desde a década de 70 usufruir da valioso terreno que tinham recebido como emprazamento, a construção de um novo bairro operário, com melhores condições de vida e, que ao mesmo tempo, tirasse partido da abertura da Rua Alexandre Herculano e, ainda da proximidade da Praça da Batalha.

Anteriormente à construção do bairro, parte do terreno da Quinta do Fragoeiro foi arrendada à empresa de transportes Nova Companhia de Viação Portuense, fundada em 1871, e que fazia a ligação rodoviária do Porto ao Norte de Portugal. “*Os directores da empresa eram Gustavo Ferreira Pinto Basto, proprietário, e Manuel Lopes Martins, comerciante, respectivo filho e genro de Adriano Ferreira Pinto Basto*”²⁴, proprietário da Quinta do Fragoeiro. A propriedade foi arrendada por 12 anos e consistia em “*casas e quintal, sitas na Rua de S. Lázaro n.ºs 403 a 409, freguesia da Sé(...)*”²⁵ Ao percorrer a actual Avenida Rodrigues de Freitas, antiga Rua de São Lázaro, é possível denotar a presença da antiga empresa de viação, nos números de polícia acima referidos.

Na primeira descrição feita do Bairro, em 1880, este é descrito como “*um grande terreno a seguir aos muros do jardim o qual antigamente era chamado a quinta e hoje está destinado para edificações e para a formação d’um bairro novo denominado – Bairro Herculano – tendo já cerca de setenta casas térreas e sobradas edificadas e em edificação.*”²⁶ Já “*em 1886,*

24. *ibidem*, p. 334

25. *ibidem*

26. CRPP, 1.º Livro B58, n.º 17257, p. 55v.

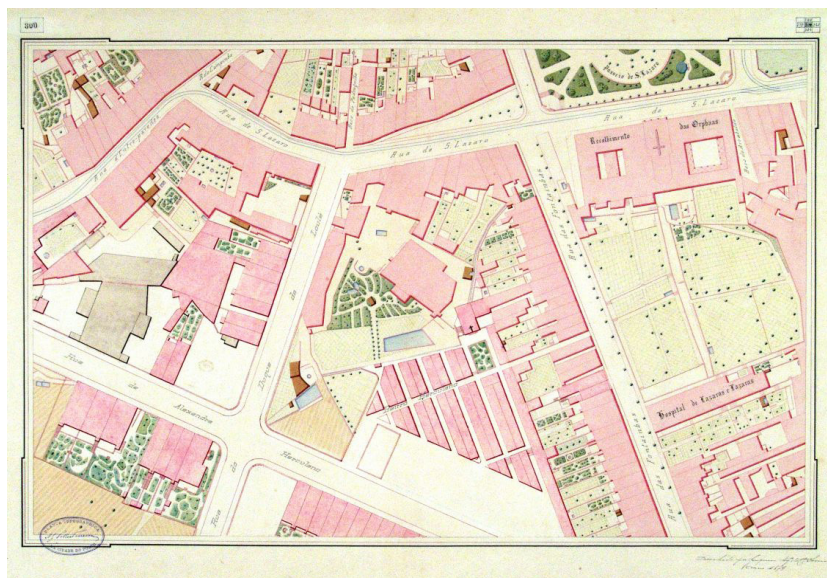


FIG. 16 - Planta do Porto. Telles Ferreira

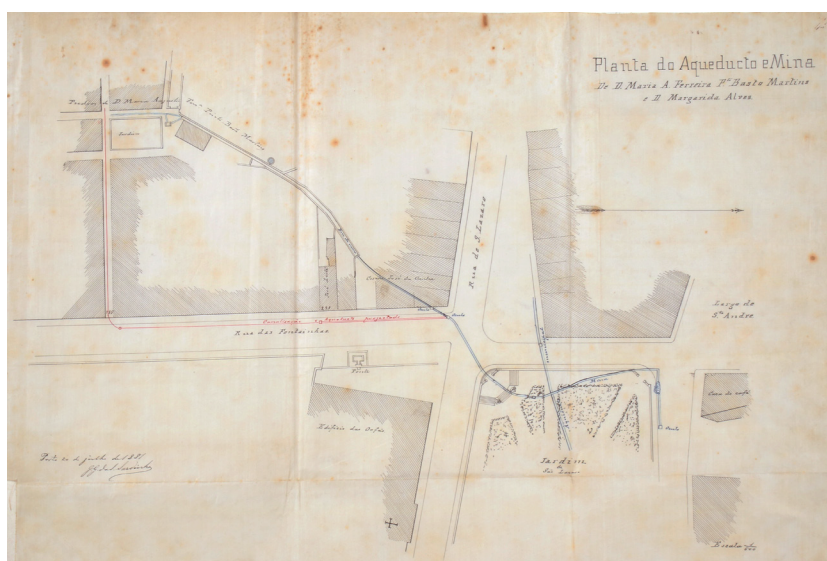


FIG. 17 - Planta do Aqueduto e Mina. CMP

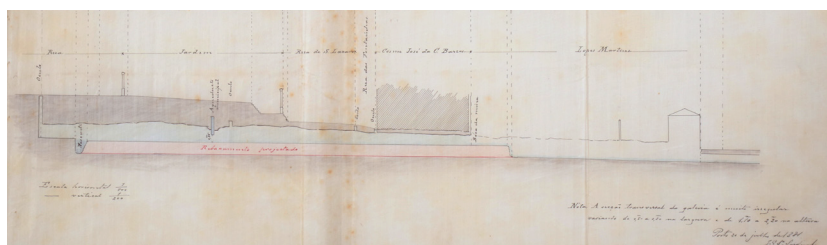


FIG. 18 - Perfil do Aqueduto e Mina. CMP

*existiam 129 casas, um pequeno jardim, taques, mercearia e capela.*²⁷

A rápida edificação do Bairro leva a crer que este já tinha sido planeado previamente, possivelmente pelo falecido Pinto Basto, e que apenas a demora na abertura das duas novas ruas é que atrasou a construção deste novo bairro.

Apenas depois de três empréstimos ao Banco é que os proprietários do Bairro Herculano conseguiram edificar o mesmo, “*proporcionando, naquele momento, condições de habitabilidade invejáveis face a qualquer outro empreendimento para classes operárias, quer na parte oriental, quer em toda a cidade do Porto.*”²⁸ O bairro, para além de vários equipamentos referidos anteriormente, tinha também o seu próprio abastecimento de água independente que estava ligado à nascente situada no Jardim de São Lázaro, primeiro jardim público da cidade, do qual Maria Augusta Martins era co-proprietária. Desta forma o Bairro Herculano é visto, muitas vezes, como um modelo “único nesta cidade onde se pode habitar”²⁹ e, em 1883, o escritor Ramalho Ortigão via o bairro como um grande melhoramento da cidade e ainda referiu/escreveu “*O Bairro Herculano, entre o Jardim de São Lázaro e as Fontainhas, é um recinto murado, fechado por uma grade de ferro, compreendendo 200 ou 300 casas, de rés-de-chão, ou de um andar, comodamente alinhadas, com pequeno jardim comum, um mercado, lavadouros, enxugadouros, etc.*”³⁰

Ao mesmo tempo que a Rua Alexandre Herculano estava a ser aberta e, com isso, o Bairro Herculano a ser planeado, a frente de rua foi dividida em 17 lotes individuais, com as medidas de 6,6 metros de largura e 25 metros de profundidade, que viriam a ser ocupados pela habitação burguesa.

No entanto, uma vez que o desenvolvimento do bairro foi planeado e executado apenas pelo proprietário do terreno e a responsabilidade da construção da frente de rua era dividida por várias pessoas, o Bairro Herculano ficou concluído muito antes dos lotes individuais o estarem, situação perceptível na planta de 1892 de Telles Ferreira. Assim, a ideia inicial de a realidade do bairro estar escondida pelas habitações burguesas não foi bem sucedida, o que levou à dificuldade de venda dos lotes que compunham a nova Rua Alexandre Herculano. Deste modo, a Rua Alexandre Herculano não chegou a adquirir o estatuto pretendido por parte dos promotores. A proximidade com a zona de S. Victor e também com a existência do Bairro Herculano, criou uma entrave para a classe burguesa, levando esta a optar por outras soluções, que à partida pareciam mais agradáveis.

27. TEIXEIRA, Manuel C., *Habitação Popular Oitocentista*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996, p. 331

28. PINTO, Jorge Ricardo, *O Porto Oriental no final do século XIX: Um retrato Urbano*, Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 133

29. Folha Nova, Nº 62 – 7 de Agosto 1885

30. ORTIGÃO, Ramalho – *As Farpas. O País e a Sociedade Portuguesa*. Lisboa, edição de 1971, tomo I, p. 141-142.



FIG. 19 - Vista dos lotes da Rua das Fontainhas



FIG. 20 - Rua Alexandre Herculano



FIG. 21 - Troço inferior da Rua Alexandre Herculano

Devido ao Bairro ter sido construído com uma grande preocupação, e de apresentar condições bastante superiores aos das ilhas da restante cidade, o mesmo acabou por conduzir o seu promotor à ruína, tendo este falhado no cálculo de rendibilidade do seu empreendimento. “*As rendas oscilavam aí entre os 2000 e os 5000 réis mensais. Ora em muitas outras ilhas das proximidades os alugueres rondavam os 600-800 réis*”³¹. Assim, apesar de nas outras ilhas as condições de vida serem consideravelmente mais baixas, as classes operárias não tinham quaisquer possibilidades de pagar o valor da renda do Bairro Herculano. Devido à grande dificuldade de aluguer, e mesmo com valores de renda inferiores aos esperados, as casas continuavam por preencher, e o promotor não conseguiu recuperar o seu investimento. Apesar das classes médias terem possibilidades de alugar as casas no Bairro Herculano, estas não o faziam pois o consideravam que seria uma perda de estatuto perante a sociedade, uma vez que o bairro era visto como uma ilha.

Ao mesmo tempo, o outro negócio do promotor Manuel Lopes Martins, a Nova Companhia de Viação Portuense, entrou em decadência, numa altura em que os caminhos-de-ferro, que agora também ligavam o Porto ao Norte de Portugal, era um novo e muito forte concorrente da empresa de viação.

Com isto, em 1892, o Bairro Herculano juntamente com 17 lotes na Rua Alexandre Herculano passaram em definitivo para o crédito predial português. Mais tarde, em 1922, o Banco vendeu o Bairro Herculano a Eduardo de Albuquerque de Quadros de Corte-Real que vendeu as habitações aos próprios moradores e, ainda, a pequenos investidores de modo a alugarem várias casas no mesmo bairro. As iniciais 129 casas passaram a ser 142, de modo a rentabilizar mais o bairro. Em 1989, no inquérito feito às ilhas, estavam 70 casas vendidas do total das 142.

É possível verificar, que o Bairro Herculano foi planeado e construído de forma a ser mais do que uma ilha, e tentar proporcionar condições de vida superiores ao encontrados nas ilhas envolventes. Desta forma, uma vez que a classe operária não podia suportar os custos das rendas do bairro, este foi ocupado por uma classe mais próspera da sociedade trabalhadora, como por exemplo, professores, polícias, lojistas, costureiras, carpinteiros entre outros.

31. PEREIRA, Gaspar Martins, *As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX* in Família, Espaço e Património, Centro de Investigação, Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Porto: 2011, p. 477-493

CAPÍTULO 2 OLHAR O PRESENTE

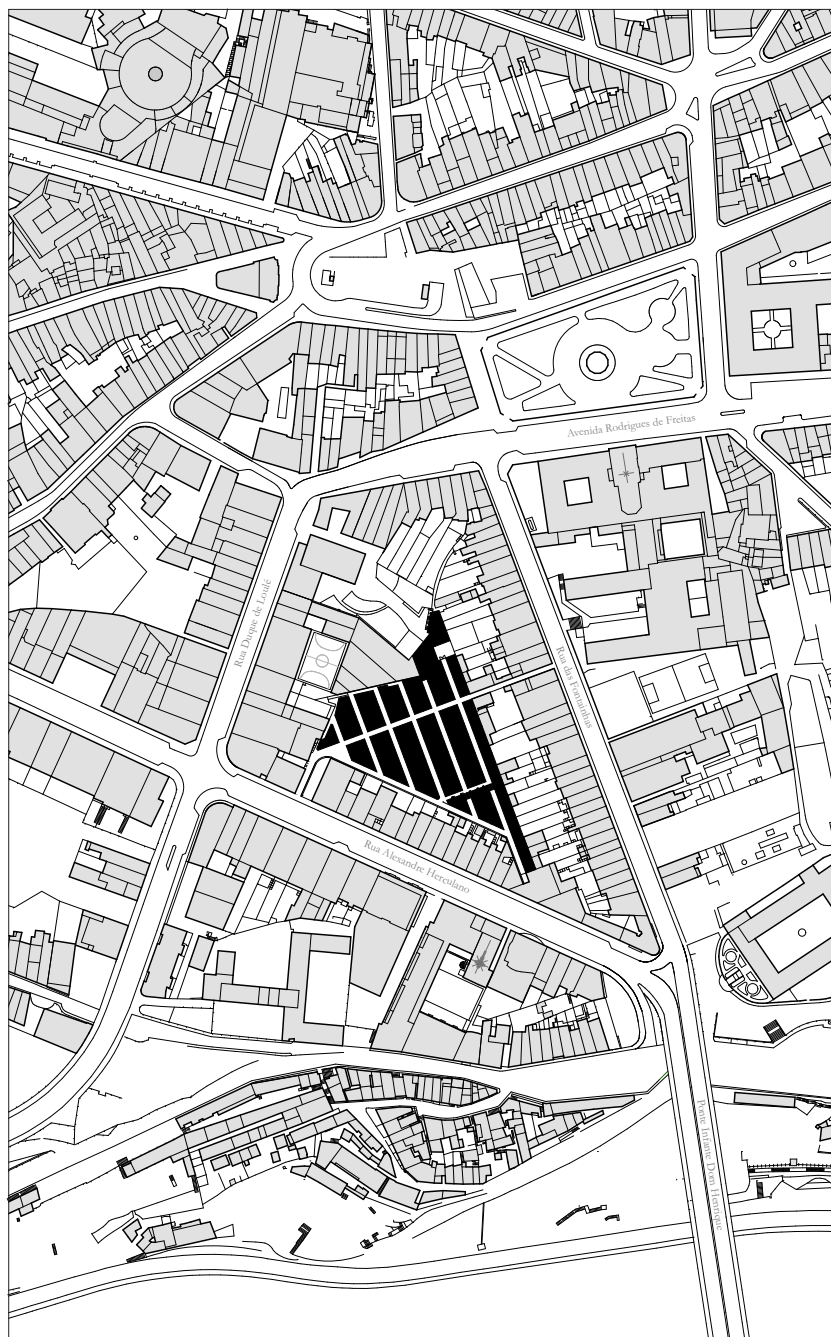


FIG. 22 - Planta de Localização do Bairro Herculano. Desenho 01A, Volume II

2.1| CARACTERIZAÇÃO GERAL E ESTADO ACTUAL

O Bairro Herculano surge sob o conceito de ilha, aos olhos da Câmara Municipal do Porto. Num total de 23 ilhas na freguesia da Sé, o Bairro caracteriza-se por ser a de maiores dimensões e por representar uma excepção quando comparado com as restantes ilhas da freguesia e também da cidade.

Devido à sua localização, com proximidade a diversos transportes públicos, acessos viários, infra-estruturas, equipamentos, entre outros, podemos assumir que o Bairro Herculano se encontra, desde a sua construção, numa zona privilegiada da cidade do Porto,.

O Jardim de São Lázaro, primeiro jardim público do Porto, bem como a Praça dos Poveiros, encontram-se a 300 metros do Bairro. A Praça da Batalha encontra-se a 500 metros, sendo que a Rua Alexandre Herculano, antiga Rua Nova da Batalha foi criada como uma continuação da praça, aumentando assim, a sua relação de proximidade. Temos ainda o Passeio das Fontainhas como espaço público nas proximidades do bairro.

Na sua envolvente podemos encontrar diversos supermercados, restaurantes, cafés, farmácias, o que faz com que os moradores não tenham de se dirigir muito longe para alcançar estes serviços. Grandes equipamentos como a Biblioteca Municipal do Porto, a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e, ainda, o Coliseu, encontram-se a pouca distância do bairro.

Numa distância de um quilómetro, ou pouco mais, feitos a pé, podemos chegar a vários pontos da cidade. A estação de São Bento, inaugurada em 1916, encontra-se a 650 metros do Bairro, e a estação de Campanhã, que surgiu aquando do início da construção do bairro, encontra-se a menos de 2 quilómetros. Em relação a paragens do metro, através do Bairro é possível chegar a cinco, com bastante facilidade. A mais próxima é a estação de São Bento, que se encontra a 700 metros, depois a estação do Campo 24 de Agosto que se encontra a 850 metros e, ainda a do Bolhão que se encontra a 900 metros. As paragens do Heroísmo e Aliados, encontram-se as duas, a um quilómetro do bairro. As paragens de autocarro, como STCP, encontra-se em vários pontos bastante próximos do bairro, e, ainda, o funicular e o eléctrico, estão a uma distância de 500 metros. Com isto, é possível verificar que, para além de uma enorme diversidade que se encontra na envolvente do bairro, é com uma grande facilidade que os moradores chegam a outros pontos da cidade, bem como da sua periferia.

Desde a construção do Bairro Herculano, até aos dias de hoje, esta zona da cidade continuou a evoluir, e a adquirir um carácter mais central, dentro da cidade do Porto. Foram abertas ruas, e o edificado começou a garantir um carácter mais consolidado. No pós 25 de Abril, foi construído o viaduto que liga a Batalha à Rua Duque de Loulé, e ainda, em 2003, foi construída a Ponte do Infante, criando assim mais uma ligação a Vila Nova de Gaia,



FIG. 23 - Entrada do Bairro Herculano a partir da Rua das Fontainhas

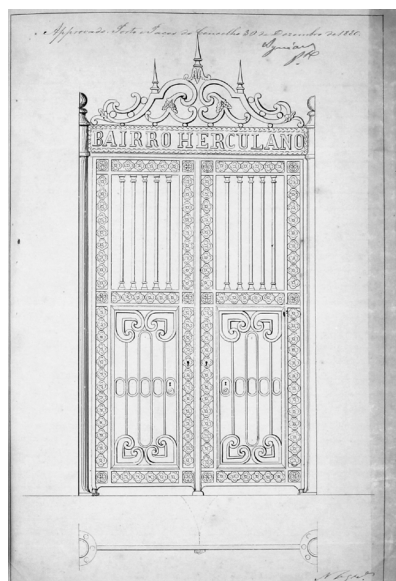


FIG. 24 - Desenho de proposta para a entrada do Bairro Herculano . CMP



FIG. 25 - Rua Principal do Bairro Herculano

proporcionando desta forma um importante atravessamento na cidade, que se prolonga para a Rua das Fontainhas, tornando este um local de bastante afluência.

Podemos constatar que quando o Bairro foi construído a zona em si já era bastante central e com bastantes recursos e que, na actualidade, apesar de esta zona se considerar a “esquecida” do Porto, na verdade, é uma zona bastante central, onde quase tudo se pode encontrar na sua envolvente.

Dessa forma, o Bairro Herculano apresenta-se como “*modelo de morfologia e conceito residencial alternativo*”³² que se desenvolve atrás dos logradouros das habitações burguesas que compõem as frentes de rua. A entrada é feita através de duas ruas, Rua Alexandre Herculano e Rua da Fontainhas. As entradas são tímidas e indiciam um pequeno arruamento que desperta a curiosidade, mas ao mesmo tempo passa despercebido a quem percorre aqueles arruamentos. A entrada através da Rua das Fontainhas está evidenciada e, durante anos, marcava a sua passagem através de um portal em ferro forjado onde estava gravado o nome do bairro. Actualmente apenas se encontra a estrutura exterior do portão. Por outro lado, a entrada na Rua Alexandre Herculano não está tão anunciada e apenas o vazio entre as habitações construídas na frente de rua expressa a entrada no bairro.

Depois de atravessar as entradas para o bairro, deparamo-nos com um contexto habitacional denso, com um traçado harmonioso, que conta com 129 casas de um ou dois pisos, dispostas costas com costas, que desenham 13 pequenos quarteirões, e ainda uma fileira de casas que se encosta ao muro que delimita o limite oriental do bairro, muro este que tanto marca e caracteriza este bairro.

O Bairro Herculano é um exemplo de máxima racionalização do espaço, o que se assemelha às tipologias das ilhas. O seu modo de vida em comunidade, classifica-o como ilha, pelo corredor ladeado de casas, pela implantação de costas-com-costas, pela presença de sanitários públicos e ainda pelo próprio isolamento físico do bairro.

Este é organizado através de 7 arruamentos ortogonais, que tornam este bairro numa excepção perante outros exemplos de ilhas da cidade do Porto. Dos 7 arruamentos, existe um que caracteriza como o principal, e é este que ligue ambas as entradas e que distribui para as restantes ruas.

Surge, assim, o Bairro Herculano, como a “cidade atrás do muro”, um núcleo habitacional capaz de surpreender quem o visita e capaz de reter as mais próprias memórias a quem o habita. Ao atravessar a estreita rua que une as duas entradas do bairro, vamo-nos apercebendo de um microcosmos repleto de singularidades.

A rua principal – Rua Central do Bairro Herculano – surge nua de adereços como vasos

32. PINTO, Jorge Ricardo, *O Porto Oriental no final do século XIX: Um retrato Urbano*, Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 133



FIG. 26 - Entrada pela Rua das Fontainhas



FIG. 27 - Entrada pela Rua das Fontainhas



FIG. 28 - Rua 2



FIG. 29 - Rua 1

de flores e vai servindo, ao longo do dia e ao longo do tempo, como um espaço de passagem para as suas casas ou, ainda, como espaço público, como quando o habitante traz a própria cadeira de casa e se “instala” neste espaço, que é tão próprio do bairro.

É na rua principal que se encontram os equipamentos de apoio planeados previamente para o bairro. A rua rasga, num ponto central, um pequeno espaço público, que antecede a capela ali construída, de raiz juntamente com o bairro. Outrora existiu um pequeno jardim, que agora, o pouco que resta dele encontra-se vedado e serve como depósito de “tralhas” que se vão tornando inúteis e que acabam por ocupar demasiado espaços naquelas pequenas habitações. Na fachada principal da capela foram erguidas algumas construções, que servem como anexos, e que dessa forma impossibilitam a visualização completa da fachada e, por sua vez, impedem a entrada nesta (que se encontra devoluta).

Neste pequeno espaço público é onde também se encontram os sanitários públicos, degradados, que já não servem os habitantes, uma vez que neste momento quase todas as habitações contêm sanitários no seu interior. Como já não têm utilidade, o espaço serve como depósito de material que já não é necessário no interior das habitações.

Ainda, e assim preenchendo quase todo o espaço que restava da pequena “praça”, encontra-se uma habitação diferente de todas as outras, que surge numa fase posterior à construção do bairro.

Era aqui, neste largo, que os habitantes se juntavam em todas as ocasiões, desde a sua rotina do dia-a-dia, até ao S. João, que tanto caracteriza este Bairro e lhe dá reconhecimento. Neste local, estavam reunidas todas as instalações pertencentes ao conjunto, que para além da capela e do jardim, já mencionados, também incluía tanques e, ainda uma mercearia que ocupava o maior edifício do bairro. Neste momento, o espaço público encontra-se preenchido, degradado e não faz jus ao que outrora tinha sido planeado pelo promotor do bairro. Os tanques deixaram de existir, a capela deixou de ter funcionalidade, apesar da sua forte presença no lugar, o jardim passou a ter outra “função” e a mercearia mudou de localização. Agora encontra-se na rua 3 e foi transformada a partir de uma antiga habitação, aproveitando ainda a localização dos antigos tanques, para transformar em armazém deste equipamento.

Para além, destes sanitários públicos, encontram-se outros, noutra ponta do bairro, uma vez que a quantidade de moradores determinava um grande número de sanitários. Estes, tais como os outros já referidos encontram-se “abandonados”, sem qualquer utilização.

Ao contrário da rua principal, as restantes ruas, que acompanham a forte pendente do terreno, no sentido Norte-Sul, estão numeradas de 1 a 6. Estas estão cobertas por imensos adereços que tanto dão alma à rua, representando a extensão do espaço das suas habitações. Assim, estes estreitos arruamentos simbolizam a apropriação do espaço público por cada



FIG. 30 - Rua 4

um. Os vasos com cores infinitas, os tanques de lavar a roupa, os tapetes de adereços que tanto dão alma à rua e reflectem o processo de sedimentação ao longo do tempo.

“Ocupar o território, leva-nos para a ideia da marcação intimamente ligada ao tempo de ocupação; uma espécie de território pessoal que introduz marcas carregadas de uso e de apropriação do espaço-ilha (...) Cada um tem um ritmo e um tempo de acção própria e personalizado, identificado pelo outro que vive a seu lado ou que habita na casa do outro corredor”³³

As casas, apesar de construídas e pensadas na mesma altura, ao longo dos anos foram sendo modificadas pelos seus moradores, tanto em termos de conforto como também estética. Quase todas apresentam cores diferentes, que permitem a distinção rápida a quem pouco conhece o bairro. As varandas passam muitas vezes a marquises e ainda há quem construa pequenos patamares ao longo da casa, de modo aos gatos entrarem e saírem à vontade de sua casa, e há ainda quem diga *“não sou arquitecto, mas também tenho boas ideias”³⁴*

As portas, constantemente abertas, caracterizam, assim, a relação de vizinhança próxima que ali existe, como se fosse uma grande família. Das portas ouvem-se as conversas, a música do rádio, os programas televisivos e assim se compõe o ambiente para quem percorre o bairro. As roupas estendidas também preenchem aquelas ruas criando assim uma dinâmica que flui ao movimento do vento que por ali passa.

É possível denotar, ao percorrer o bairro, o forte ritmo que o acompanha, não só pela forte pendente do terreno, mas também pelas cérceas, que vão variando e, ainda pelo ritmo dado pela marcação das portas e janelas, que de uma forma ordeira, seguem sempre “porta-janela-porta-janela”. Ainda, a sucessiva presença de cores distintas, cria um certo ritmo ao bairro, e foge da monotonia, criando uma certa dinâmica.

33. LAHB Social; Memória Descritiva – Renovação da Ilha da Bela Vista, Operação 2014-2015); Porto, pág.15

34. Sr. Paulo , morador da Rua 4, casa 6



FIG. 31 - Vista da Rua Central do Bairro Herculano



N. B.—282 Arnaldo Soares—Registrado.
Porto antigo—Theatro D. Afonso

FIG. 32 - Teatro D. Afonso



FIG. 33 - Pavimento de uma rua do Bairro Herculano



FIG. 34 - Pavimento na rua do Comércio do Porto

2.1.1| ESPAÇO PÚBLICO

O espaço público surge como a ligação do Bairro Herculano à malha urbana e como palco das vidas dinâmicas presentes neste conjunto habitacional. Apesar de já ter existido uma barreira entre a Rua das Fontainhas e o Bairro Herculano, um portão em ferro forjado, neste momento não existe qualquer obstáculo que divida os dois espaços. Desta forma, os arruamentos que compõem o Bairro, acabam por ser uma continuidade, tanto da Rua das Fontainhas como da Rua Alexandre Herculano, apesar da fraca evidência das entradas para o interior deste quarteirão.

É com grande evidência que o espaço deixa revelar as suas fortes apropriações por parte dos moradores, o que leva a uma forte distinção entre estas estreitas ruas e os arruamentos que compõem este quarteirão.

Após a visita ao local e conversa com os moradores, foi possível constatar que o pavimento que compõe os arruamentos encontra-se degradado e apresenta diversas irregularidades que dificultam o atravessamento do espaço. Dessa forma, o percurso torna-se um obstáculo para muitos moradores com mobilidade reduzida.

Este pavimento surge em calçada em granito, com pedras irregulares, e encontra-se no local desde a construção do Bairro. Uma vez que a Rua Alexandre Herculano foi aberta na mesma altura da construção do Bairro Herculano, possivelmente este arruamento era pavimentando com a mesma calçada que este, levando assim a uma forte ligação entre a frente de rua e o interior do quarteirão, em que o pavimento se distribui ao longo de sete ruas. No entanto, uma vez que a Rua Alexandre Herculano encontra-se alcatroada esta ligação de material já não faz a transição imediata entre o conjunto e o arruamento que liga à Ponte Infante D. Henrique. Ainda assim, é possível perceber através de uma fotografia antigo do Teatro D. Afonso, que actualmente já não existe, que mostra o pavimento em calçada de granito, na Rua Alexandre Herculano.

É possível verificar, ao percorrer a cidade do Porto, principalmente o centro histórico, a presença deste tipo de pavimento que ainda se mantém em algumas ruas, como por exemplo a Rua do Comércio do Porto, na freguesia de São Nicolau, onde os pequenos cubos de granito irregulares acompanham a pendente da rua.

No interior, o pavimento original é mantido, mantendo assim a memória de outros tempos. No entanto, as ruas transversais, ao longo dos anos, foram sendo cimentadas, de forma a garantir um maior conforto para os moradores. Para além de se estar a “esconder” o pavimento original, o cimento acabou por não ser uma boa ideia, uma vez que se encontra degradado e a “levantar” do chão, levando à existência de peças soltas que se tornam obstáculos no percurso.

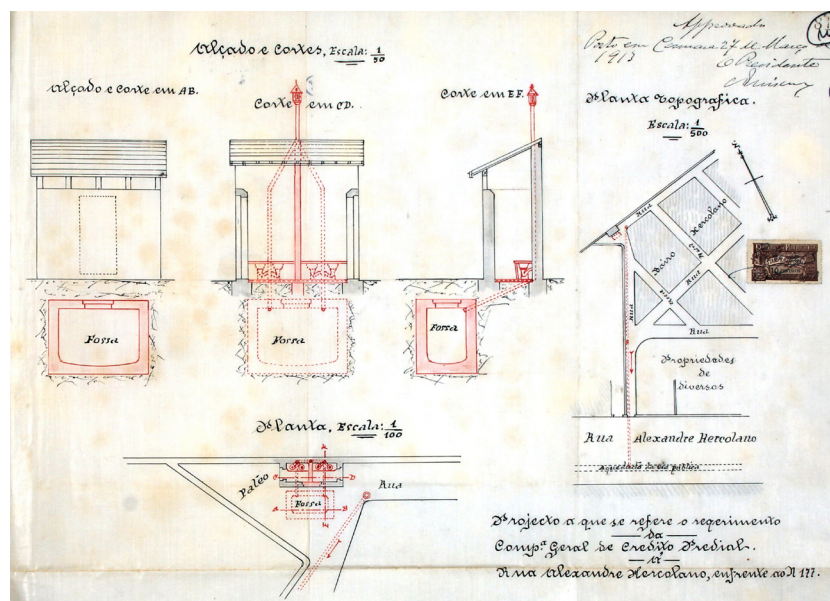


FIG. 35 - Projecto de Saneamento para os sanitários Públicos. Arquivo CMP



FIG. 36 - Planta de Ligações de Saneamento. Desenho 08A, Volume II

Apesar de o Bairro Herculano já existir há cerca de 130 anos, e de se encontrar num ponto central da cidade do Porto, este ainda não possui saneamento comum a todas as habitações, questionando, assim, as condições de salubridade ali presentes. Chegou mesmo a ser notícia, por vários meios sociais, que o bairro ia ser alvo de intervenção, de modo a, finalmente, ter ligações à rede de saneamento e, ainda um novo pavimento, tornando, assim, o Bairro com melhores condições. No entanto, quase três anos se passaram e ainda não existiu qualquer tipo de intervenção a esse nível, e na verdade a nenhum nível.

“O piso desnivelado e irregular, as constantes falhas de água, o cheiro a fossa e as ligações directas ao saneamento do Bairro Herculano, na Sé, têm os dias contados. Depois de décadas e décadas de espera, a Câmara e a Águas do Porto vão meter mãos à obra e trazer para o século XXI o histórico bairro que já conta 128 anos.”³⁵

Ao percorrer a rua principal do bairro é inevitável sentir o cheiro desagradável que se faz sentir através das grelhas de escoamento das águas pluviais. Uma vez que ainda existem várias habitações com falta de saneamento, algumas criaram um sistemas ilegal e acabaram por fazer uma ligação directa à zona de recolha de águas pluviais. Desta forma, as habitações que fazem fronteira com a rua central acabam por ser prejudicadas, devido à proximidade destas grelhas, e acabam mesmo por não abrir as janelas que se viram para este arruamento, criando assim uma certa limitação à vivência da casa.

Recordando outros tempos do Bairro Herculano, em que chegou mesmo a ter uma abastecimento de água independente, como referido anteriormente, que se ligava a uma nascente no Jardim de São Lázaro, agora o bairro atravessa uma fase de estagnação e decadência, numa altura em que os recursos como o saneamento, entre outros, se encontram bastante mais facilitados.

Através de uma análise a vários desenhos do arquivo da Câmara Municipal do Porto, é possível verificar a existência do planeamento de ligações de saneamento para os sanitários públicos que pontuam o bairro, levando mais uma vez à evidência do que outrora foi planeado e previsto para o bairro, agora é esquecido.

A iluminação que pontua o espaço público também é ela importante para a vivência do espaço e para o conforto dos moradores. Presente através de vários candeeiros iguais ao longo dos arruamentos que compõem o bairro, inseridos nas fachadas das habitações, estes criam uma unidade e ritmo que caracterizam o próprio bairro.

Apesar desta preocupação, por parte da Câmara Municipal do Porto, a iluminação não é suficiente quando o sol se põe. A Rua Central do bairro, que une as duas entradas e que se caracteriza por ser a rua mais movimentada e distribuidora para as restantes ruas, carece de

35. Jornal de Notícias, *Saneamento chega a bairro do Porto ao fim de 128 anos*. Disponível em <<http://www.jn.pt/local/noticias/porto/porto/interior/saneamento-chega-a-bairro-do-porto-ao-fim-de-128-anos-4203090>>. Consultado a 7 de Novembro de 2016



FIG. 37 - Candeeiro Público



FIG. 38 - Candeeiro Público

iluminação ao longo da sua extensão. Assim como as ruas transversais, onde são feitas as entradas nas habitações, estas possuem este sistema comum de iluminação, necessitando, assim, de pontos de luz com maior frequência.

De modo a colmatar este problema, os moradores acabaram, ao longo do tempo, por colocar o seu próprio candeeiro por cima da porta de entrada, conduzindo assim a uma apropriação do espaço, a uma existência de vários tipos de candeeiro, que acabam por resolver a falta de iluminação nas ruas.

O mobiliário urbano, como os tanques, estendais, bancos, entre outros, para além de marcarem a apropriação do espaço por parte dos moradores, também acabam por limitar a área de cada habitação e, preenchem os arruamentos de atravessamento e de entrada nas casas e, representam a continuidade da área interior para o exterior, devido à falta do espaço doméstico.



FIG. 39 - Esquisso do espaço envolvente à capela

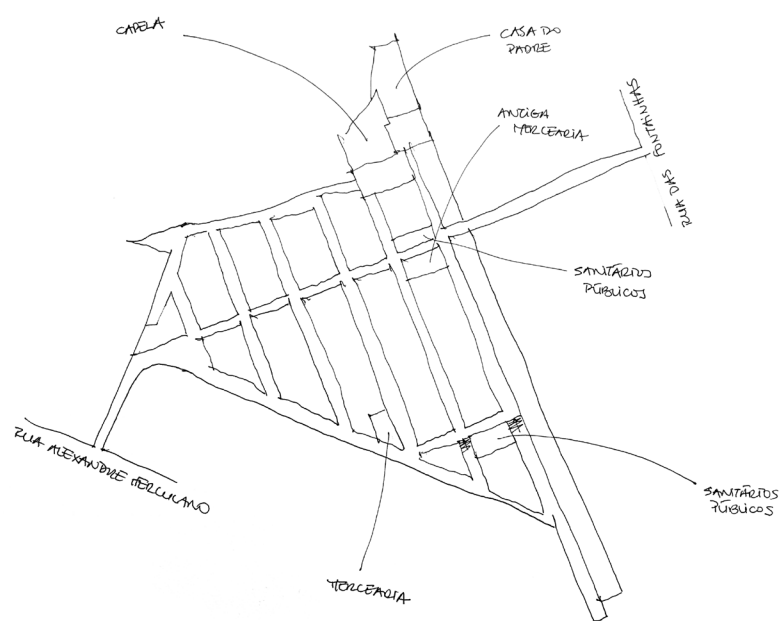


FIG. 40 - Esquisso de localização de Equipamentos

2.1.2| EQUIPAMENTOS

O Bairro Herculano, como referido anteriormente, destaca-se de todas as outras ilhas, não só pela sua morfologia, mas também pela presença de equipamentos pontuais do longo deste. Assim, na extensão do Bairro encontra-se a capela, a casa adjacente a esta, uma mercearia e, ainda os sanitários públicos.

A capela, apesar de ser uma forte presença no bairro, foi perdendo o seu destaque quando os anexos foram construídos na sua fachada. Uma vez que não existem registos fotográficos antigos deste equipamento, nem mesmo desenhos existentes em qualquer arquivo, é de difícil percepção a sua fachada completa. Não se sabe ao certo quando a capela fechou, ou se alguma vez chegou a abrir. Segundo testemunhos de moradores, que nasceram no Bairro, sabe-se que, pelo menos há 70 anos, esta se encontra fechada. Apesar disso, é notório através de uma análise actual que a capela sofreu alterações recentes e que, a sua volumetria foi mesmo modificada, incluindo a sua cobertura. Com isto, foi tapada uma passagem que outrora existiu, que ligava o Bairro a uma cota superior que desembocava numa praça com acesso pela actual Avenida de Rodrigues de Freitas.

Ao lado deste equipamento surge a casa da capela. Esta habitação, com áreas bastante mais favoráveis do que as habitações do bairro, é composta por quatro pisos e tem acesso através de duas cotas: da cota baixa, no bairro, e da cota alta, nas suas traseiras. Também como a capela este edifício encontra-se devoluto, assim como o largo que a antecede, que se encontra encerrado através de um portão. Não se sabe se ao longo dos anos esta habitação foi alvo de alguma ocupação, mas no entanto, percebe-se que esta sofreu intervenções recentes, contendo assim elementos já contemporâneos, como os caixilhos, portas, acabamento e cobertura. Não se sabe qual o tipo de ocupação que esta albergou, uma vez que da mesma forma que a capela não está a funcionar, a casa do padre também não.

Na esquina da Rua 3, de encontro com o muro que delimita o bairro, encontra-se a mercearia, de cor amarela, aproveitada de uma antiga casa, com uma zona de armazenagem que ocupou a localização dos antigos tanques. O Sr. Armando é o dono desta mercearia, apesar de já não ali viver. Nas proximidades existem diversos supermercados para “compras maiores”, no entanto esta mercearia continua activa, e abastece os moradores quando necessitam de algo com maior urgência.

No entanto, esta mercearia não foi a primeira a aparecer no Bairro, como vimos. De facto, aquando da construção deste conjunto habitacional, foi incluída uma mercearia, no edifício de maiores dimensões, com acesso através da Rua Central, em frente ao largo que outrora existiu junta à capela. As duas mercearias chegaram a funcionar ao mesmo tempo, mas, apesar de a mercearia de maiores dimensões ter um maior leque de clientela,



FIG. 41 - Capela



FIG. 42 - Casa da Capela



FIG. 43 - Mercaria



FIG. 44 - Sanitários Públicos - Lavatórios



FIG. 45 - Sanitários Públicos

não só pela sua localização, mas também pela sua oferta, deixou de estar em funcionamento. Nesse mesmo local, que se destaca pela sua volumetria no conjunto, foi recentemente alvo de intervenção, de modo a albergar um alojamento para turistas, de curtas estadias.

Para além dos equipamentos anteriormente referidos, surgem também os sanitários públicos, assim como em todas as ilhas. Na altura de construção do Bairro apenas foram incluídos um pequeno grupo de sanitários. No entanto, ao longo dos anos, devido à sua insuficiência foram construídos mais, pontuados ao longo do conjunto, sendo que a Sul, doze pequenos cubículos ocuparam o lote de uma habitação e, na antiga praça foram construídos outros, que acabaram por “invadir” o espaço de encontro dos moradores. No entanto, uma vez que os moradores foram incluindo casa-de-banho no interior da habitação, estes sanitários deixaram, praticamente, de ser utilizados. Com isto, devido à falta de manutenção e, ainda, às intemperes do tempo, estes elementos encontram-se bastante degradados, promovendo, assim, uma má imagem ao Bairro.

Para além de todos estes equipamentos que completam o Bairro Herculano, também no acesso através da Rua das Fontainhas é possível perceber a existência de alguns pontos de comércio do lado direito, como por exemplo uma serralharia, que, de certa forma, apoiam o bairro. O espaço onde neste momento se encontra serralharia, começou por ser uma padaria com ligação à frente de rua e, mais tarde uma fábrica de carteiras de pele de senhora.



FIG. 46 - Exterior de uma Habitação

2.1.3| HABITAÇÃO

“A habitação é uma presença constante na cidade e é sempre social.”³⁶

A palavra casa, pode ter inúmeros significados de acordo com o dicionário de língua portuguesa. Assim, pode ser *“qualquer edifício destinado a habitação”*; *“local onde se vive, domicílio, morada”*; *“família, lar”*; *“conjunto de membros de uma família”³⁷*

A casa desde sempre que representa uma forte ligação com o habitante. É a partir do ser humano que a casa se torna real, através da interacção do Homem no seu quotidiano. Aqui, o indivíduo habita a casa, adaptando-a e apropriando-a conforme as suas necessidades e o seus hábitos. No fundo, a casa é o reflexo de quem a habita e uma compilação de memórias da vida. Podemos então dizer que a identidade é o que distingue todos os habitantes, como se de uma impressão digital se tratasse, num longo processo evolutivo que resulta em inúmeras variáveis e que pode ser interpretado de diversas formas. Assim, este processo desenrola-se segundo formas de apropriação por parte do habitante, que vai tornando o espaço no seu próprio habitat.

A apropriação surge com a adaptação do espaço pelo habitante, numa ideia de acção, em que o habitante é o protagonista e não um mero espectador. O Homem procura transformar as condições impostas no espaço, alterando-as. Através desta prática, o habitante procura tornar o que é genérico, repetitivo e comum em algo único e pessoal. Assim, a casa ganha vida a partir do momento em que é habitada. Trata-se, então, de um processo dinâmico, inserido numa experiência criativa, em que o acaso vai surgindo num processo no tempo e no espaço.

O Bairro Herculano é composto por 142 habitações, de um ou dois andares que, apesar de serem planeadas e construídas ao mesmo tempo, ao longo dos anos foram sofrendo alterações, por parte dos moradores, levando assim a uma sobreposição de apropriações que criam a identidade de cada família que reside em cada casa, tornando a imagem do Bairro única. Este processo, que decorre há 130 anos, leva a uma enorme diversidade de ambientes, de sensações, de objectos e memórias. Com isto surgem ao longo do bairro variados ritmos, cores, texturas que representam este processo lento e acumulativo e que torna este bairro singular e dinâmico. Podemos verificar, que neste processo, os sinais de ocupação foram-se tornando evidentes, trazendo assim vida a cada habitação e, por sua vez, ao Bairro.

Tanto o exterior da casa, como o interior representam o conceito de adaptação, apropriação e flexibilidade. No entanto, ambos se apresentam de formas distintas, uma vez que um simboliza o “público” e a primeira imagem da habitação, e o interior simboliza o

36. SIZA VIEIRA, Álvaro, *Imaginar a Evidência*, Lisboa: Edições 70, 2000, p. 107

37. Infopédia, Dicionários Porto Editora, disponível em <<<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/casa>>>

“privado”, num ambiente mais acolhedor e intimista. De certa forma, o exterior simboliza uma ideia de territorialidade, em que a identificação da casa é imediata através de várias características distintas. Os vasos das flores, os tanques, os estendais, entre outros, fazem a marcação do território exterior e garantem, aos olhos dos outros, uma ideia de casa cuidada. Cada caixilho é diferente, assim como a porta. A cor da casa, ou o seu revestimento, como azulejos, identificam rapidamente cada habitação e simbolizam a genuína apropriação do espaço.

Já o interior é distinto. Num ambiente com maior privacidade, o espaço adapta-se ao quotidiano dos habitantes e, por muitas vezes, as divisões têm de ser flexíveis devido à falta de espaço presente no interior. Deste modo, a divisão é sala durante o dia e é quarto durante a noite, assim como se flexibiliza o espaço de refeições que pode ocupar diversas áreas na casa. É aqui, neste pequeno espaço interior que a identidade do morador ou moradores é revelada. As memórias surgem nas paredes, nos armários, sob diversas formas, o acumular de objectos e acessórios representa uma vida inteira passada ali no bairro e são estes que tornam a casa num espaço seu e que os fazem sentir confortáveis.

Todas as habitações rondam os 20 metros quadrados de área útil, caso sejam de um piso, ou 40 metros quadrados, no caso de dois pisos. Ao nível térreo as habitações apresentam dois vãos, um como porta de entrada e outro com uma janela, criando assim um ritmo “porta-janela-porta-janela”, ao longo de todo o alçado do pequeno quarteirão do bairro. As habitações de dois pisos contam com mais duas janelas, a eixo com os vãos do piso térreo.

Inicialmente os caixilhos e as portas eram em madeira, mas ao longo dos anos alguns moradores foram substituindo os mesmos por caixilhos e portas de alumínio, para uma menor manutenção e melhor conforto térmico. No entanto, ainda se encontram alguns caixilhos de madeira que já não se apresentam em bom estado de conservação. Em relação aos revestimentos exteriores, também eles são quase todos diferentes entre si. Todas as habitações são erguidas em paredes de alvenaria de pedra, sendo que em alguns casos a própria pedra é deixada à vista e, apenas pintada com diversas cores ao longo do Bairro. Noutros casos, as habitações são rebocadas por fora, apresentando múltiplas cores, criando assim uma paleta diversificada. Mesmo em relação ao reboco, existem alguns lisos e outros texturados, criando assim uma dinâmica quanto às texturas. Outros moradores optam por colocação de azulejos de variadas formas, apresentando também desenhos diferentes. Ainda existem habitações que se encontram revestidas por pedras de granito, tanto polidas como bojardadas. Esta enorme diversidade de materiais, formas e texturas acentuam, assim, a ideia de um constante processo de sedimentação, numa contínua adaptação e transformação no tempo e no espaço.

Ainda no exterior da habitação são vários os elementos que criam unidade e ritmo ao longo do arruamento. Por um lado, quase todas as habitações contêm uma pala por cima da



FIG. 48 - Fotografias de vários caixilhos presentes no Bairro Herculano

porta de entrada, que de uma forma improvisada protegem a entrada da chuva. Por outro, os estendais das habitações, também estes improvisados com estacas em madeira, vão criando diversos ritmos ao longo da rua.

No interior da habitação a questão da apropriação do espaço, adaptação e flexibilidade são bastante perceptíveis assim que se entra na habitação. Os revestimentos e acabamentos são distintos, assim como a organização do espaço, que altera de habitação para habitação, sendo praticamente impossível descrever uma regra de disposição. As escadas podem estar colocadas de várias formas, tanto na sua implantação, como na sua forma e material. Em alguns casos, as escadas são em madeira, noutros casos as escadas são em alumínio ou ferro, e na maior parte das vezes as escadas são pré-fabricadas e adaptadas no local. Tanto podem ser de tiro, como em “L” e mesmo a sua largura é variável nas casas analisadas.

Os revestimentos interiores nas paredes variam entre a alvenaria de pedra à vista, o reboco, o gesso cartonado e a madeira. Já as paredes divisórias são na maioria das vezes em estrutura de madeira e, em alguns casos de intervenções mais recentes, em gesso cartonado.

Em relação ao pavimento, este varia entre soalho em madeira e tijoleira. Já quase nenhuma habitação possui o pavimento original que era em soalho de madeira, devido à grande degradação ao longo destes anos. Ao substituir o antigo pavimento por um novo, os proprietários ou colocaram soalho em madeira ou colocaram tijoleira em toda a extensão da habitação, ou então utilizaram os dois revestimentos para diferenciação das áreas, em que o soalho de madeira reveste todas as áreas com exceção da cozinha e da casa-de-banho.

Uma vez que o espaço dentro de cada habitação é mínimo, quase todos os moradores optaram pela inclusão de cortinas a separar os espaços, em vez de portas, de forma a pouparem o máximo de espaço possível e a utilizarem um maior número de mobílias.

Em relação às anomalias encontradas em cada habitação, não se pode desenvolver muito devido a uma enorme preocupação e cuidado por parte dos moradores, que ao longo dos anos foram arranjando a sua habitação consoante as suas necessidades e possibilidades. No entanto, em alguns casos, o maior problema acaba por ser a falta de ligação de saneamento.

No fundo, as habitações presentes no bairro são marcadas por uma forte presença da passagem do tempo, em que a apropriação e adaptação nas habitações são uma das partes que caracterizam o bairro, aliada à grande dimensão deste conjunto e ao seu processo de sedimentação. Pode-se verificar uma enorme preocupação por parte dos moradores em manter o seu espaço o mais cuidado possível e com as melhores condições de habitabilidade, que foram garantindo ao longo dos anos com pequenas intervenções. Apesar de as áreas serem mínimas, é com bastante satisfação que as pessoas ali vivem, junto da sua família e dos seus pertences.



FIG. 49 - Rua 4



FIG. 50 - Exterior de uma Habitação



FIG. 51 - Exterior de uma Habitação

2.2| VALÊNCIAS E PROBLEMÁTICAS

Ao estudar o Bairro Herculano torna-se fundamental fazer uma análise geral após feita a caracterização e o levantamento do estado actual deste conjunto, de modo a realçar as valências e as problemáticas aqui presentes.

Neste subcapítulo, para além da análise feita anteriormente, são feitas entrevistas aos moradores, em diferentes dias e a pessoas de diferentes géneros e idades. Para isso, foi feito um guião de modo a obter coerência ao longo deste processo. De todas as entrevistas realizadas apenas foram seleccionadas algumas para a inclusão no trabalho. Assim, as questões colocadas passaram por compreender a experiência de viver no Bairro. Deste modo, foram colocadas as seguintes questões: Quais considera serem os pontos positivos e negativos do Bairro?; Qual a sua relação com a vizinhança?; Sente a necessidade de um espaço público no Bairro?; O que mudaria ou acrescentaria no Bairro?; O que o/a mantém a viver aqui?

Em paralelo com as entrevistas, optou-se pelo desenvolvimento de uma ficha técnica de inspecção para uma análise das habitações, contribuindo como outra ferramenta de diagnóstico para este subcapítulo. Uma vez que o número de habitações é bastante elevado, e cada casa é única, é praticamente impossível, através do tratamento de um levantamento sistemático, captar a essência do Bairro. Dessa forma, consoante a disponibilidade dos moradores entrevistados, foi feita uma visita à sua habitação. A aplicação da ficha técnica de inspecção a algumas habitações, e não à totalidade das 142 casas, destinou-se a testar a efectividade da mesma, bem como reconhecer os procedimentos metodológicos que este tipo de intervenção deve determinar.

De modo a conduzir o trabalho, a ficha técnica de inspecção foi dividida em duas partes. A primeira parte passava por uma caracterização geral da habitação, tanto interior como exterior, enquanto que na segunda parte é analisado o estado actual da mesma, com base nos parâmetros considerados anteriormente.

Das onze pessoas entrevistadas, foram visitadas seis habitações, em arruamentos distintos. Todos os entrevistados, vivem no Bairro há bastantes anos, sendo que alguns nasceram e casaram ali. Muitas das vezes, grande parte da sua família também vive no Bairro. Ao contrário de outrora, a média de idades ultrapassa os 60 anos e cada habitação conta com cerca de 2 a 3 moradores.

A relação com a vizinhança é um dos pontos positivos assinalados pelos moradores, caracterizando o espírito de comunidade como uma “grande família”. No entanto, alguns



FIG. 52 - Exterior de uma Habitação

habitantes referem que este ambiente já não é o mesmo, uma vez que cada vez mais há gente nova a ir para lá viver e, há mesmo quem alugue algumas habitações a turistas.

Esta forte relação com o Bairro garante, assim, uma constante preocupação em manter a sua habitação o mais cuidada possível. Desta forma, podemos verificar que os moradores, ao longo do tempo, foram fazendo pequenas alterações, proporcionando uma melhor qualidade de vida ao seu quotidiano, ao seu lar. Com isto, podemos constatar que, apesar das áreas reduzidas no interior das habitações, estas encontram-se em bom estado de conservação. Esta transformação por parte dos moradores, reflecte-se numa “enorme e fragmentada fundação de muitos estratos, materiais tantas vezes sobrepostos (...)”³⁸. Assim, este contínuo processo faz com que o Bairro adquira um carácter identitário único, através de marcas de vida.

Contudo, existem diversas problemáticas, como se foi averiguando ao longo do trabalho, que levam a uma estagnação e a uma gradual degradação do Bairro. Apesar da proximidade com o centro da cidade, ou seja, a diversos serviços, transportes públicos e acessos privilegiados, este conjunto apresenta uma tímida ligação deste conjunto à malha urbana, tornando este bairro num tecido da cidade caído no esquecimento.

A (quase) inexistência de infra-estruturas, como ligações de saneamento, é talvez o maior problema patente no Bairro e o que mais preocupa quem ali vive. Com isto, este espaço torna-se mais vulnerável a questões de higiene e salubridade, impossibilitando algumas das habitações de terem sanitário no seu interior. Esta falha leva, ainda à criação, por parte dos habitantes, de sistemas ilegais que ligam as descargas aos canais de recolha das águas pluviais.

Por outro lado, o pavimento de todos os arruamentos encontra-se bastante degradado levando, assim, a um grande desconforto no seu atravessamento. Este foi outro dos problemas destacado pelos moradores durante as entrevistas, que criticam a Câmara Municipal do Porto de não resolverem qualquer questão ligada a este Bairro.

Apesar dos equipamentos serem uma forte presença no interior deste quarteirão, estes encontram-se em mau estado de conservação, criando assim, dentro do conjunto, espaços de dimensões considerável que não estão a ser utilizados, como por exemplo a capela e a sua casa adjacente.

Por sua vez, os moradores referem a falta de espaços colectivos e também de espaços verdes, levando os estreitos arruamentos a servirem como lugares de encontro e de estar, onde as suas habitações se estendem para o exterior.

38. SIZA VIEIRA, Álvaro, 01 textos, Porto: Civilização Editora, 2009, p. 309



FIG. 53 - Entrevista a Sr. José Gomes durante reportagem de alunos da FLUP

Em relação ao interior das habitações, apesar de terem sido poucas as visitadas, podemos averiguar que estas se encontram em bom estado de conservação. O seu interior é marcado por pequenas intervenções e por um acumular de vidas inteiras ali passadas. As tipologias variam entre T1 e T2, de um ou dois pisos e, distinguem-se bastante umas das outras, tanto a nível de organização de espaço, como na escolha de materiais e sistemas construtivos. Ao longo do tempo, os moradores foram tentando colmatar as anomalias ali encontradas e, por exemplo, colocaram melhores caixilhos e, em alguns casos chegaram mesmo a colocar isolamento térmico no interior. Também encontramos nas habitações vários improvisos, devido à urgente necessidade e à pouca possibilidade monetária. É exemplo disso, as cortinas feitas com remendos; janelas tapadas com bocados de tecido por causa do frio; escadas feitas com madeira de sobras, entre outros.

Nesta abordagem geral, através de variadas ferramentas de diagnóstico, foi possível fazer uma síntese que atravessa este último capítulo. Desta forma, este reconhecimento das valências e das problemáticas presentes no Bairro torna-se mote para abordagens de projecto em coerência com o lugar.

CAPÍTULO 3 PENSAR O FUTURO



FIG. 54 - Fotografia da cidade do Porto

3.1| ESTRATÉGIA GERAL

O estudo realizado até agora teve como objectivo compreender a contextualização histórica do local, a caracterização geral do bairro e uma análise ao seu estado actual, identificando assim as suas valências e as suas potencialidades. Desse modo, foi necessário descobrir o passado e olhar o presente, para pensar o futuro de forma ponderada e consciente. Inicialmente tornou-se necessário entender o Bairro Herculano na cidade, numa escala mais distanciada, partindo assim do geral para o particular, num processo gradual que pretende entender o bairro a vários níveis, na procura por um espaço urbano perceptível e adequado. No fundo, este subcapítulo Estratégia Geral surge com o intuito de perceber a identidade do bairro de forma a propor uma solução que respeito e se adapta ao local, valorizando-o.

O bairro foi construído de raiz, como se tratasse de uma tela branca que foi sendo preenchida ao longo tempo por diversos fragmentos que compõem o conjunto singular que encontramos nos dias de hoje. À imagem da cidade do Porto, onde se identificam inúmeras sobreposições temporais marcadas por tendências e acontecimentos históricos, também encontramos no Bairro esses mesmos princípios/processos.

Em a “Arquitectura da Cidade”, Aldo Rossi defende que a cidade, ao longo do tempo, “*crece sobre si mesma; adquire consciência e memória de si própria*”³⁹. Rossi considera que a cidade é “*a soma de muitas partes, bairros e circunscricões muito diferenciados nas suas características formais e sociológicas*”⁴⁰. Para o arquitecto, a história é outro elemento que possui bastante importância e permite compreender melhor a forma de encarar as cidades, referindo que “*O método histórico parece ser capaz de nos oferecer a verificação mais segura de qualquer hipótese sobre a cidade (...)*”⁴¹. Menciona ainda que “*É provável que esse valor da história, entendida como memória colectiva, portanto como relação da colectividade com o lugar e com a ideia deste, nos dê ou nos ajude a perceber o significado da estrutura urbana, da sua individualidade, da arquitectura da cidade que é a forma desta individualidade*”⁴²

Tal como Aldo Rossi, Siza Vieira valoriza a História como material de trabalho. Esta deve estar vinculada ao projecto, funcionando como ponto de partida para a própria arquitectura. Siza refere que “*a transformação da cidade é fenómeno natural, que deve ser estimulado, e prova vitalidade, se de acordo com as necessidades colectivas consiste, sem dúvida, na mudança e na reinvenção que, ao mesmo tempo, não negligencia os resíduos da história de que é feita a cidade, contributo fundamental à consciência da história e do dever*”⁴³

39. ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*, (2a ed.), (Trad. de José Charters Monteiro), Lisboa: 2001, p. 85

40. *ibidem*

41. *ibidem*, p. 193

42. *ibidem*

43. SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto: Civilização Editora, 2009, p. 19



FIG. 55 - Esquisso de Siza Vieira . Bairro da Malagueira

Para o arquitecto, a cidade não necessita de uma leitura acabada ou fechada, permitindo que se desenvolva ao longo do tempo, através de acrescentos procurando construir uma cidade possível e não ideal. No Bairro da Malagueira, o arquitecto deixa vários espaços em aberto, permitindo que a cidade se desenvolva segundo as suas necessidades. “*Só quem pretende leituras acabadas e imediatas da cidade, e não sabe ler entre as coisas, acredita que a Malagueira esteja incompleta, com algumas zonas indefinidas ou esquecidas.*”⁴⁴

Assim como Rossi e Siza, Kevin Lynch refere a que “*A cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala, algo apenas perceptível no decurso dos longos períodos de tempo*”⁴⁵. Este defende a existência de uma imagem de cidade colectiva, “*um denominador comum das inúmeras imagens pessoais de cada habitante (...)*”⁴⁶, levando a cidade a ser “*algo que se transforma e desenvolve*”⁴⁷.

De certa forma, os autores defendem que a cidade encontra-se em transformação e que esta é composta por fragmentos individuais que acabam por formar o conjunto. Valorizam a importância da história para a compreensão da arquitectura e para a criação desta.

A nova intervenção no Bairro Herculano foi conscientemente ponderada, numa abordagem que valoriza a importância e a histórica do local, de modo a fazer prevalecer a identidade do bairro. Para isso, entende-se o bairro como um fragmento na cidade, que se pretende ligar a esta. Deste modo, foram criadas novas aberturas do bairro para a cidade, tornando assim o quarteirão, entre as Rua das Fontainhas e Rua Alexandre Herculano mais permeável. O intuito foi de vincar o bairro com um traçado cruciforme, que conduz às saídas que ligam ao exterior do quarteirão. Podemos comparar esta atitude com a de Siza Vieira no Bairro da Malagueira, em que o bairro se estrutura a partir de um traçado Este/Oeste, capaz de unir os bairros clandestinos e o encontro com a cidade de Évora. Assim, o Bairro Herculano deixa de ser a cidade atrás do muro, e passa a integrar-se nela. Aqui a ideia passa por um sistema de “*casa-rua-bairro-cidade*” e vice-versa, através de um percurso gradual, em que tudo se relaciona. Desta forma, o espaço público manifesta-se como o elemento unificador de várias realidades que, para além de estar associada ao conceito de mobilidade, tem como objectivo criar espaços de permanência, ressaltando assim a ideia de comunidade existente no bairro. Assim, o espaço público reflecte-se como palco da vida social.

Como exemplo, podemos considerar o Metro do Porto, que surge como uma nova intervenção na cidade, e consequentemente, uma nova sobreposição temporal. Com isto, a cidade do Porto foi reestruturada, com a introdução de “*novas tecnologias*” que trouxeram unidade ao longo de todo o seu percurso, numa intervenção que transforma a cidade até ao mínimo detalhe. Assim, a cidade viu as suas fronteiras bem mais alargadas, tornando o

44. SIZA VIEIRA, Álvaro, *Imaginar a Evidência*, Lisboa: Edições 70, 2000, p. 124

45. LYNCH, Kevin, *A imagem da cidade*, (trad. Maria Tavares Afonso), Lisboa: Edições 70, 1999, p. 11

46. *idibem*, p. 114

47. *idibem*



FIG. 56 - Estação de Metro Serra do Pilar, V. N. de Gaia

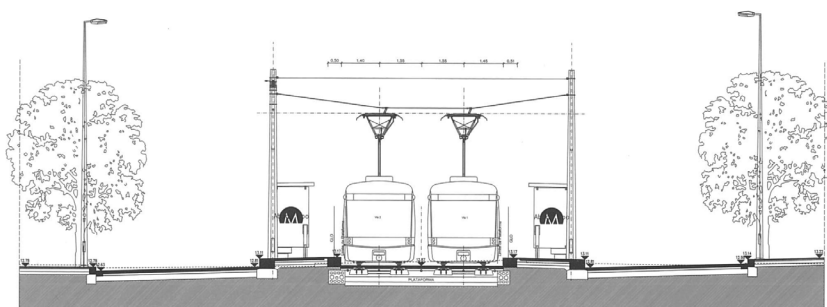


FIG. 57 - Perfil tipo - Metro Porto

Porto mais permeável e com maior capacidade de fluidez.

*“As cidades não mudam por vontade própria ou por decretos políticos, mas pela emergência de sistemas necessários à sua sobrevivência e ao seu desenvolvimento. Foi assim com os Romanos quando sobre dois atalhos que se cruzavam desenharam o Cardus e o Decomanus, e no centro ficou o Forum.”*⁴⁸

Com a chegada do metro, a criação de vários pontos de paragem ao longo da cidade e da sua periferia, levou a uma valorização e tratamento do espaço público. Assim, o trânsito foi reorganizado, foram melhorados os percursos pedonais, arborizados arruamentos. *“Acertaram-se cotas, modelou-se a paisagem, escavou-se o subsolo. Desenhou-se mobiliário urbano, recuperou-se mobiliário urbano, iluminou-se o caminho (...) Para a arquitectura a meta era ‘ntegrar’ Integrar para conseguir a forma. Integrar para diluir nos edifícios e na paisagem a rigidez imposta pelo traçado ferroviário (...)”*⁴⁹. Com esta intervenção, o espaço público surge como potenciador de novas oportunidades, levando a que áreas urbanas, que outrora se encontravam estagnadas, fossem alvo de um desenvolvimento através de um maior investimento do sector privado.

A estratégia geral do Bairro Herculano passa pelos mesmos princípios que os do Metro do Porto, apesar de as escalas serem completamente distintas. Assim, o espaço público surge como indispensável no reinventar de um espaço tradicional, onde os valores de identidade colectiva são fundamentais. Este surge como um elemento estruturante da cidade e da vida social, tornando-se assim como a ‘espinha dorsal’ de toda a intervenção no bairro. A estratégia passa pela valorização do espaço público, potenciando assim, novas oportunidades de investimento. Dessa forma, a proposta passa por manter as habitações presentes no bairro, de modo a que este continue a criar a sua identidade, num processo de transformação ao longo do tempo. Resumindo, a intervenção do espaço público no Bairro Herculano passa por garantir unidade ao longo de toda a sua extensão, baseado numa proposta que contrasta com a imensa diversidade presente no espaço, perceptível nos volumes, texturas, cores e gentes.

A nova intervenção, tal como a proposta do metro, prevê a escavação do subsolo com o objectivo de criar canais de saneamento, drenagem de águas pluviais, abastecimento eléctrico e telecomunicações que surgem como “novas tecnologias” que se adaptam ao existente. Foi também ponderada a colocação de novos candeeiros, e o tratamento do mobiliário urbano de forma a dotar o bairro de novas infra-estruturas nesta fase.

Numa ideia de garantir equilíbrio em todo o conjunto, entre construído e espaço vazio, foram retirados alguns edifícios, que passam a ser zonas de estar e zonas verdes, devido à

48. SOUTO MORA, Eduardo, Porto. Disponível em <<http://www.metrodoporto.pt/pages/313>>

49. Manuel Paulo Teixeira in FERNANDES, Fátima, *Eduardo Souto Moura, a arquitectura do metro: obras e projectos na área metropolitana do Porto*, Porto: Civilização, 2006



FIG. 58 - Bairro da Bouça, Porto. O projecto do bairro foi incluído no processo SAAL/Norte em 1975/76, ao mesmo tempo que foram iniciadas 33 operações. Álvaro Siza Vieira foi o responsável pelo projecto deste conjunto habitacional. Com o final do SAAL, em 1979, a construção do Bairro foi interrompida. Nesta época ficaram construídos apenas dois dos quatro blocos previstos, contando assim com 56 fogos. Passados 30 anos, o projecto foi retomado e concluído.



FIG. 59 - Bairro da Bouça . 2ª Fase

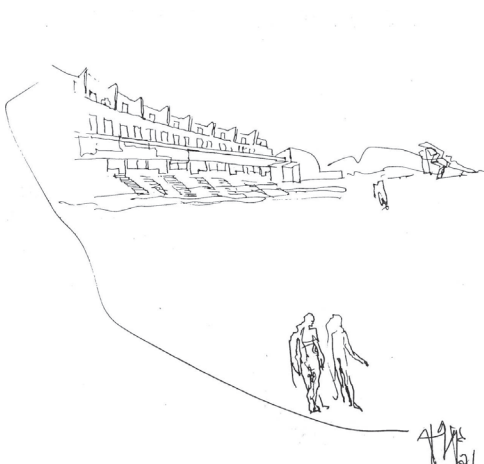


FIG. 60 - Esquisso de Siza Vieira . Bairro da Malagueira



FIG. 61 - Postal "Entre Vizinhos"

inexistência das mesmas no bairro. Desta forma, o espaço público torna-se mais dinâmico e com uma maior riqueza de espaços, que agora ganham caracteres diferentes. Assim, o bairro ganha uma nova praça, de onde parte os eixos do traçado cruciforme, que ligam à cidade. Passa então a assumir-se como um local de permanência, de passagem e, ainda, um local polivalente, que pode adquirir diversas variantes. Assim como o metro, a intervenção do bairro surge como um novo capítulo na vida deste, potenciando o seu desenvolvimento na cidade de hoje e na que virá.

Podemos relacionar esta nova intervenção do bairro com a segunda fase de construção do Bairro da Bouça. Nesta nova intervenção, para além das 72 casas que nunca tinham sido concretizadas, foram feitos os arranjos exteriores, as infra-estruturas, o estacionamento subterrâneo e os equipamentos que estavam originalmente previstos (biblioteca, lavandaria e sede da cooperativa).

“Diseñado para realizar una revolución política y social, el Barrio de la Bouça dava así lugar, 30 años después, a un inesperado proceso de “gentrificación” urbana. De nuevo dirigiendo el proyecto, Álvaro Siza – ahora en colaboración con Antonio Madureira –, tuvo la posibilidad de introducir, en el renovado conjunto, algunas mejoras en infraestructura, inexistentes en 1975: espacios públicos cualificados, zonas ajardinadas, aparcamiento subterráneo, aislamiento térmico en fachadas y cubiertas, y abastecimiento de gas en el domicilio.”⁵⁰

Na Bouça, os equipamentos surgem como remate do bairro, fazendo assim a transição entre este e a cidade, numa proposta que visa ligar o conjunto à malha urbana, trazendo para dentro do bairro a vida da cidade e vice-versa.

Para além disso, estes novos programas protagonizam um cenário de interacção entre vizinhos, realçando assim a convivência entre os habitantes, que já vinha do tempo das “ilhas”, em que o espaço exterior surgia como uma extensão da própria casa. O mesmo acontece no Bairro da Malagueira, em que os equipamentos se distribuem ao longo da conduta, ajudando a caracterizar a rua como um lugar da vida urbana.

Com esta segunda fase, assistiu-se a um fenómeno de cruzamento social no Bairro da Bouça, onde novos vizinhos, de classes sociais diferentes e de formas de habitar diferentes foram *“atraídos por la posibilidad de vivir cerca del centro de la ciudad adquiriendo, a bajo coste, la obra de un premiado por el ‘Pritzke’”⁵¹*.

Para o arquitecto Álvaro Siza é bastante positivo este cruzamento social que o bairro proporcionou, referindo que é testemunho que a cidade continua a evoluir. Como refere no Ciclo de Encontros “Entre Vizinhos”, ocorrido no Bairro da Bouça, *“Houve uma mudança de população significativa (...) Eu devo dizer que achei naturalíssimo (...) isso é um sinal*

50. GRANDE, Nuno, *Revolución y Regeneración Urbana: entre el clavel y el bolígrafo*, p. 24

51. *idibem*

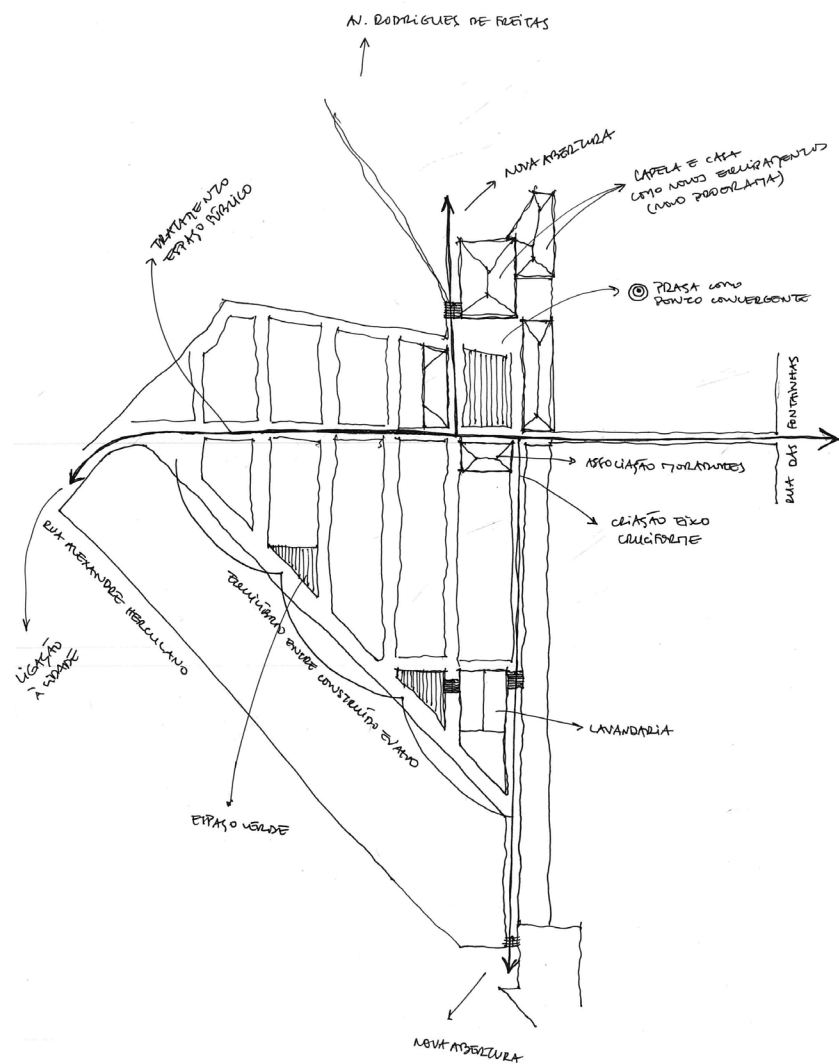


FIG. 62 - Processo - Estratégia Geral

*saudável do que é a mobilidade na cidade contemporânea (...)*⁵²

Na proposta para o Bairro Herculano são equacionados a implantação de novos equipamentos, marcando assim uma nova escala na intervenção do espaço público. Estes visam oferecer melhores condições de serviço, promover a sociabilização entre moradores, e não moradores e integrar-se na vivência do bairro. Funcionam como ponto aglutinadores de toda a proposta e encontram-se em locais estratégicos, em zonas de passagem e zonas de permanência, de modo a existir uma maior interacção. Podemos comparar os equipamentos aos pontos de paragem do metro do Porto, que surgem como potenciadores do espaço envolvente.

O programa para os equipamentos propostos resulta das actuais necessidades do bairro, compreendendo que a cidade e o Bairro estão em constante mudança e com o passar do tempo, as necessidades podem ser outras. Assim como no bairro da Bouça, o programa original, acabou por ser alterado ao longo dos anos.

Na intervenção para o Bairro Herculano é proposto um espaço de cafetaria, inserido na antiga capela que se encontra devoluto, surgindo como espaço de encontro e de vida social. Este edifício, que agora se liberta dos anexos, volta a marcar a sua posição de destaque, numa praça que agora se expande para o Bairro e para a cidade. Adjacente à capela, a casa da capela destina-se a uma residência de estudantes, potenciando e incentivando a um cruzamento social, considerando o Bairro um espaço híbrido. Para além destes, na praça da capela surge ainda um Centro de Dia, com cantina num edifício separado, dando a oportunidade a residentes seniores de obterem maior qualidade de vida sem abandonar o ambiente familiar.

Ainda na praça surge a Associação de Moradores que visa garantir uma melhor gestão no bairro, e consequentemente melhores possibilidades para o mesmo. Pretende-se também dar oportunidade às restantes ilhas da freguesia de conseguirem ter condições e meios para proporcionarem o melhor para a sua comunidade. Assim, a Associação de Moradores do Bairro Herculano surge em representação das ilhas da freguesia da Sé, uma vez que o bairro apresenta as condições necessárias para este encontro.

Finalmente surge o espaço da lavandaria, que apesar de não se encontrar na praça, localiza-se na Rua 1, que agora se abre para a cidade, ganhando um carácter de relevância. Este equipamento funciona como espaço de encontro, num programa que permite colmatar a falta de espaço no interior das habitações. Esta conta com espaços interiores e exteriores promove a sociabilização entre moradores e a vinda de pessoas exteriores ao bairro.

Apesar de já existir cruzamento social no Bairro Herculano, esta nova intervenção, que procura ligar o bairro à cidade, incentiva a vinda de novos moradores, trazendo assim

52. SIZA, Álvaro, *Entre Vizinhos*, citado pela autora a 23 de Setembro de 2016



FIG. 63 - Bairro da Bouça, Porto. 1ª Fase



FIG. 64 - Bairro da Malagueira, Évora. Em 1977 Siza é chamado pela Câmara Municipal de Évora, depois da experiência SAAL, para dar resposta à necessidade de habitação. Num terreno localizado na periferia de Évora o arquitecto projecta um novo conjunto habitacional, com 1200 fogos e equipamentos pontuais ao longo do Bairro.

ao bairro novas formas de habitar, novas experiências garantindo a constante mudança e evolução de um bairro que se integra na cidade. Dessa forma, pretende-se aqui enfatizar a dinâmica criada pelo espírito de vizinhança e de partilha que resulta num espaço de comunidade, numa ideia de espaço reinventado.

Jordi Borja, em *El espacio publico: ciudad y ciudadanía*, defende que tanto as infra-estruturas como os equipamentos são fortes potenciadores da redistribuição e da integração social. Argumenta que o espaço público surge como mecanismo fundamental para a sociabilização urbana e como “*el espacio de expresión colectiva, de la vida comunitaria, del encuentro y del intercambio cotidianos*.”⁵³. Acentua ainda que “*En los espacios público se expresa la diversidad, se produce el intercambio y se aprende la tolerancia. La calidad, la multiplicación y la accesibilidad de los espacios públicos definirán en gran medida la ciudadanía*.”⁵⁴

Manuel Solà-Morales dá importância aos espaços colectivos, e refere que “*Los espacios colectivos son la riqueza de las ciudades históricas y son también, seguramente, la estructura principal de la ciudad futura*.”⁵⁵ Este acredita que a cidade é o lugar onde o privado pode ser social e atribui um carácter colectivo aos espaços privados, pois acredita que estes são capazes de transmitir uma riqueza de significados e valores sociais. No fundo, defende que “*Espacios públicos absorbidos por usos particulares, o espacios privados que adquieren una utilización colectiva*”⁵⁶.

O Bairro Herculano sempre foi caracterizado por ser um espaço colectivo, onde as relações de vizinhança são bastante fortes e influenciadoras da vivência do mesmo. Aqui, não existe uma transição entre público e privado, sendo que persiste uma forte dinâmica entre os dois. Como realça Solà-Morales, o espaço público e o espaço privado acabam por ‘absorver’ os usos um do outro, estimulando, assim, a ideia de comunidade que se insere na cidade.

A estratégia passa pela valorização do bairro enquanto espaço colectivo e pretende salvaguardar a ideia de comunidade presente no Bairro Herculano, procurando assim colmatar os espaços em falta ao quotidiano dos habitantes do bairro. Dessa forma, criam-se novas zonas de permanência, que marcam o “vazio” no bairro e que são palco de encontro social e estimuladores da partilha diária. Estes novos espaços interligam-se com as ruas que, por sua vez, sempre se realçaram como espaços de contiguidade. Pretende-se aqui promover o encontro de moradores e de não moradores, alicerçando-se uma vida activa no bairro.

Siza também realça a importância do carácter identitário e colectivo. O arquitecto

53. BORJA, Jordi, *El Espacio Publico: ciudad y ciudadanía*, Barcelona: Electa, 2003, p. 41

54. *idibem*, p. 67

55. SOLÀ-MORALES, Manuel, *De cosas urbanas*, Barcelona: Gustavo Gili, 2008, p. 17

56. *ibidem*, p. 188



FIG. 65 - Bairro de S. Victor, Porto. Localizado em dois quarteirões entre as Ruas de S. Victor e Fontainhas situa-se este conjunto habitacional. Projecto por Siza Vieira no âmbito SAAL, este Bairro iniciou a sua construção em Novembro de 1974. Na primeira fase foram construídos 32 fogos e na segunda fase foram construídos 20.



FIG. 66 - Bairro da Malagueira, Évora

tenta sempre preservar e restabelecer as relações de vizinhança e proximidade das comunidades, através do desenho da cidade. Como acontece em S. Victor, a identidade do local é mantida como referência a um passado colectivo que importa dignificar e integrar no processo. Também na Malagueira, Siza estimula as relações de vizinhança, através da rua, que surge como espaço de encontro e de convívio da comunidade, e dos pátios das casas, que apresentam muros baixos, de forma a existir uma forte relação entre o espaço público e privado.

De certa forma, podemos ver o Bairro Herculano como lugar de encontro, de vida social e de passagem. É um local que prima pela vivência colectiva, formada por sobreposições de vivências individuais e conjuntas, entendida de vários modos por cada indivíduo que o vivencia. O espaço público do bairro surge como espaço estruturante da cidade e da vida social.

O objectivo da intervenção no Bairro Herculano passa por interligar novos e antigos fragmentos, admitindo que estes não têm necessariamente de se complementar nem de serem reduzidos num só. A questão passa por formar um todo, com ruínas, edifícios de diferentes períodos e fragmentos, que acabam por se integrar na cidade, num processo lento e contínuo. O ‘novo’ aparece através do desenho do que já existe, relacionando épocas distintas. Existe uma reinterpretação do antigo, adaptando-o às novas necessidades.

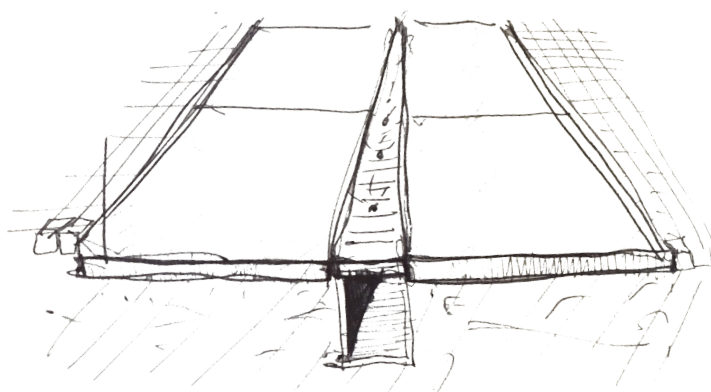


FIG. 67 - Bairro da Malagueira . Infra-estruturas: Esgoto Doméstico

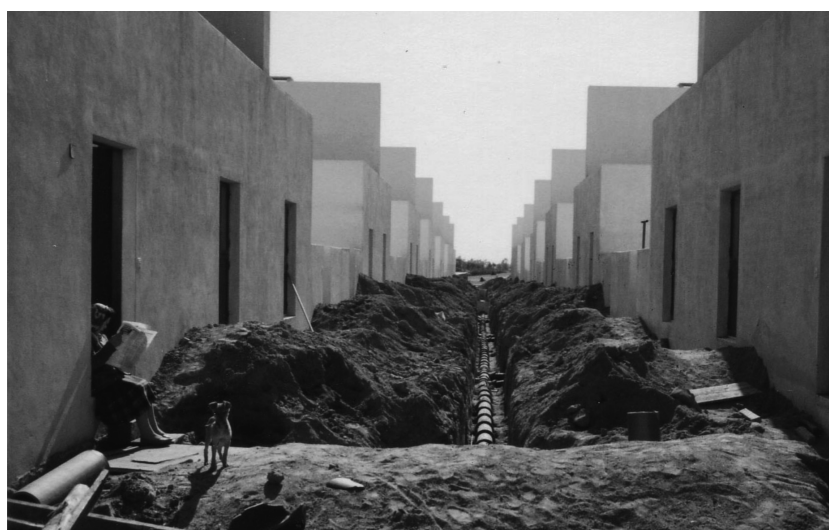


FIG. 68 - Bairro da Malagueira . Infra-estruturas: Esgoto Doméstico



FIG. 69 - Arruamento em Miragaia. Percurso em Microcubo de granito e Lajetas de Granito

3.2| PROPOSTA

3.2.1| ESPAÇO PÚBLICO

Neste subcapítulo aprofunda-se mais a questão do espaço público que surge como elemento unificador de toda a proposta, e como potenciador de novas oportunidades. No fundo, esta intervenção marca uma nova sobreposição temporal no bairro que visa responder às necessidades actuais, numa abordagem que entende a constante evolução e adaptação da cidade.

Numa primeira fase de intervenção serão feitas todas as ligações de saneamento, equacionadas para o local, numa abordagem que procura a melhor qualidade de vida para os moradores do Bairro. A instalação deste sistema em rede encontra-se estrategicamente implantado segundo todas as habitações e equipamentos presentes no bairro, em constante concordância com o desenho do espaço público. As caixas de visita surgem nas ruas transversais, que por sua vez ligam à Rua Central do Bairro Herculano e, por seu lado à Rua das Fontainhas. Este sistema distribui-se a eixo com as ruas existentes, em paralelo com as ligações de electricidade e telecomunicações, que passam agora a estarem enterradas de forma a não obstruírem o espaço público. Assim, surge um percurso subterrâneo em toda a extensão do conjunto, que garante a inserção do Bairro nas redes públicas, tornando-o assim parte da cidade, e não um ponto de esquecimento e de afastamento.

O arranjo dos pavimentos exteriores surge como a fase seguinte de construção. Esta é ponderada em concordância com a instalação da rede de saneamento e de electricidade. Dessa forma, a Rua Central do Bairro Herculano e a Rua 1, novo arruamento principal, garantem, em toda a sua extensão, a marcação de um percurso, em lajetas de betão, que se destaca como uma linha contínua ao longo do percurso. Esta delineação garante, por um lado, a inclusão de um percurso mais estável, para pessoas de mobilidade reduzida, carrinhos de bebé e mesmo para as crianças, e por outro, a possibilidade da introdução de tampas de acesso às caixas de visita. Também ao longo desta “linha” surge o escoamento de águas pluviais, a centro, entre as lajetas de betão. Este é pontuado através de Leds encastrados na grelha do canal de drenagem, tornando assim o percurso com maior fluxo de atravessamento, mais iluminado e consequentemente mais seguro e confortável. A ideia desta marcação de percurso é muitas vezes encontrada em vários arruamentos ao longo da cidade do Porto.

Para além da estabilidade que este pavimento garante ao percorrer os arruamentos, este também surge como conceito que pretende evidenciar as ruas principais, numa abordagem que procura a unidade ao longo de todo o bairro, através da nova intervenção. Assim, este



FIG. 70 - Piazza Nera antes da intervenção



FIG. 71 - Piazza Nera depois da intervenção

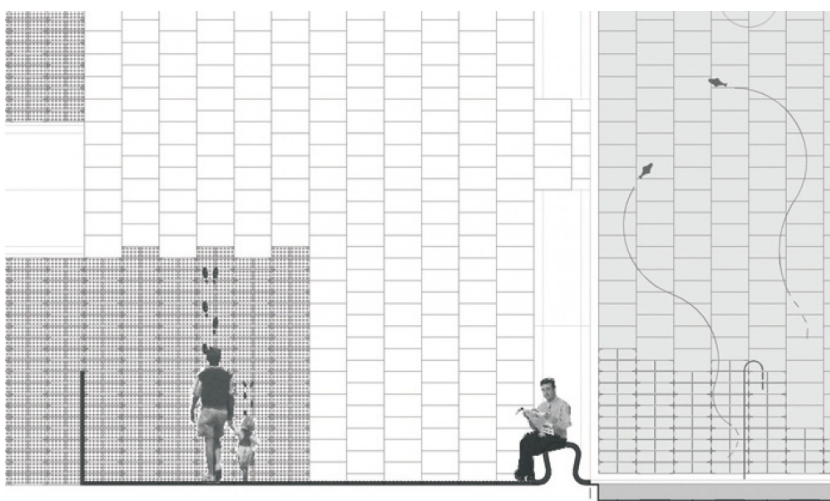


FIG. 72 - Proposta para a Piazza Nera

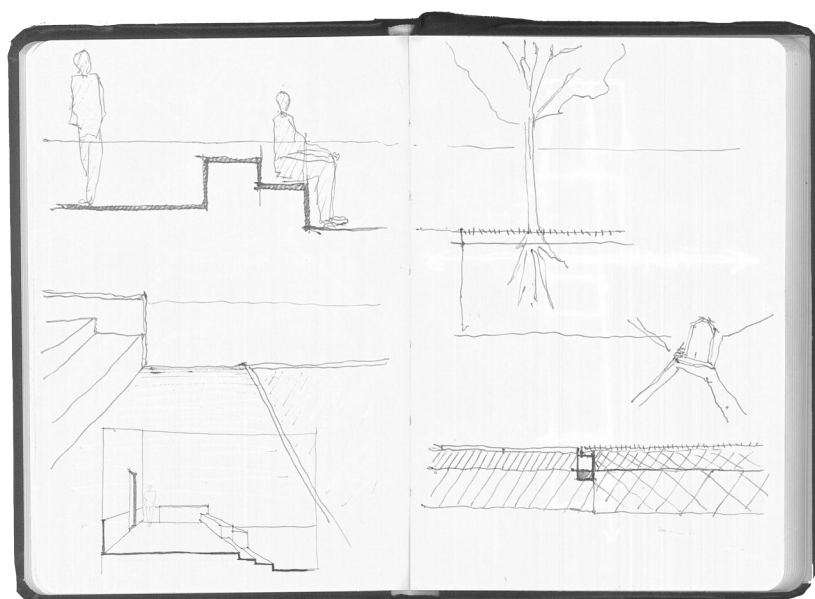


FIG. 73 - Esquissos da Praça da Capela

elemento novo, o betão, destaca-se através de uma marcação que garante unidade ao longo deste tecido urbano. Este material, bastante corrente, garante uma grande durabilidade, levando assim a uma manutenção reduzida, e também garante superfícies lisas e anti-derrapantes, ajudando assim no efeito pretendido para esta colocação. Desta forma, este material surge como um novo componente que se associa nos dias de hoje e que marca a sua posição no tempo.

Quando a rua Central do Bairro Herculano, encontra o novo alargamento aqui proposto, a Praça da Capela, o pavimento volta a surgir em lajetas de betão, de modo a garantir a continuidade ao longo do Bairro.

A Praça da Capela, surge como um novo espaço de estar dentro do Bairro Herculano, numa tentativa de equilibrar a diferença entre espaço construído e espaço vazio. Nessa mesma abordagem, é proposta a criação de uma área verde, que evoca a memória do passado, uma vez que outrora aqui existiu um espaço de estar, com um espaço verde, o único ao longo do Bairro. Dessa forma, esta praça surge como um espaço abrangente de todo o bairro, servindo de espaço de estar e espaço de atravessamento, criando assim uma dinâmica forte, e mais uma vez, incentivando a ideia de comunidade a que se pretende dar valor e fazer prevalecer no Bairro Herculano. De modo a dar destaque à presença da capela, onde é proposto um café, criou-se um pequeno pódio, através do declive do terreno, de forma a regularizar o espaço que antecede a entrada da capela. Este é marcado pela presença de pequenos degraus, que dividem o espaço com dois bancos, em que um se volta para a praça e outro se volta para a fachada da capela. Estes elementos surgem também em betão, mais uma vez acentuando a ideia de unidade da nova intervenção.

O conceito de requalificação deste espaço partiu do projecto “Piazza Nera, Piazza Bianca”, em Robianno, Itália, pela Câmara Municipal de Giussano City. O projecto envolvia a requalificação do espaço público adjacente a duas igrejas que se implantavam lado a lado. *“With minimum intervention promoted by Giussano City Council, the project aimed to convert the space into a place, providing it with meaning and making it worthy of being considered the town square.”*⁵⁷ A proposta passou por uma grande dualidade entre as duas igrejas, com o enorme desafio em resolver a transição do arruamento que as separa, Via Battisti, uma vez que a diferença de cotas chegava quase aos três metros.

“The black carpet, paved with basalt stone, is smaller and more secluded. It spreads out at the same level as the entrance to Giulitta church and has two benches formed by two large blocks of basalt that separate it from a sheet of water with a spout. (...) The black stone of the paving is formed of slip-resistant pieces with low reliefs in the shape of a cross which fold and climb up the facade of the church at the base. The same basalt stone paving spreads out to cover the side street that separates the churches, although the low reliefs are in the

57. Disponível em <<http://www.publicspace.org/en/works/d105-piazza-nera-piazza-bianca>>



FIG. 74 - Fotomontagem da intervenção na Rua Central do Bairro Herculano

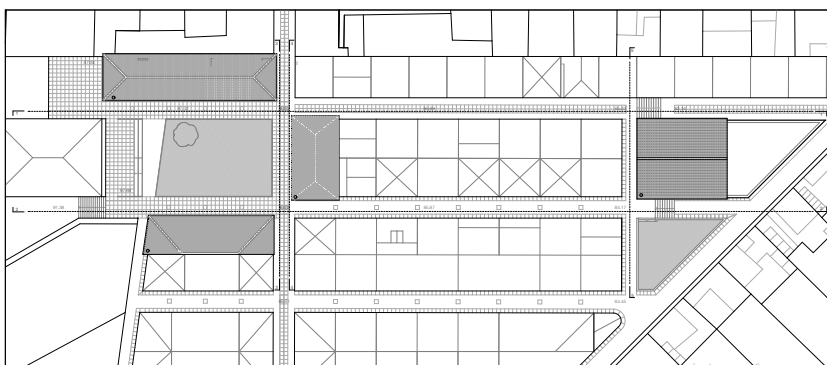


FIG. 75 - Planta de Coberturas. Desenho 06B, Volume II

shape of a tyre track.”⁵⁸

Assim como na Piazza Nera, o pavimento que compõe o espaço, as lajetas de betão continua para a fachada, numa ideia de unidade e, mais uma vez de forma a marcar a nova intervenção. Uma vez que vários anexos ao longo do tempo foram sendo construídos na fachada da capela, este embasamento, também funciona como forma de colmatar quaisquer degradações que possam ocorrer quando demolidos.

Assim, de modo a garantir a ideia de conjunto e de modo a perceber o bairro como um todo, os equipamentos que compõem o bairro também apresentam o embasamento em lajetas de betão.

Para além da utilização de betão ao longo do bairro, as ruas transversais são pavimentadas com microcubo de granito, de 5cm, de forma a garantir a memória do local. A utilização dos dois tipos de materiais, betão e microcubo, criam uma dinâmica ao longo do percurso, que se associa ao ritmo de cores e texturas encontradas nas habitações do bairro. Ao longo das ruas transversais, um “passeio” é desenhado delimitando os edifícios, também ele em lajeado de betão. Este elemento surge como palco para a apropriação do local e “marcação do território” por parte dos moradores, através dos inúmeros objectos que compõem e dão vida aos arruamentos, como os vasos de flores, os tanques, as cadeiras e muitos outros. Dessa forma, o arruamento é deixado livre para um percurso do espaço fluído e sem obstáculos.

Ao longo de todos os arruamentos do Bairro, são colocados novos candeeiros uma vez que o espaço carece de iluminação durante o horário nocturno. Assim, os candeeiros propostos são iguais aos existentes no local, de forma a aproveitar os que lá se encontram, economizando assim no orçamento total. Para além disso, também serão colocados caixotes do lixo, ao longo dos arruamentos principais, de modo a garantir uma melhor qualidade de espaço público.

Em suma, a intervenção no espaço público surge como uma integração de todo o bairro, que é visto como um conjunto. Esta intervenção pretende dotar todo o espaço do bairro, e colmatar todas as anomalias encontradas durante o levantamento, numa ideia de melhorar a qualidade de vida de todos os moradores e, numa ideia de ligar o bairro à cidade.

58. *idibem*

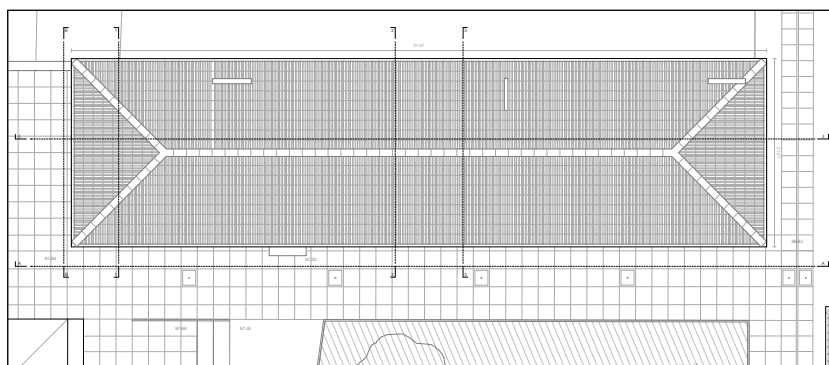


FIG. 76 - Planta de Cobertura. Desenho 16B, volume II

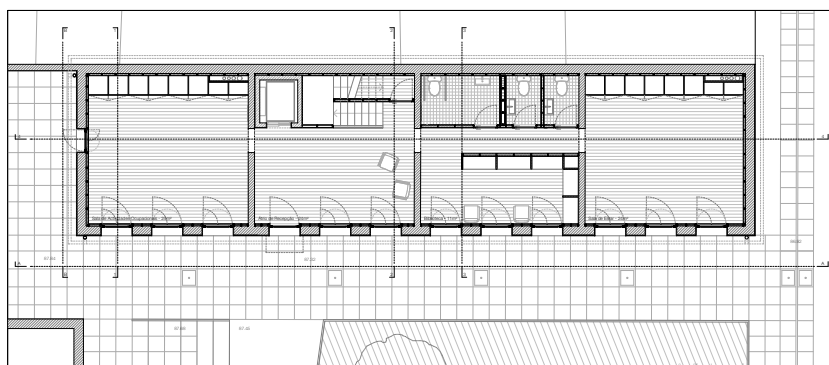


FIG. 77 - Planta de Rés-do-chão. Desenho 20B, volume II

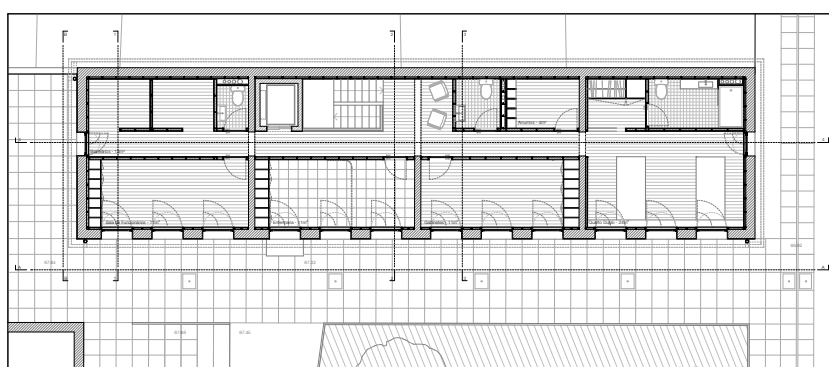


FIG. 78 - Planta de Rés-do-chão. Desenho 22B, volume II

3.2.2| EQUIPAMENTOS

Na intervenção são propostos equipamentos que se implantam e se adequam aos edifícios já existentes e que surgem como a nova escala de intervenção no espaço público. O programa para os equipamentos foca-se nas necessidades actuais do bairro e não pretende ser uma resposta final, mas sim uma nova sobreposição que se adapta ao bairro de hoje. Assim, é deixado em aberto a possibilidade de o bairro continuar a evoluir e adaptar-se em concordância com as necessidades da cidade futura.

Dos seis equipamentos propostos na estratégia geral, quatro serão alvo de aprofundamento do estudo e do projecto, numa tentativa de aproximação à prática projectual.

I CENTRO DE DIA

Localizado na nova praça da capela, o Centro de Dia surge pela necessidade de dar apoio à população idosa do Bairro Herculano, que é a maioria ali presente. Uma vez que a maior parte já vive sozinho e não apresenta condições para isso, o centro de dia apresenta-se como uma oportunidade desta população ter apoio qualificado e, ao mesmo tempo, não abandonar as suas raízes tão fortes com o bairro.

Assim sendo, é proposto este equipamento, numa zona estratégica do Bairro, junto à praça, onde os fluxos de pessoas são fortes, o contacto com o espaço exterior é essencial e a proximidade com outros equipamentos também se torna relevante.

Este equipamento insere-se em quatro habitações pré-existentes, que para além de se destacarem em termos de cêrcea em relação às restantes habitações do bairro, primam por uma unidade em termos de alçado e organização espacial. Não se sabe ao certo se estas habitações terão tido outra função, uma vez que se encontram junto à capela e apresentam uma volumetria destacada do resto do bairro.

Erguidos em paredes de alvenaria de pedra, os edifícios apresentam dois pisos, e uma cobertura de quatro águas contínua nos quatros edifícios, realçando, mais uma vez, a importância destes enquanto um conjunto e não como habitações fragmentadas. Os vãos no alçado voltado para a praça, estão abertos com uma métrica coerente em todos estes quatro edifícios, e por cada habitação existe um ritmo de porta-janela-janela, que se repete, a eixo, no andar superior em três janelas.

A abordagem inicial pretende entender o local como uma sobreposição de tempos e memórias e como algo que não é intocável, mas cuja preservação da memória é importante manter. Assim, fiel a toda a estrutura existente, a proposta visa manter o máximo possível

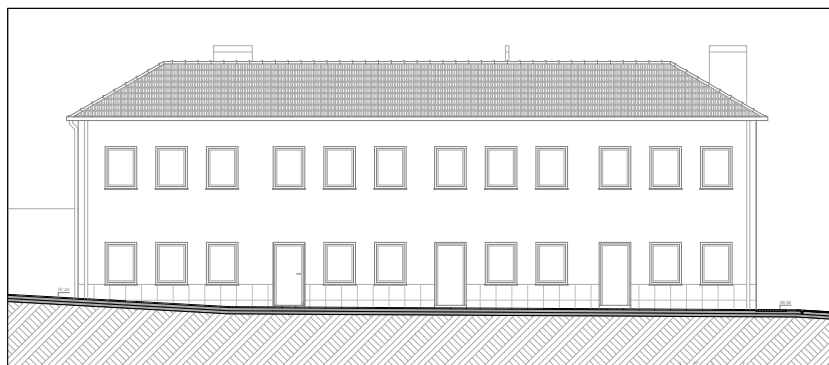


FIG. 79 - Alçado B. Desenho 18B, Volume II

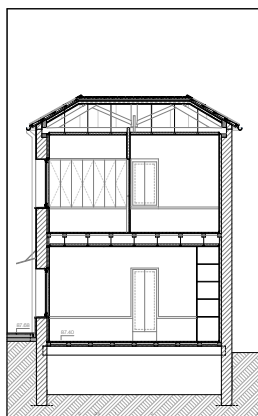


FIG. 80 - Corte 1. Desenho 19B, Volume II

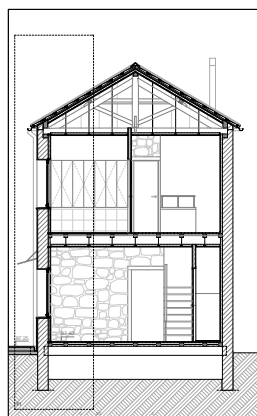


FIG. 81 - Corte 2. Desenho 21B, volume II

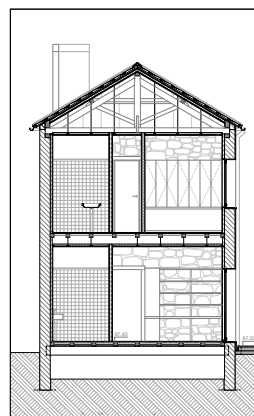


FIG. 82 - Corte 3. Desenho 23B, volume II

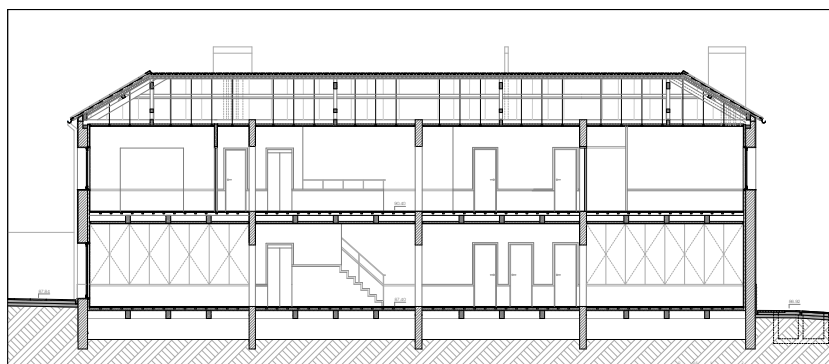


FIG. 83 - Planta de Rés-do-chão. Desenho 24B, Volume II

do edifício erguido e marcar, de forma não bruta, a nova intervenção no tempo e no espaço.

Mantidas as paredes estruturais em pedra, a organização do centro de dia surge em concordância com a separação do edifício pelas quatro habitações iniciais. Foram abertas pequenas passagens, a meio das paredes de meação, que permitem o atravessamento do edifício, num eixo de carácter longitudinal. O programa foi dividido pelos pequenos espaços formados entre paredes, de forma a manter o espírito de vivência que ali sempre existiu.

O programa proposto para o Centro de Dia foi adaptado do programa imposto pela segurança social, assumindo-se como um espaço de acolhimento de menos de 30 pessoas, com uma área útil de 200m². Dessa forma, o programa distribui-se pelas seguintes áreas: Zona de Recepção (15m²); Sanitários junto à zona de recepção (8,30m²); Sala de Actividades Lúdicas (24m²); Biblioteca (11m²); Sala de Estar (24m²); Quarto Duplo com sanitário acessível (24m²); Gabinetes de Administração (11m²); Enfermaria (11m²); Sala do Pessoal (11m²); Balneários (13m²); Arrumos (4m²) e Sanitário de Serviço (2,20m²). Para além destes espaços, ainda surge o espaço da cantina, que se encontra num edifício separado, mas com ligação a este através da praça exterior.

O piso térreo, onde existe uma forte ligação com a praça da capela é onde se encontram os espaços mais amplos e mais dinâmicos entre si: a zona de recepção com sanitários; Sala de Actividades Ocupacionais; Biblioteca e, ainda Sala de Estar. Este piso é marcado por um percurso fluído, onde não existem portas de separação entre espaços, de modo a permitir uma interligação entre estes e a incentivar a sociabilização. Todos os espaços apenas apresentam armários de madeira fixos, deixando, assim, a possibilidade de organização flexível do espaço, que pode ser alterado consoante necessidades e ocasiões.

O piso superior, apesar de também se dividir segundo as paredes estruturais pré-existent, subdivide-se ainda mais, através de paredes divisórias, tornando assim um piso com um carácter mais privado. Desta forma, o corredor central que rompe as paredes estruturais torna-se mais evidenciado acentuando, assim, a ideia de continuidade num eixo longitudinal. Neste piso o programa distribui-se pela Sala do Pessoal e Balneários; Enfermaria; Gabinetes e, ainda o Quarto Duplo.

O edifício é todo ele revestido por soalho de madeira, de forma a manter a memória do local. Este é assente paralelo à fachada mais comprida, para acentuar a ideia de longitudinalidade do edifício, e por consequente uma ideia de união de espaços numa linha contínua. A madeira mantém-se, ao desenhar um lambrim que percorre todo o edifício, numa linha que encontra a sua altura, no peitoril das janelas existentes. Mais uma vez, a presença deste elemento cria a ideia de continuidade do espaço, numa base que “sustenta” e desenha os vãos existentes e, que apenas se rompe nas passagens interiores e exteriores.

As paredes de pedra em contacto com o exterior são isoladas termicamente e revestidas

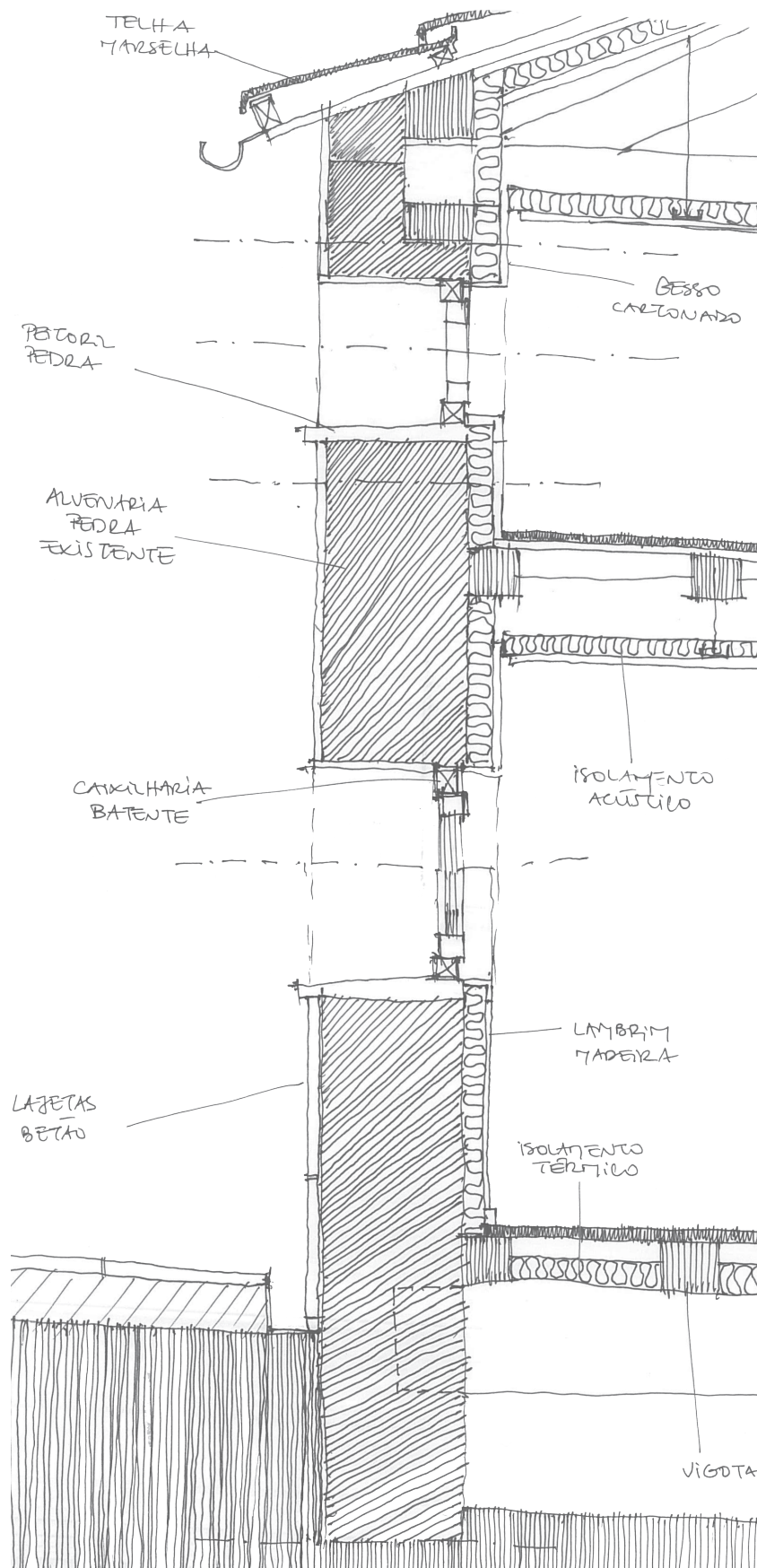


FIG. 84 - Processo - Pormenor Construtivo

com gesso cartonado, criando assim um forte contraste com o rodapé. Desta forma, a presença destes diversos materiais, como o gesso cartonado, madeira e pedra à vista criam dinâmica no espaço, através de cores e de texturas.

As paredes divisórias, também elas em gesso cartonado, surgem como novos elementos e erguem-se em perfis metálicos que sustentam o revestimento. No intervalo dos perfis é colocado isolamento acústico, mais precisamente lã de rocha, por ser um material bastante económico e eficaz. Nestas paredes divisórias, também se encontra o lambrim de madeira.

Em relação à estrutura que suporta o pavimento, esta é reformulada, mas sempre tentando preservar e aproveitar as peças já existentes. De modo a garantir a estabilidade das paredes de pedra estruturais “Deve assim evitar-se a substituição de pavimentos de madeira por lajes de betão, devendo optar-se por estruturas de peso e comportamento semelhante ao existente.”⁵⁹

De modo a estabilizar o soalho e a colocá-lo no sentido longitudinal foram encastradas duas vigotas, perpendiculares, que formam uma “quadrícula” que assenta sobre vigas existentes. De modo a tornar o espaço mais confortável, foi colocado, no piso térreo, isolamento térmico entre as vigotas e as vigas e, no piso superior foi colocado isolamento acústico.

As estruturas pré-existentes que suportam o telhado de quatro águas são as asnas em madeiras e as paredes de pedra divisórias. De modo a preparar o edifício para as novas e futuras instalações foi ponderado o rebaixamento das paredes interiores estruturais, e a colocação de novas asnas para possibilitar a passagem de instalações sobre o tecto falso, de forma a torná-las mais práticas e viáveis, sendo o edifício um conjunto. Também no piso superior, surge o tecto falso em gesso cartonado, de forma a possibilitar a passagem de instalações e de forma a regularizar os espaços interiores, tornando-os mais proporcionais. É no tecto falso, em ambos os pisos que é colocado a iluminação interior, com Leds que surgem pontualmente e em concordância com os espaços em que se inserem.

As telhas existentes na cobertura são telhas Marselha, e a proposta passa por mantê-las ou substituí-las pela mesma gama, caso as que se encontrem no local estejam degradadas.

Em relação às janelas existentes nos quatro edifícios, serão retiradas, uma vez que não são as originais e são diferentes entre si. Desse modo, as caixilharias retiradas serão aproveitadas para habitações do bairro que tenham essa necessidade. Uma vez que os vãos apresentam um metro de largura, tomou-se a opção de optar por janelas de batente, apenas de uma folha, que para além de tornarem o alçado mais limpo, criam uma melhor proporção de fachada. As caixilharias escolhidas foram as caixilharias de alumínio da Extrusal, solução económica, com a possibilidade da inserção de lâminas em alumínio para ventilação.

59. FREITAS, Vasco Peixoto de, Manual de apoio ao projecto de reabilitação de edifícios antigos, Porto: Ordem dos Engenheiros da Região Norte, 2012, p. 63



FIG. 85 - Fotomontagem da intervenção na praça da Capela

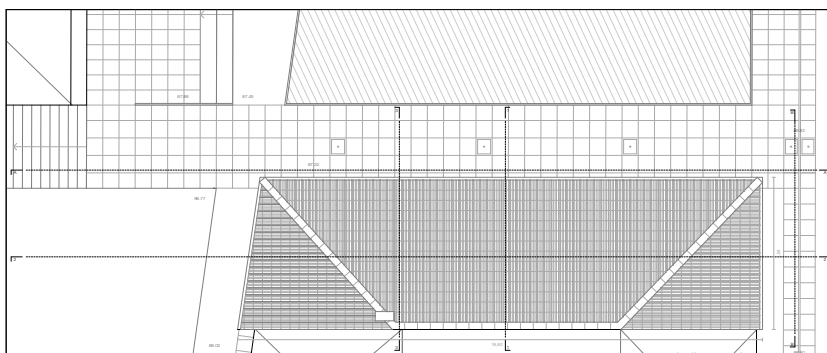


FIG. 86 - Planta de Coberturas. Desenho 27B, Volume II

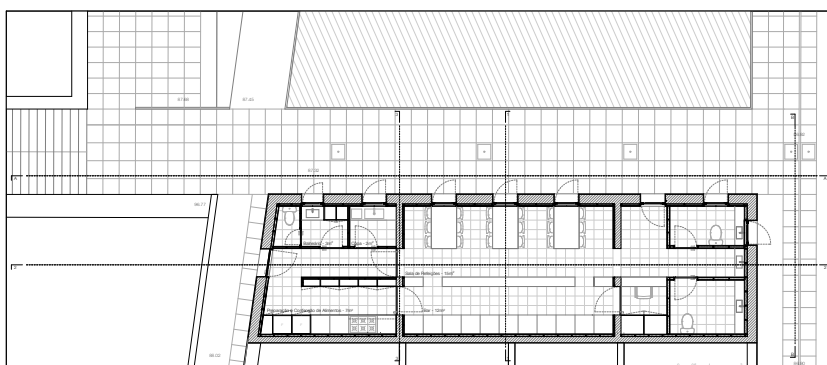


FIG. 87 - Planta de Rés-do-chão. Desenho 31B, Volume II

De modo a preservar a privacidade e de modo a proteger os interiores da luz solar, foram optadas portadas em madeira, que se inserem no plano contínuo das paredes interiores, quando fechadas, garantindo assim um plano liso e contínuo por todo o edifício.

As portas do edifício, tanto da entrada principal como dos restantes espaços, também são solução de alumínio de batente, apenas de uma folha, mantendo assim a coerência de toda a fachada e criando uma forte ligação visual entre o interior e o exterior. Todas as portas contêm portada, com a exceção da porta de entrada, que mais uma vez se destaca das restantes. A porta de entrada é marcada através de uma pala, em vidro, que protege da chuva. Esta relaciona-se com as existentes em todas as habitações do bairro, colocadas pelos próprios moradores.

No fundo, a proposta deste espaço visa manter a memória do local, numa adaptação ao programa aqui inserido, numa abordagem realista do contexto em que se insere, e numa procura pela constante relação com a sua envolvente.

I CENTRO DE DIA - CANTINA

Do outro lado da praça surge a cantina, edifício e programa pertencente ao Centro de Dia. Assim como o edifício do Centro de Dia, anteriormente mencionado, a cantina ocupa três edifícios de habitações já existentes, com apenas um piso e uma cobertura contínua. Num ritmo de porta-janela ao longo da fachada, esta apresenta variações em relação ao centro de Dia, uma vez que as distâncias entre janelas não são as mesmas entre elas. No entanto, a sua estrutura de construção do edifício assenta sobre as mesmas utilizadas no Centro de Dia, assim como o resto do Bairro aquando da sua construção. Dessa forma, as técnicas e atitudes utilizadas para a intervenção no edifício do Centro de Dia, são as mesmas utilizadas na Cantina, mas adaptadas ao edifício em que se insere.

A organização espacial deste edificado orienta-se segundo um eixo longitudinal, com um corredor de distribuição central, assim como a proposta anteriormente explicada, que mais uma vez respeita a existência e rege-se segundo esta. A distribuição do programa parte das paredes estruturais existentes. Assim, o espaço apresenta uma zona de recepção, com sanitários; Zona de Refeições (15m²); Zona de Bar (12m²); Preparação e Confeção de Alimentos, com despensa associada e zona de frio (7m²); Copa (2m²) e Balneários (3m²).

A zona de recepção encontra-se na extremidade mais próxima da Rua Central do Bairro Herculano, enquanto que a zona de cozinha se encontra na outra extremidade, aproveitando isso para a existência de uma entrada de serviço, através da rua lateral que desemboca na

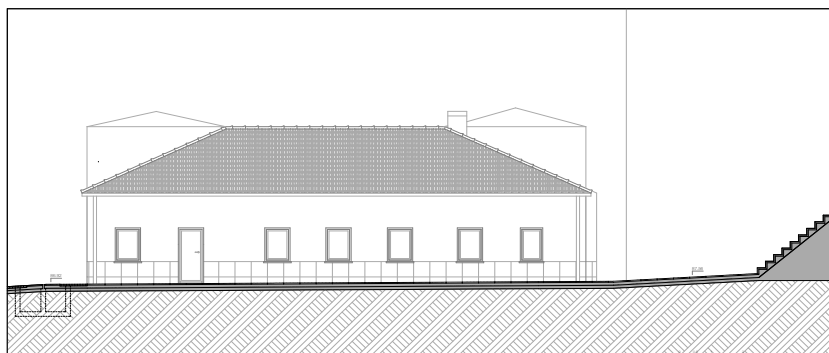


FIG. 88 - Planta de Rés-do-chão. Desenho 29B, Volume II

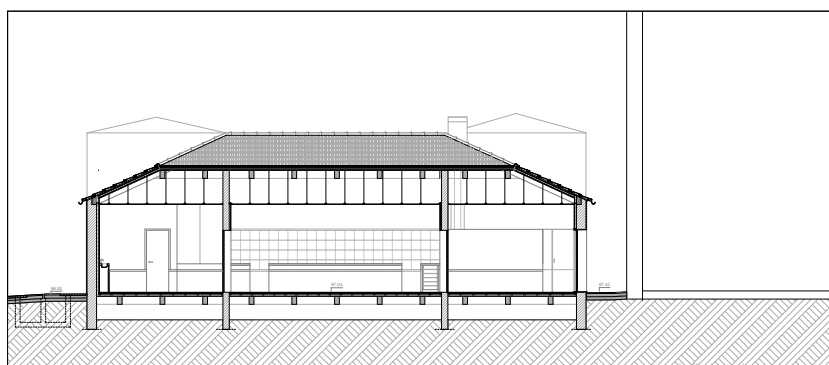


FIG. 89 - Planta de Rés-do-chão. Desenho 33B, Volume II

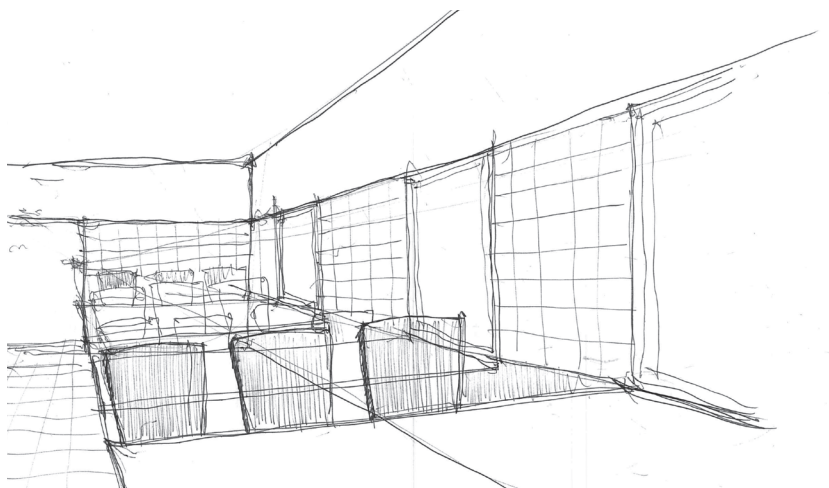


FIG. 90 - Processo - Esquisso

Praça. Assim, a zona de refeições e de bar encontram-se na zona central, numa relação bastante forte com o espaço exterior, devido aos três vãos existentes que iluminam este espaço, de apenas uma frente. Uma vez que o espaço exterior da praça tem uma dimensão considerável, dá-se a possibilidade da extensão de mesas para este espaço.

Uma vez que o número de lugares na zona de refeições não ultrapassa os 20, o espaço foi proposto tendo em atenção esse factor, aliado à condição de mobilidade reduzida que as pessoas possam ter. Assim, a zona de bar serve como apoio, contando com a ajuda de funcionários para servir as refeições aos idosos.

Em termos construtivos, este edifício segue a mesma concordância que o edifício proposto para o Centro de Dia. O pavimento cerâmico, que segue uma métrica de 30x30cm assenta sobre um impermeabilizante, que por sua vez assenta em placas de OSB. Estas pousam em vigotas encastradas, com isolamento entre elas, que apoiam em vigas de madeira. Mais uma vez, pretende-se aqui utilizar os elementos estruturais já existentes, de modo a economizar ao máximo e a garantir uma ligação com o local.

A madeira também aqui está presente no rodapé, e mais uma vez marca todo o edifício, numa ideia de continuidade, que surge como “assentamento” dos vãos e, que acaba por desenhar peças como o balcão do bar, e o lavatório na zona de receção. Acima deste rodapé, surge um revestimento cerâmico que segue a mesma marcação que o pavimento, numa tentativa de uniformização do espaço. Assim como no outro edifício, as paredes divisórias e o revestimento das paredes surge em gesso cartonado.

Em concordância com o edificado do Centro de Dia, o edifício apresenta todo tecto falso, de forma a regularizar o espaço, e de forma a deixar espaço livre para a passagem de instalações.

A estrutura que recebe a cobertura é constituída por vigas de madeira já existentes que apenas serão substituídas em caso de degradação. Assim como no outro edifício, sobre estas vigas assenta um painel sandwich com isolamento de forma a proteger termicamente o espaço. Por cima deste painel são colocadas pequenas ripas de madeira, de forma a receberem as telhas que são aproveitadas deste mesmo edifício.

Em relação aos vãos, e ao contrário do centro de dia, apenas um dos vãos é deixado como porta, que serve como entrada no edifício. Os restantes passam todos a ser janelas, de forma ao espaço interior, de pequenas dimensões, conseguir ser organizado mais facilmente. Assim, estes vãos tapados são revestidos pelas lajetas de betão no exterior e pelo lambrim em madeira no interior, que fazem o embasamento do edifício.

Aqui, o sistema de janelas, porta e portadas seguem o mesmo esquema que o edifício anteriormente proposto.

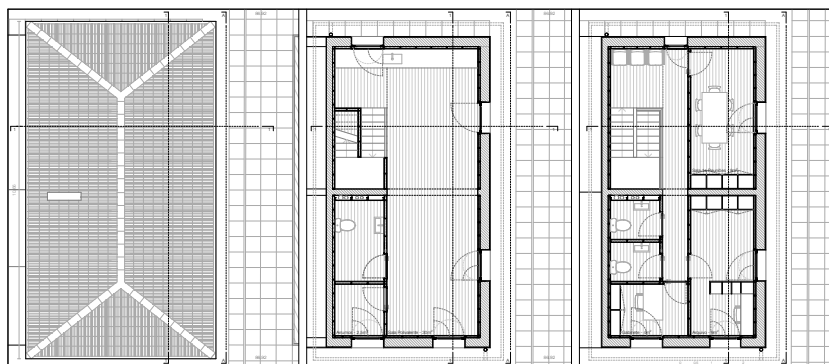


FIG. 91 - Planta de Coberturas; Planta de R/C; Planta de 1º Piso. Desenhos 35B, 36B, 37B, Volume II

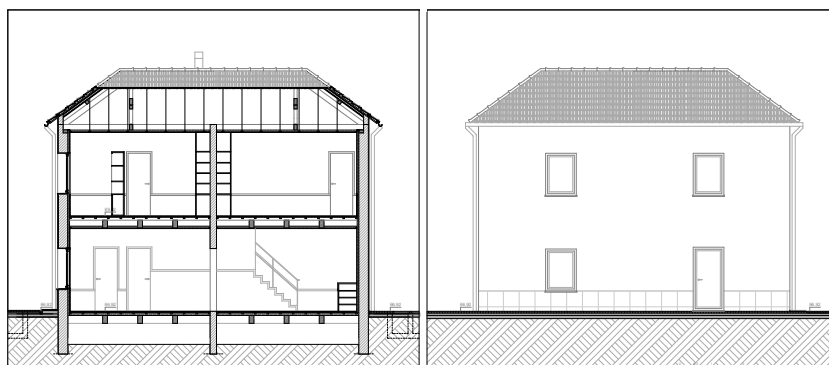


FIG. 92 - Corte Longitudinal 2; Alçado A. Desenhos 39B, 40B, Volume II

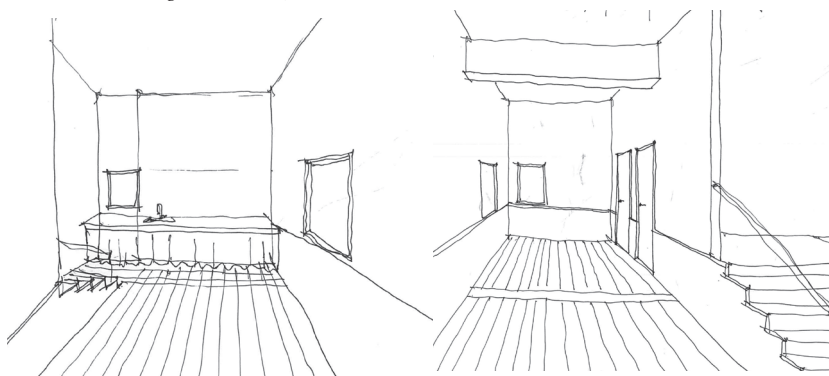


FIG. 93 - Desenhos - Processo

I ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

Apesar de outrora já ter existido uma associação de moradores no Bairro Herculano, nos dias-de-hoje não existe, preocupando assim a população local, que vê no seu bairro uma falta de gestão diária. Num total de 142 casas, o Bairro Herculano apresenta-se como a ilha de maiores dimensões da freguesia da Sé. Desse modo, e uma vez que as restantes 22 ilhas da freguesia não apresentam condições para a presença de uma associação de moradores, o Bairro Herculano passa a albergar este programa, que para além de gerir diariamente a população residente do Bairro, pretende também ajudar a gerir as restantes ilhas, funcionando assim como “ilha-mãe” da Freguesia da Sé.

Situada na praça do Bairro, entre as Ruas 1 e 2, a Associação de moradores implanta-se no edifício que em outros tempos albergou a mercearia do Bairro. O edifício, que assim como o Centro de Dia, destaca-se em termos de cêrcea dos edifícios restantes, e implanta-se em dois lotes de habitações, em dois pisos. O seu volume marca a transição entre a praça e a sua envolvente, e estabelece um limite de transição.

Apesar de as entradas serem feitas no alinhamento das restantes habitações das ruas transversais, num ritmo porta-janela, foi equacionada a abertura de uma nova entrada, a partir da praça da capela, de forma a interligar todos os equipamentos aqui existentes, numa fluidez de percursos entre eles.

A nível de organização espacial e de atitude perante a pré-existência, as intervenções partiram da proposta do Centro de Dia, uma vez que apesar de equipamentos e programas distintos, a ideia de unidade e coerência no bairro é o que se deve destacar e o que deve prevalecer numa atitude de conjunto.

O piso térreo destina-se a um espaço polivalente, que assim como os outros edifícios se relaciona com o exterior, e consequentemente com o público. No fundo, é um espaço equacionado para diversos fins e eventos, um espaço que pode ser versátil tanto no seu programa, como na sua organização espacial. Um espaço que tanto se prolonga para o exterior, como um espaço que se fragmenta no seu interior. Aqui, a ideia de flexibilidade, apropriação e evolução, que é tão presente ao longo do bairro, é aqui adaptada.

De forma a dar apoio a todo o tipo de eventos que aqui possa existir, como por exemplo o São João, que tanto marca este Bairro, é proposta uma banca, com espaço de copa, acentuando assim a ideia de versatilidade do espaço, que se pode esconder através de uma pequena cortina.

O piso superior apresenta um carácter mais privado e mais fragmentado. Este é dividido por uma sala de reuniões (9m²); Zona de Arquivo com gabinete próprio (9m²); Gabinete Individual (4m²) e ainda Sanitários.

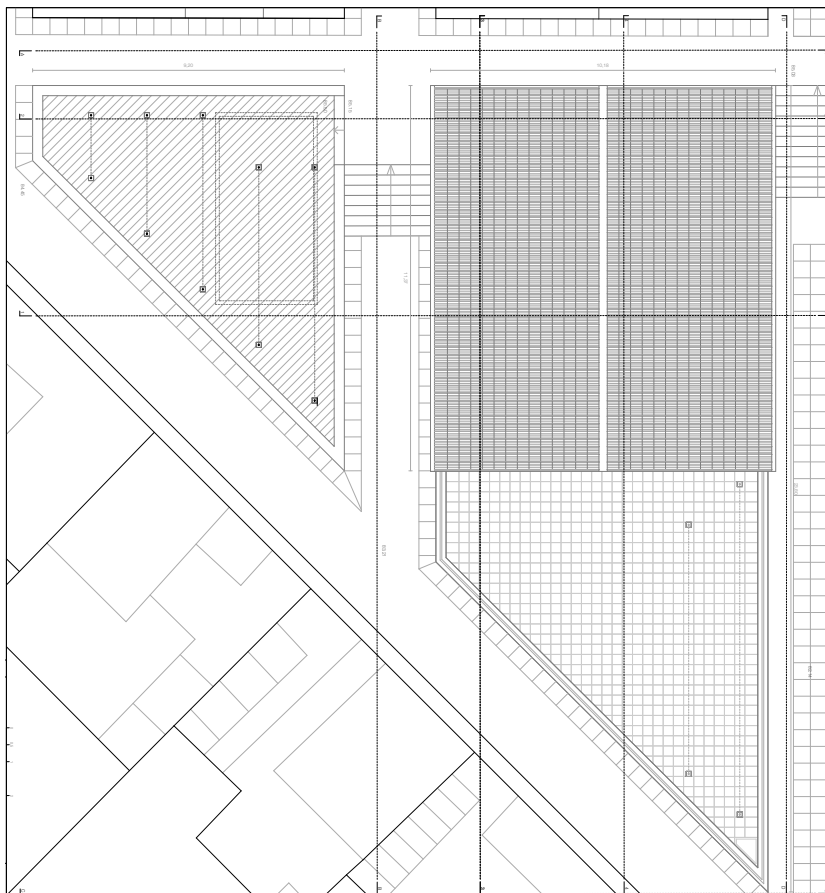


FIG. 94 - Planta de Coberturas. Desenho 42B, Volume II

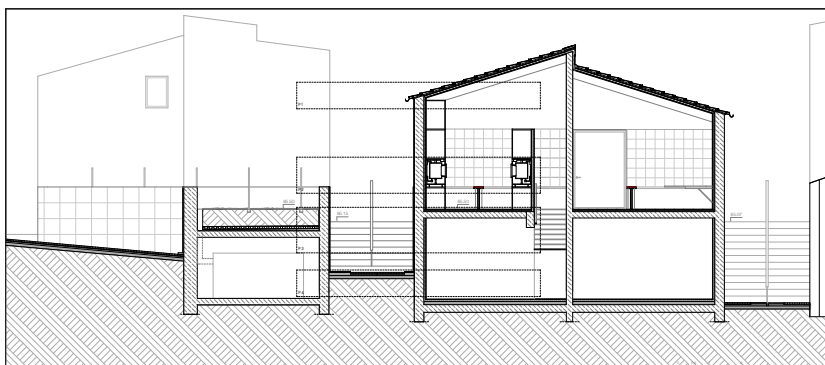


FIG. 95 - Corte Transversal 1. Desenho 44B, Volume II

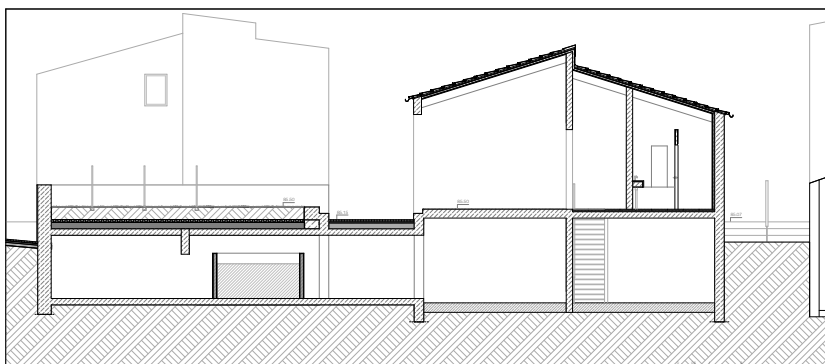


FIG. 96 - Corte Transversal 2. Desenho 45B, Volume II

Mais uma vez, neste piso é evidente a distribuição dos espaços através de um corredor central. As paredes estruturais são respeitadas e deixadas com pedra à vista numa tentativa de preservar a memória do local.

Em termos construtivos, foram tomadas as mesmas opções que no Centro de Dia, tendo sempre em conta que cada edifício é singular e merece a sua atenção a cada detalhe.

I LAVANDARIA

A lavandaria surge no Bairro Herculano devido a uma enorme falta de espaço nas pequenas habitações que compõem o bairro. Apesar da existência de tanques individuais no exterior de cada habitação, isso não é suficiente. Assim, implantada nos antigos sanitários públicos, ergue-se a lavandaria, junto à nova rua principal que liga à Rua Alexandre Herculano.

Numa abordagem e numa atitude diferente em relação aos outros edifícios propostos, a lavandaria pretende inserir-se no local, em constante relação com a envolvente e com as premissas do local. Assim, surgem novas paredes que seguem a implantação das que ali existiam e o volume surge com o alinhamento das coberturas dos edifícios que se encontram à sua frente.

Apesar de não se inserir na praça da capela, o volume da lavandaria foi pensado para estar constantemente em contacto com o espaço exterior. Para além de se encontrar num arruamento, que agora ganha um novo destaque, o programa prevê outros espaços exteriores adjacentes a este, garantindo assim uma forte dinâmica e uma inserção desta no bairro. Dessa forma, surgem dois espaços de carácter distintos que marcam a vivência do espaço exterior e que incentivam a ideia de comunidade. No alinhamento das paredes da lavandaria, surge um espaço pavimentado que se relaciona com o ritmo presente ao longo do bairro e funciona como espaço de secagem de roupa, com estendais fixos e estendais transportáveis de forma a colmatar a falta de espaço nos pequenos arruamentos ao longo do bairro, onde os moradores colocam a roupa a secar. Num outro espaço adjacente à lavandaria, surge, implantado em antigas habitações, um espaço verde que se destaca no conjunto do bairro. Este, que se eleva do chão, numa adaptação do volume ao declive encontrado no bairro, relaciona-se sempre com o volume da lavandaria, sendo que os dois, no seu conjunto, adaptam-se e contribuem para a vivência do bairro.

Este espaço verde surge também como espaço de secagem de roupa, mas apenas com estendais fixos que se desenvolvem ao longo deste pequeno espaço. Por baixo desta cobertura verde, surge a colocação de uma cisterna, construída no local à medida, de modo a aproveitar as águas pluviais. Assim, procura-se contribuir para a conservação da água, reduzir o consumo de água da rede pública e o custo associado, evitar utilizar água potável

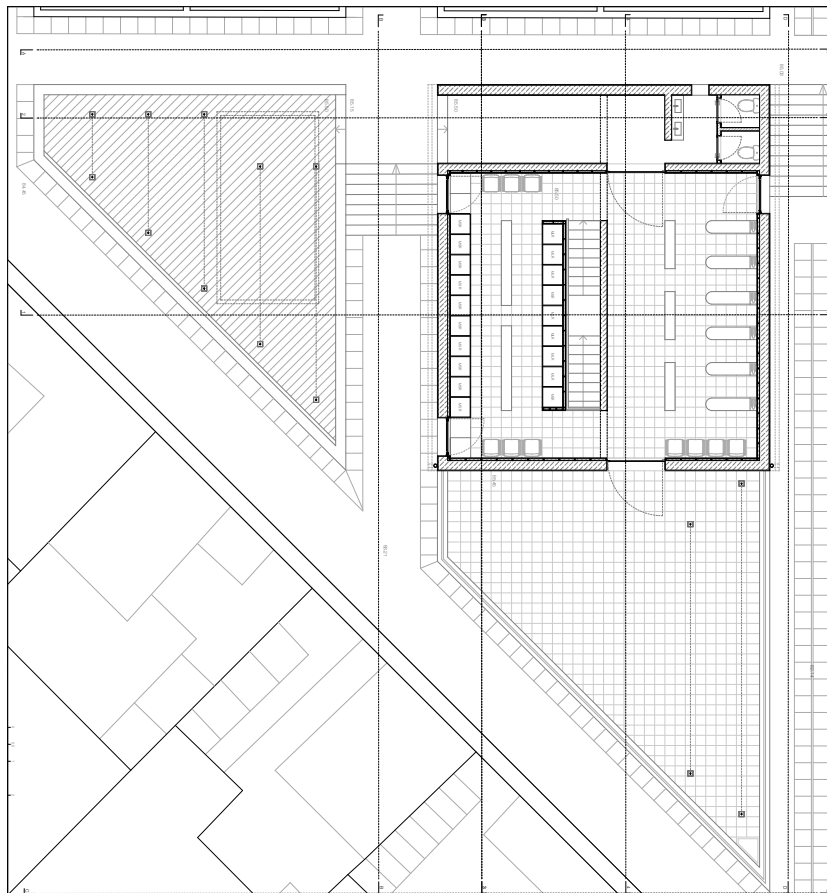


FIG. 97 - Planta de Rés-do-chão. Desenho 43B, Volume II

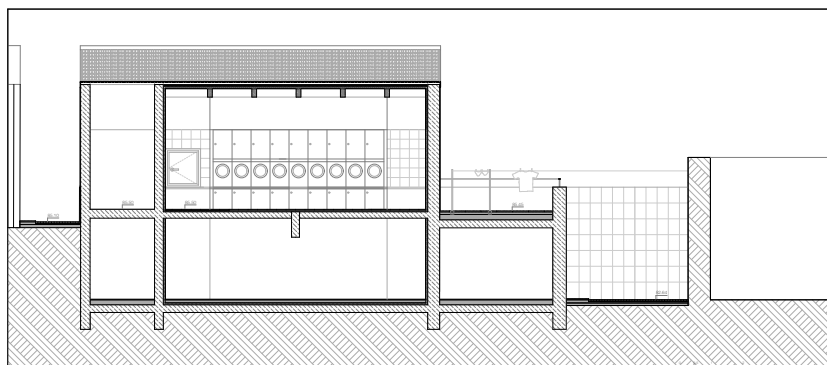


FIG. 98 - Corte Longitudinal 3. Desenho 46B, Volume II

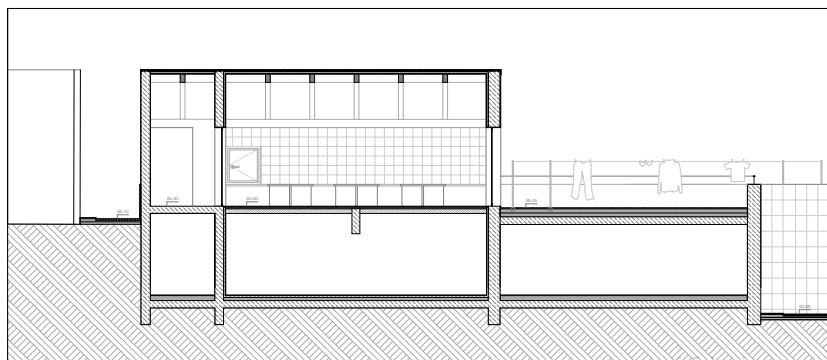


FIG. 99 - Corte Longitudinal 4. Desenho 47B, Volume II

para efeitos de sistema de rega e lavagem de pavimentos exteriores, e mesmo lavagem de roupa, podendo assim estar associada à função da lavandaria.

Ainda, no espaço exterior, a entrada para a lavandaria é marcada pela presença de sanitários públicos, que contribuem para a memória do que outrora ali existiu. Pretende-se aqui dar ênfase à nova intervenção, mas nunca esquecer a memória do local.

Apesar de esta nova construção se distinguir das restantes anteriormente propostas, tenta relacionar-se com o conjunto, na sua organização espacial e na utilização de materiais. Dessa forma, a lavandaria organiza-se segundo um corredor central, evidenciado pela entrada no edifício e pela saída para o pátio exterior. Neste corredor central encontram-se também as escadas que levam ao piso inferior, onde existe espaço de armazenagem para a manutenção do bairro e, também a ligação para o local onde se encontra a cisterna. No piso de entrada, o espaço é dividido em dois, apesar de existir sempre um percurso fluído entre eles. De um lado encontra-se o espaço de maquinaria para lavagem e secagem de roupa e do outro o espaço de engomaria. A ideia deste volume fixa-se na possibilidade de um percurso subentendido, em que os moradores e/ou pessoas vindas de fora possam ir percorrendo o espaço, alternando entre interior e exterior, alternando entre as diferentes funções e possam ir convivendo umas com as outras.

Em termos construtivos, este edifício é construído de forma bastante distinta dos restantes. Uma vez que as paredes dos sanitários estavam bastantes degradadas, foram equacionadas novas estruturas que pudessem albergar o novo edifício. Apesar de a ideia inicial ser de manter as paredes de pedra existentes, numa ligação com novas paredes estruturais em betão, essa ideia foi posta de parte, uma vez que não foi possível verificar, no levantamento efectuado, o estado das fundações existentes. Desta forma, as paredes de betão formam o novo edifício, que surge como elemento da nova intervenção, assim como no espaço público.

Apesar desta intervenção optar paredes de betão, esta são revestidas da mesma forma que os restantes edifícios: embasamento em lajetas de betão e revestimento a reboco branco. O edifício da lavandaria destaca-se como um volume branco, que assenta num forte embasamento que desenha os espaços exteriores, como o pátio e a cobertura verde.

As lajes, também elas em betão são revestidas pelo mesmo pavimento cerâmico escolhido para as restantes intervenções. O lambrim também ele aqui está presente, mas desta vez em revestimento cerâmico, em que mais uma vez surge como elemento contínuo ao longo de todo o espaço. Os armários existentes, que funcionam como cacifos, surgem em madeira, apesar de se elevarem do chão, assim como as mesas de apoio colocadas ao longo do espaço.

Em relação à cobertura, esta relaciona-se com os restantes edifícios, apresentando



FIG. 100 - Fotomontagem da intervenção - Lavandaria e Espaço Público

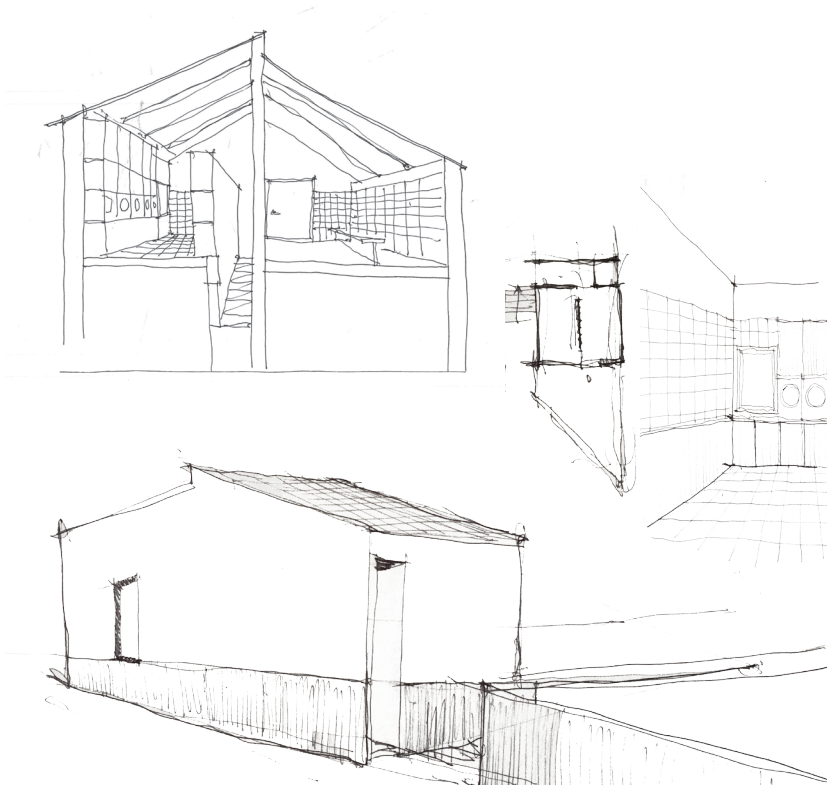


FIG. 101 - Processo - Esquissos

vigas estruturais em madeira, painel *sandwich*, e ainda telha marselha que reveste as duas coberturas, de uma água cada uma.

As janelas utilizadas são as mesmas que os outros equipamentos, e surgem em pontos estratégicos, de forma a iluminar o espaço de uma forma controlada. As portas, também elas em vidro com caixilho, são pivotantes, de forma a existir uma maior fluidez no percurso do espaço.

Apesar de este edifício responder a premissas diferentes dos restantes equipamentos, este é ponderado e equacionado em constante relação com os outros, de forma a obter uma intervenção unificadora de todo o bairro.

No fundo, apesar de cada equipamento ser singular, pretende-se o diálogo constante entre estes, através das atitudes projectuais, dos materiais e técnicas utilizadas. Desta forma a intervenção é retratada como um todo que se adapta ao Bairro como um novo estrato que contrasta com a enorme diversidade aqui encontrada.

II. CONSIDERAÇÕES FINAIS

II. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Acabar. Uma palavra imprecisa, uma espécie de erro de tradução a substituir pela palavra começar.”*⁶⁰

Esta proposta para o Bairro Herculano surge como um novo início na vida deste conjunto habitacional. Um novo estrato que se adapta às inúmeras sobreposições temporais precedentes. Um novo modo de entendimento destes fragmentos anteriores, em busca de uma nova oportunidade para este lugar estagnado. Ainda assim, não se pode considerar este projecto como um fim. O trabalho representa uma procura, não encerrada e não global, de respostas para problemas reais, mas não se exige que seja uma imagem completa, definitiva. Pretende-se que a liberdade do próprio Bairro vá escrevendo sobre este novo capítulo.

Conforme Nuno Portas, *“o território urbano cria-se no espaço e no tempo. Está em constante mutação, pelo que os projectos não podem visar a construção à partida de uma imagem final acabada”*⁶¹ e continua realçando que *“Não faz sentido procurar uma imagem estática, fechada, incapaz de aceitar alterações e variações, e muito menos uma imagem que procure simular variedade e diferença, onde ela de facto não existe.”*⁶² Desta forma, o projecto assume o entendimento dos estratos dos 130 anos deste bairro e adapta-o para responder aos ritmos contemporâneos. Como um novo estrato que reconhece a importância de se deixar aberto, de acrescentar mais páginas em branco para que a vida humana escreva sobre elas. Entender estas camadas é perceber que a riqueza específica do Bairro encontra-se no tempo. Na verdade, vemos isto nos materiais que na sua degradação podem ser considerados como subtracção ou deformação. No entanto, não podem ser vistos só de forma negativa, pois correspondem a adição de significado, de conteúdo, de traços de vida, de crónicas. Podemos, então, dizer que o tempo em arquitectura acumula estratos num processo de sedimentação que torna a vida legível, visível, aparente.

Procura-se, assim, enraizar no contexto pré-existente e, ainda, nas problemáticas identificadas de modo a criar uma estratégia capaz de corresponder às necessidades, tendo em consideração a presença de vários tempos que não podem ser apagados da história do Bairro, da história da cidade. Como afirma Siza Vieira *“não é necessário destruir para transformar. Para transformar é necessário e indispensável não destruir a cidade. Ou ficará apenas um crepúsculo sem olhos de poeta em cada um de nós – os olhos que trazemos ao nascer.”*⁶³

60. SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto: Civilização Editora, 2009, p. 366

61. PORTAS, Nuno, *Políticas Urbanas II: transformações, regulação e projectos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, p. 227

62. *idibem*, p. 20

63. SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto: Civilização Editora, 2009, p. 366

Assim, apoiando-se na ideia de Siza, é necessário e indispensável um constante diálogo e debate com o passado para entender o que este representa, e actuar de forma objectiva e direccionada para catalisar as valências envelhecidas através das novas transformações que reapontam o Bairro para a direcção contemporânea da cidade.

Ambiciona-se que o Bairro renove as suas condições de vida colectiva para fortalecer a sua ligação à cidade. Nuno Portas afirma que “*definitivamente é obrigatório pensar no espaço não construído: os seus usos, as suas vivências, a sua identidade*” e acrescenta que “*é necessário pensar como construir um espaço urbano activo. Não basta uma estrutura percorrível. O espaço urbano deve ser de encontro, de interacção e actividade.*”⁶⁴

De certa forma, o individual, a vida privada, necessitam destes espaços comuns (arruamentos, praça e equipamentos) para se relacionarem enquanto comunidade. No entanto, esta não se relaciona em exclusivo com os outros moradores, mas com a cidade inteira sem interrupção física. Isto é, os espaços exteriores colectivos são os espaços de vida da comunidade e, são também, representativos da ligação do Bairro à cidade. Neste Bairro pretende-se que se diluam os limites destes dois mundos. Portanto, o objectivo foi construir pequenas mecanismos autónomos (equipamentos) que participam numa máquina maior (o Bairro) que por sua vez comunica com a cidade. Isto pode ser considerado um processo de escalas que ao serem atenuadas potenciam a ligação ao todo, à cidade.

Nesse sentido, o espaço público surge como indispensável no reinventar de um espaço tradicional, e ainda como elemento unificador de toda a proposta. Procura criar um conjunto coerente, através de várias intervenções que se interligam, articulam e sobrepõem, de forma a criar uma unidade com significado próprio.

A intervenção proposta surge, assim como um novo estrato do Bairro, como um palco vago e imprevisível na sua essência, como um lugar que ultrapassa os seus limites, um lugar com infinitas variantes, um lugar que possibilita o triunfo da singularidade.

Em suma, este projecto não remonta apenas ao passado, mas o seu desenho permite e convida a eventos e efeitos futuros. Podemos então assumir que o passado, o presente e o futuro não seguem a sua ordem natural, mas sim o passado e o futuro sobrepõem-se no presente.

O Bairro deve ser capaz de absorver os traços da vida humana e, assim, assumir um riqueza específica que é acumulada ao longo do tempo. O valor ou significado não surge a partir das coisas, mas sim da forma como são trabalhadas, usadas e tratadas no seu percurso histórico, oferecendo-nos uma experiência visual a partir da acumulação de sedimentos.

64. PORTAS, Nuno, *Políticas Urbanas II: transformações, regulação e projectos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011, p. 225

No fundo, o processo de sedimentação concretiza os seus resultados através de uma história aberta e estendida, numa constante colecção de memórias e significados. Peter Zumthor ressalta esta questão, referindo que “*Space in architecture is not measured in inches, feet and yards alone, but also in minutes, days, months and years*”⁶⁵. Podemos ainda citar Siza que refere “*o tempo é o maior amigo da arquitectura, o tempo que distingue o que permanece e o que se dissolve, o tempo propiciador de magníficas patines e de complexas sobreposições, o tempo que não tem pressa, resistente imbatível.*”⁶⁶

Encerra-se assim um percurso académico com um trabalho que pretende ser uma base para um mundo profissional, uma aprendizagem com contextos (ainda) indefinidos.

65. ZUMTHOR, Peter in LEATHERBARROW, David, *Architecture oriented otherwise*, New York: Princeton architectural press, 2009, p. 93

66. SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto: Civilização Editora, 2009, p. 164

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

BENEVOLO, Leonardo, *História da Cidade*, São Paulo: Edições Perspectiva, 2004

BORJA, Jordi, *El Espacio Publico: ciudad y ciudadanía*, Barcelona: Electa, 2003

BREDA VÁZQUEZ, Isabel; CONCEIÇÃO, Paulo, *Ilhas do Porto: Levantamento e Caracterização*, Porto: Município do Porto, 2015

FERNANDES, Fátima, *Eduardo Souto Moura, a arquitectura do metro: obras e projectos na area metropolitana do Porto*, Porto: Civilização, 2006

FERNANDES, Francisco Barata, *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*, Porto: Faup Publicações, 1999

LEATHERBARROW, David, *Architecture oriented otherwise*, New York: Princeton architectural press, 2009

LYNCH, Kevin, *A imagem da cidade*, (trad. Maria Tavares Afonso), Lisboa: Edições 70, 1999

LYNCH, Kevin. *A boa forma da cidade*, (trad. Jorge Almeida Pinho), Lisboa: Edições 70, 1999

ORTIGÃO, Ramalho; QUEIRÓS, Eça de, *As Farpas: Crónicas de Jornal*, Luso Livros, 1887

PEREIRA, Gaspar Martins, *Famílias Portuenses na Viragem do Século*, Porto: Edições Afrontamento, 1995

PINTO, Jorge Ricardo, *O Porto Oriental no final do século XIX: Um retrato Urbano*, Porto: Edições Afrontamento, 2007

PORTAS, Nuno, *Políticas Urbanas II: transformações, regulação e projectos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011

RAMOS, Luís A. De Oliveira, *História do Porto*, Porto: Porto Editora, 2000

ROSSI, Aldo, *A Arquitetura da Cidade*, (2a ed.), (Trad. de José Charters Monteiro), Lisboa: 2001

SIZA VIEIRA, Álvaro, *01 textos*, Porto: Civilização Editora, 2009

SIZA VIEIRA, Álvaro, *Imaginar a Evidência*, Lisboa: Edições 70, 2000

SOLÀ-MORALES, Manuel, *De cosas urbanas*, Barcelona: Gustavo Gili, 2008

TÁVORA, Fernando, *Da Organização do Espaço*, (4o ed.), Porto: FAUP, 1999

TEIXEIRA, Manuel C., *Do entendimento da cidade à intervenção urbana: O caso das “ilhas” da cidade do Porto* in Sociedade e Território, Nº2, Porto: Edições Afrontamento, 1995

TEIXEIRA, Manuel C., *Habitação Popular Oitocentista*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996

WELLENKAMP, Margarida; PISCO, Luís, *Ilhas*, Porto: Panmixia, 2004

ARQUIVOS

Arquivo das Águas do Porto

Arquivo Histórico do Porto

CONFERÊNCIAS E DOCUMENTÁRIOS

Entre Vizinhos, Bairro da Bouça. 23 de Setembro de 2016

Vizinhos: A revolução e as casas de Siza na Bouça. [Registo vídeo], Porto: SIC, 2016. (38 min.). Disponível em < <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/vizinhos/2016-05-28-Vizinhos-A-revolucao-e-as-casas-de-Siza-na-Bouca>>

ARTIGOS E REVISTAS

Folha Nova, Nº 62, 7 de Agosto de 1885

GRANDE, Nuno, *Revolución y Regeneración Urbana: entre el clavel y el bolígrafo*. Disponível em < http://cinemactiv.com/paredesmeias/wp-content/uploads/2010/08/Nuno_Grande-Ponencias-Jornadas_obsolescencias_urbanas_2010.pdf>

PEREIRA, Gaspar Martins, *As Ilhas no Percurso das Famílias Trabalhadoras do Porto em finais do século XIX* in Família, Espaço e Património, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Porto, 2011, pp.477- 493. <https://repositório-aberto.up.pt/bitstream/10216/63550/2/gasp_arpereirailhas000163659.pdf>

TEIXEIRA, Manuel A. Correia, *As estratégias de habitação em Portugal, 1880-1940* in Análise Social, vol. XXVII, no 118- 119, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992, 65- 89. <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223049300Z1dLD4ro1Jn31VT6.pdf>>

TEIXEIRA, Manuel A. Correia, *Do entendimento da cidade à intervenção urbana. O caso das «ilhas» da cidade do Porto* in Sociedade e território : revista de estudos urbanos e regionais, no2. Edições Afrontamento, Porto, 1985, 74-89

SITES CONSULTADOS

<<http://gisaweb.cm-porto.pt>>

<<http://www.domussocial.pt>>

<<http://www.jn.pt/>>

<<http://www.metrodoporto.pt>>

<<http://www.publico.pt>>

<<http://www.publicspace.org>>

<<http://www.revistapunkto.com>>

<<https://www.infopedia.pt>>

<<https://www.publico.pt>>

CRÉDITOS DE IMAGEM

CAPÍTULO 1: DESCOBRIR O PASSADO

- 1.Arquivo História do Porto. Disponível em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/535310/?q=george+balck>
- 2.Tabela feita pela autora. Imagens de cima para baixo: . <http://www.comerciovivomouzinhoflores.com/historia/>; <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2010/05/os-transportes-sobre-carris-2.html>; <https://repositorio-tematico.up.pt/handle/10405/1079>; <http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2009/10/ponte-d-maria-ii-ou-ponte-pensil-cidade.html>; <http://monumentosdesaparecidos.blogspot.pt/2013/01/titan-ou-tita-porto-de-leixoes.html>; <http://www.portoantigo.org/2009/09/>
- 3.<http://restosdecoleccion.blogspot.pt/2014/11/ponte-maria-pia.html>
- 4.RAMOS, Luís A. De Oliveira (2000) – História do Porto. Porto, Porto Editoria
- 5.PEREIRA, Gaspar Martins, As ilhas no percurso das famílias trabalhadoras do Porto em finais do século XIX in Família, Espaço e Património, Centro de Investigação, Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», Porto: 2011
- 6.Redesenho por parte da autora das plantas em TEIXEIRA, Manuel C. (1996) – Habitação Popular na Cidade Oitocentista, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- 7.<http://flashbak.com/shocking-photos-of-salford-slums-1969-72-54032/>
- 8.BENEVOLO, Leonardo, História da Cidade, São Paulo: Edições Perspectiva, 2004
- 9.TEIXEIRA, Manuel C., Habitação Popular Oitocentista, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996
- 10.FERNANDES, Francisco Barata (1999) – Transformação e Permanência na Habitação Portuense – As formas da casa na forma da cidade. Porto, Faup Publicações, p. 210
- 11.BREDA VÁZQUEZ, Isabel, CONCEIÇÃO, Paulo - Ilhas do Porto: Levantamento e Caracterização. Porto: Município do Porto, 2015. Vol. 2, p. 158 e 159
- 12.Arquivo Histórico do Porto.
- 13.Disponível em: <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/393756/?q=planta+porto+1833>
14. Arquivo Histórico do Porto. Disponível em < <http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/338964/?q=artistas+rua+alexandre+herculano>>
- 15.Arquivo Histórico do Porto
- 16.Arquivo Histórico do Porto
- 17.Arquivo Histórico do Porto. Planta de Casas, Livro nº79, p. 453
- 18.Arquivo Histórico do Porto. Planta de Casas, Livro nº79, p. 455
- 19.TEIXEIRA, Manuel C. (1996) – Habitação Popular na Cidade Oitocentista, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 368
- 20.TEIXEIRA, Manuel C. (1996) – Habitação Popular na Cidade Oitocentista, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 366
- 21.TEIXEIRA, Manuel C. (1996) – Habitação Popular na Cidade Oitocentista, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 367

CAPÍTULO 2: OLHAR O PRESENTE

- 22.Planta realizada pela autora. Desenho presente no Volume II
- 23.TEIXEIRA, Manuel C. (1996) –

- Habitação Popular na Cidade Oitocentista, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 363
- 24.Arquivo Histórico do Porto
- 25.TEIXEIRA, Manuel C. (1996) – Habitação Popular na Cidade Oitocentista, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 364
- 26.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 27.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 28.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 29.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 30.Fotografia tirada pela autora, 2017
- 31.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 32.< http://postaisdantigamente.blogspot.pt/2008/12/porto_10.html>
- 33.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 34.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 35.Arquivo Histórico do Porto
- 36.Planta realizada pela autora, presente no Volume II
- 37.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 38.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 39.Desenho de Processo realizado pela autora
- 40.Desenho de Processo realizado pela autora
- 41.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 42.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 43.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 44.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 45.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 46.Fotografia tirada pela autora, 2016
- 47.Desenho de Levantamento realizado pela autora
- 48.Fotografias tiradas pela autora, 2016
49. Fotografia tirada pela autora, 2016
50. Fotografia tirada pela autora, 2016
51. Fotografia tirada pela autora, 2016
52. Fotografia tirada pela autora, 2016
53. Fotografia tirada pela autora, 2016
- CAPÍTULO 3: PENSAR O FUTURO**
- 54.<<https://travelrandomnotes.com/2015/02/18/5133/>>
- 55.SIZA VIEIRA, Álvaro, Imaginar a Evidência, Lisboa: Edições 70, 2000
- 56.FERNANDES, Fátima, Eduardo Souto Moura, a arquitectura do metro: obras e projectos na area metropolitana do Porto, Porto: Civilização, 2006
- 57.FERNANDES, Fátima, Eduardo Souto Moura, a arquitectura do metro: obras e projectos na area metropolitana do Porto, Porto: Civilização, 2006
- 58.Fotografia de Fernando Guerra, disponível em: < <http://ultimasreportagens.com> >
59. Fotografia de Fernando Guerra, disponível em: < <http://ultimasreportagens.com> >
60. SIZA VIEIRA, Álvaro, Imaginar a Evidência, Lisboa: Edições 70, 2000
61. Postal adquirido pela autora no Ciclo de Encontros, no Bairro da Bouça, Porto
62. Desenho de Processo realizado pela autora
63. FRAMPTON, Kenneth, *Álvaro Siza: tute le opere*, Milão: Electa, 2005
- 64.FLECK, Brigitte; PFEIFER, Günter, *Malagueira: Álvaro Siza in Évora*, Freiburg: Verlag publ., 2013
- 65.<<https://historiasdelaotrahistoria.wordpress.com/tag/portugal/>>
- 66.FLECK, Brigitte; PFEIFER, Günter, *Malagueira: Álvaro Siza in Évora*, Freiburg:

- Verlag publ., 2013
- 67.Desenho de Processo realizado pela autora
- 68.Arquivo CCHE Giraldo sem pavor
69. Fotografia tirada pela autora, 2016
- 70.<<http://www.publicspace.org/en/works/d105-piazza-nera-piazza-bianca>>
- 71.<<http://www.publicspace.org/en/works/d105-piazza-nera-piazza-bianca>>
- 72.<<http://www.publicspace.org/en/works/d105-piazza-nera-piazza-bianca>>
- 73.Desenho de Processo realizado pela autora
- 74.Fotomontagem realizada pela autora
- 75.Planta realizada pela autora, presente no Volume II
76. Planta realizada pela autora, presente no Volume II
77. Planta realizada pela autora, presente no Volume II
78. Planta realizada pela autora, presente no Volume II
79. Alçado realizado pela autora, presente no Volume II
- 80.Corte Transversal realizado pela autora, presente no Volume II
- 81.Corte Transversal realizado pela autora, presente no Volume II
- 82.Corte Transversal realizado pela autora, presente no Volume II
- 83.Corte Longitudinal realizado pela autora, presente no Volume II
- 84.Desenhos de Processo realizado pela autora
- 85.Fotomontagem realizada pela autora
- 86.Planta realizada pela autora, presente no Volume II
- 87.Planta realizada pela autora, presente no Volume II
- 88.Alçado realizado pela autora, presente no Volume II
- 89.Corte Longitudinal realizado pela autora, presente no Volume II
- 90.Desenho de Processo realizado pela autora
91. Plantas realizadas pela autora, presente no Volume II
92. Corte e Alçado realizados pela autora, presente no Volume II
- 93.Desenho de Processo realizado pela autora
- 94.Planta realizada pela autora, presente no Volume II
- 95.Corte Transversal realizado pela autora, presente no Volume II
- 96.Corte Transversal realizado pela autora, presente no Volume II
- 97.Planta realizada pela autora, presente no Volume II
- 98.Corte Longitudinal realizado pela autora, presente no Volume II
- 99.Corte Longitudinal realizado pela autora, presente no Volume II
- 100.Fotomontagem realizada pela autora
- 101.Desenhos de Processo realizados pela autora
- ANEXOS**
102. Fotografia tirada pela autora, 2016
103. Fotografia tirada pela autora, 2016

ANEXOS



FIG. 102 - Entrevista a moradora do Bairro Herculano durante reportagem de alunos da FLUP



FIG. 103 - Entrevista a D. Olga durante reportagem de alunos da FLUP

ENTREVISTAS AOS MORADORES

I. VISITA AO BAIRRO HERCULANO | 26 de Outubro de 2016

D. MARIA

Enquanto saía do Bairro, eu entrava. Logo me desejou bom-dia e meteu conversa comigo. A boneca, gata do vizinho, lá andava a passear, e lá me dizia a D. Maria que já andava longe, mas que sabia sempre voltar para sua casa. Perguntei-lhe se morava ali no bairro, ao qual me respondeu afirmativamente e, assim de seguida perguntei há quantos anos. No meio de risos me disse “já vivo aqui, muito antes da menina nascer”. Entre pressas lá lhe expliquei o motivo da minha visita, e de uma forma muito esquemática e directa falei de uma proposta de melhoramento do bairro e das próprias casas. Com um enorme suspiro lá desabafou que eu não me devia estar a preocupar com isso, pois ninguém lá ia investir, uma vez que agora só se preocupam em fazer mais hotéis para a cidade.

SR. SERAFIM SILVA

Ao percorrer a rua central do bairro, fui de encontro a um grupo que aqui conversava. Uma vez mais expliquei que estava a elaborar um trabalho académico e questionei se podia fazer algumas perguntas, de modo a perceber um pouco mais acerca do bairro, com o testemunho de quem lá vive. Foi com simpatia que logo começaram a conversa e, assim se passou 1 hora, que podia ter continuado por mais horas a fio, com tantas histórias por contar. Serafim Silva, de 69 anos, nascido, criado e casado no bairro, já viveu em várias casas, mas é na Rua 3 no número 5, que actualmente vive. Reformado, vive com a sua esposa, de 64 anos e com o seu filho mais velho de 33 anos, numa habitação de dois pisos, de tipologia T2, que faz esquina com a Rua Central. Confessa que apesar de não se imaginar a viver noutro sítio, o bairro já não é o que era. De uma “grande família”, como assim descreve a antiga relação de vizinhança, agora diz que já não conhece toda a gente. Num curto espaço de meses, são várias as pessoas que entram e saem e, ainda há casas que são alugadas a turistas, para curtas estadias. Quando questionado sobre quais eram os pontos positivos e os pontos negativos do bairro, foi de imediato que respondeu que o ponto negativo do bairro era o pavimento das ruas. Argumentou, dizendo que pessoas com mobilidade reduzida atravessavam este espaço com grande dificuldade e, que de certa forma este pavimento degradado dava uma má imagem ao bairro. Também referiu o facto de, uma vez que não existe saneamento comum a todas as habitações, existem algumas que a obtêm ilegalmente, e acabam por ligar os canos de esgoto à zona de recolha de águas pluviais, causando assim um cheiro bastante desagradável por todo o bairro. Apontou para a grelha de recolha de águas que continha por baixo da sua casa, e explicou que nunca podia abrir a janela que

faz frente com esta rua, devido a este odor. Em relação ao ponto positivo do bairro atribui à sua ligação com o bairro, uma vez que vive ali há 69 anos. Mais tarde pedi para pensar em algo que pudesse ser mudado ou construído no bairro e, mais uma vez frisei de que se tratava de um trabalho académico e que podia escolher o que quisesse. Mais uma vez, a resposta foi imediata: “um centro de dia”. Explicou que quem vivia no bairro eram muitos idosos, e muitas vezes sozinhos, e que muitos deles, uma vez que têm problemas motores, quase não saem de casa. Dessa forma, que o centro dia ali no bairro, podia ajudar os mais necessitados. Quanto à existência de um espaço público, de maiores dimensões, onde os moradores se pudessem juntar, foi com enorme agrado que disse que seria óptimo para toda a comunidade.

NATÁLIA SILVA

Sentada num banco no exterior de sua casa, estava Natália a ler o jornal. Fui então ter com ela e explicar-lhe o motivo da minha abordagem. Mais uma vez, a simpatia prevaleceu e não houve qualquer entrave nas minhas questões e, ainda me fez uma visita pela sua “modesta” casa. Com 61 anos, é actualmente reformada, depois de ter sido empregada de comércio. Vive na Rua 6, na casa 2 e 4. Vive com o seu marido de 64 anos e com o seu cão “panda”, e está no bairro há 54. A sua casa é alugada, e paga 60 euros de renda por mais. No entanto, há cerca de meio ano o seu pai faleceu com 91 anos de idade, que morava na casa ao lado, na casa 2. Desde então, Natália alugou também a antiga casa do seu pai e acabou por transformar as duas, numa só. Com pequenas obras, conseguiu um aumento de espaço doméstico e, dessa forma, um conforto no seu quotidiano. Refere que, na sua pequena casa criou duas filhas e que nunca se preocupou muito com a questão do espaço. Lembra com nostalgia o seu pai e até mostrou o seu antigo quarto que ainda não teve coragem de mudar, uma vez que passou muito pouco tempo desde a sua partida. O seu sanitário privado, era outrora numa divisão independente da casa, e tinha de sair pelo exterior para se dirigir até lá. Agora com adaptação das duas casas, incorporou o corpo da casa-de-banho na sua habitação e até aproveitou para criar uma zona de máquinas e, ainda outro arrumação, uma vez que o espaço no resto da casa não é suficiente.

Ao referir que é uma “filha do bairro”, frisa a sua forte ligação com este e com a vizinhança e, refere que é quase uma “família”. Menciona que adora viver ali e que era incapaz de ir viver para outro lugar. Para enfatizar o facto de o bairro ter um ambiente bastante agradável e uma óptima relação de vizinhança, conta que há uns tempos atrás a polícia lá foi devido a um conflito entre moradores e que o polícia ficou surpreendido que não conhecia aquele bairro, o que se leva a perceber de que o bairro não é conflituoso, uma vez “nem a polícia o conhece”. É com um sorriso na cara que diz que não consegue identificar pontos negativos no bairro e, assim como o Sr. Serafim agrada-lhe a ideia da existência de um espaço público no bairro.

ANA FILIPA

Numa conversa atarefada entre estender a roupa e palavras surge a conversa com Ana Filipa, uma estudante de 22 anos, que nasceu no bairro. Residente na Rua 1, na casa 4, vive com os seus pais de 56 e 55 anos de idade. Um dos pontos positivos que atribui ao bairro é a sua proximidade com o centro e o facto de numa distância a pé existir muita coisa, como supermercados, transportes, cafés, entre outros. Mais uma vez, a degradação do pavimento foi o ponto negativo que atribui ao bairro e, diz que gostava de ver um novo pavimento em todas as ruas. Quanto ao que gostava de mudar ou construir no bairro diz que um parque infantil seria uma ótima ideia, para as crianças no bairro terem um maior espaço para brincar. Quanto à sua habitação, é com grande modéstia que diz que não mudava muita coisa, talvez apenas acrescentar um piso.

II. VISITA AO BAIRRO HERCULANO | 28 de Novembro de 2016

SR. JOSÉ GOMES

Morador na rua central do Bairro Herculano, na casa que se destaca das outras e que se implanta na antiga praça em frente à igreja, o Sr. José vive há 43 anos no bairro, com a sua esposa. Já há muitos anos que comprou a sua casa e, ao poucos foi remodelando-a, tornando-a com melhores condições de vida e, ao mesmo tempo, criando a sua própria identidade. Já reformado, passa os seus dias no bairro, a maior parte do tempo, na rua em conversa com os moradores. Quando questionado acerca da sua relação com a vizinhança, descreve-a como uma grande família, assim como muitos dos moradores. Não se imagina a viver noutro local, pois já considera o bairro como seu. Aponta como ponto fraco o pavimento das ruas que compõem o bairro, levando mais uma vez a uma unanimidade por parte dos moradores do bairro. Frisa que a maior parte dos habitantes já são idosos e que devido ao mau estado dos arruamentos, estes não conseguem percorrer o espaço com conforto. Mudaria então no bairro, o pavimento em todas as ruas e ainda umas melhores condições em todas as habitações, como a inclusão de sanitário em todas as habitações, que apesar de já muitas integrarem, ainda existem algumas que têm de recorrer aos sanitários públicos. Vê a requalificação do bairro como uma boa oportunidade de este proporcionar uma melhor qualidade de vida.

D. OLGA

Tem 65 anos e já vive no bairro há 47 anos. Residente na rua 4, na casa 10, ao contrário da maior parte dos habitantes do bairro, não se sente muito confortável em lá viver, apesar

da sua longa estadia. Refere que a relação entre vizinhos já não é a mesma e que em certos momentos existe alguma tensão entre algumas pessoas, proporcionando assim um mau ambiente na rua, ou no bairro. Com grande suspiro, queixa-se da má condição da sua habitação, que apesar de ser alugada, ao poucos e poucos tenta colmatar todas as anomalias que encontra. Está há algum tempo à espera de uma resposta por parte do senhorio para trocar a sua porta, que ainda é de madeira, por uma de alumínio, para garantir assim um corte térmico. Já colocou, do seu bolso, um telhado novo e uma caleira nova que ao longo dos anos se foram deteriorando e iam causando estragos no interior da habitação.

D. AIDA CALDAS

Aida Caldas, de 79 anos, é residente no Bairro Herculano há 43 anos, na Rua 5, casa 14, numa habitação própria. É reformada e vive sozinha já há alguns anos e refere que já não sente grande ligação ao bairro, como outrora sentiu. As pessoas já não são as mesmas, já começaram a vender casas para alugar a turistas, e tudo isto torna a relação entre vizinhos muito mais superficial. Com bastante simpatia e humildade, deixou-me entrar na sua habitação para me explicar quais os problemas que ali existiam. O maior problema é que a sua casa, encontra-se no meio de duas casas vazias. Do lado esquerdo encontra-se uma habitação que já foi vendida há cerca de três meses, mas ainda ninguém começou a fazer as obras e do lado direito, encontra-se uma habitação devoluta há cerca de 40 anos. Ao longo do tempo, e com as diversas intempéries a habitação foi ficando em estado de ruína, e as telhas acabaram por partir, sendo que chove no seu interior. Devido a isso, a parede confinante entre os fogos encontra-se com bastante humidade e faz com que a habitação, que inicialmente já é fria, se encontre ainda mais, e com condições quase insuportáveis de vivência. Mostrou a tinta a descascar, a madeira empenada e os objectos que se encontram na parede, como o contador de luz que quase não se segura. Por sua vez, devido a uma janela partida de uma habitação em frente à sua, durante a noite, o frio entra pela sua própria janela, tornando assim as noites gélidas e insuportáveis. De modo a tentar colmatar esse frio, tapou toda a sua janela com remendos feitos com tapetes, tecidos e almofadas de modo a tapar todas as frinchas. Refere que a sua reforma é insuficiente para conseguir melhor a sua habitação e que já não se encontra em idade para se meter em tais intervenções.

FAUP . 2017

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Sofia Monteiro Coelho de Magalhães

BAIRRO HERCULANO

NOVO ESTRATO NUM PROCESSO DE SEDIMENTAÇÃO

VOLUME II

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
orientada por: Prof. Doutora Clara Pimenta do Vale

Sofia Monteiro Coelho de Magalhães

2017

No volume II organizam-se um conjunto de elementos complementares ao Volume I, que pela sua dimensão determinada pelo desejo de uma melhor leitura implicam a sua apresentação num volume independente.

Este volume deve ser um constante acompanhamento do Volume I - nomeadamente nos capítulos 2 e 3. Aqui encontram-se representados os elementos gráficos com as escalas originais.

ÍNDICE

AI OLHAR O PRESENTE

1/3000	01A	Planta de Localização do Bairro Herculano
1/3000	02A	Planta de Pontos de Referência
1/2000	03A	Planta de Usos
1/500	04A	Planta de Cérceas
1/500	05A	Planta de Tipologias
1/500	06A	Planta de Edifícios Devolutos
1/500	07A	Planta de Localização de Equipamentos
1/500	08A	Planta de Ligações de Saneamento
1/500	09A	Planta de Iluminação Pública
1/500	10A	Planta de Coberturas
1/500	11A	Planta de Rés-do-chão
1/500	12A	Planta de 1º Piso
1/200	13A	Planta de Coberturas
1/200	14A	Perfil 1
1/200	15A	Perfil 2

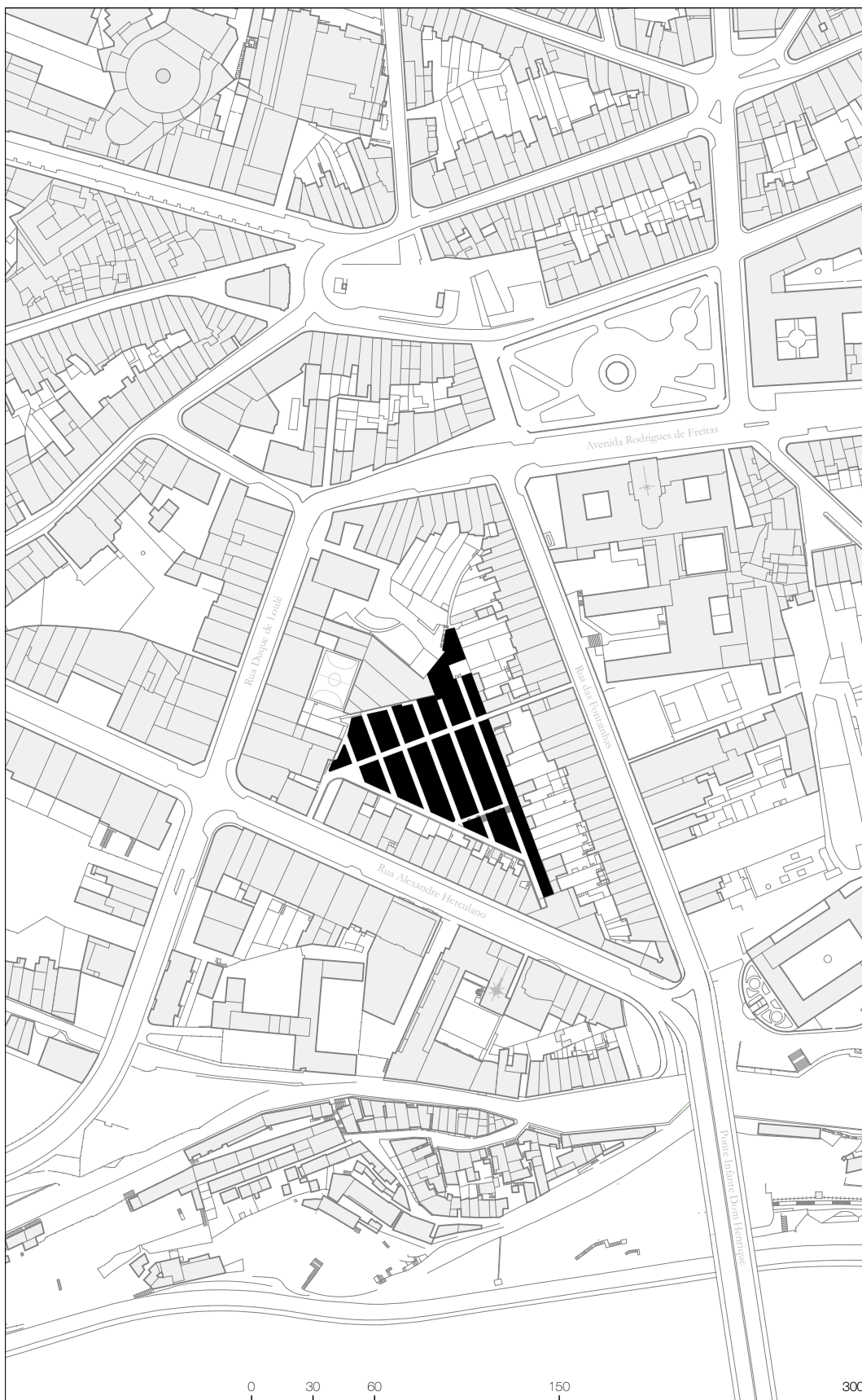
BI PENSAR O FUTURO

1/1000	01B	Planta de Estratégia Geral
1/1000	02B	Planta de Trabalho
1/500	03B	Planta de Implantação
1/1000	04B	Planta de Ligações de Saneamento
1/20	05B	Pormenor Construtivo - Saneamento
1/200	06B	Planta de Coberturas
1/200	07B	Perfil 1
1/200	08B	Perfil 2
1/200	09B	Perfil 3
1/200	10B	Perfil 4
1/200	11B	Planta de Rés-do-chão
1/200	12B	Perfil 5
1/200	13B	Perfil 6
1/200	14B	Planta 1º Piso
1/200	15B	Planta de Identificação - Centro de Dia
1/50	16B	Planta de Cobertura
1/50	17B	Alçado B
1/50	18B	Alçado A

1/50	19B	Corte Transversal 1
1/50	20B	Planta de Rés-do-chão
1/50	21B	Corte Transversal 2
1/50	22B	Planta de Primeiro Piso
1/50	23B	Corte Transversal 3
1/50	24B	Corte Longitudinal 4
1/20	25B	Pormenor Construtivo P1
1/1000	26B	Planta de Identificação - Centro de Dia (Cantina)
1/50	27B	Planta de Cobertura
1/50	28B	Alçado B
1/50	29B	Alçado A
1/50	30B	Corte Transversal 1
1/50	31B	Planta de Rés-do-chão
1/50	32B	Corte Transversal 2
1/50	33B	Corte Longitudinal 3
1/1000	34B	Planta de Identificação - Associação de Moradores
1/50	35B	Planta de Cobertura
1/50	36B	Planta de Rés-do-chão
1/50	37B	Planta de Primeiro Piso
1/50	38B	Corte Transversal 1
1/50	39B	Corte Longitudinal 2
1/50	40B	Alçado A
1/1000	41B	Planta de Identificação - Lavandaria
1/50	42B	Planta de Cobertura
1/50	43B	Planta de Rés-do-chão
1/50	44B	Corte Transversal 1
1/50	45B	Corte Transversal 2
1/50	46B	Corte Longitudinal 3
1/50	47B	Corte Longitudinal 4
1/50	48B	Alçado A
1/50	49B	Alçado B
1/50	50B	Alçado C
1/50	51B	Alçado D
1/20	52B	Pormenor Construtivo
1/50	53B	Corte Perspectivado

CAPÍTULO A OLHAR O PRESENTE









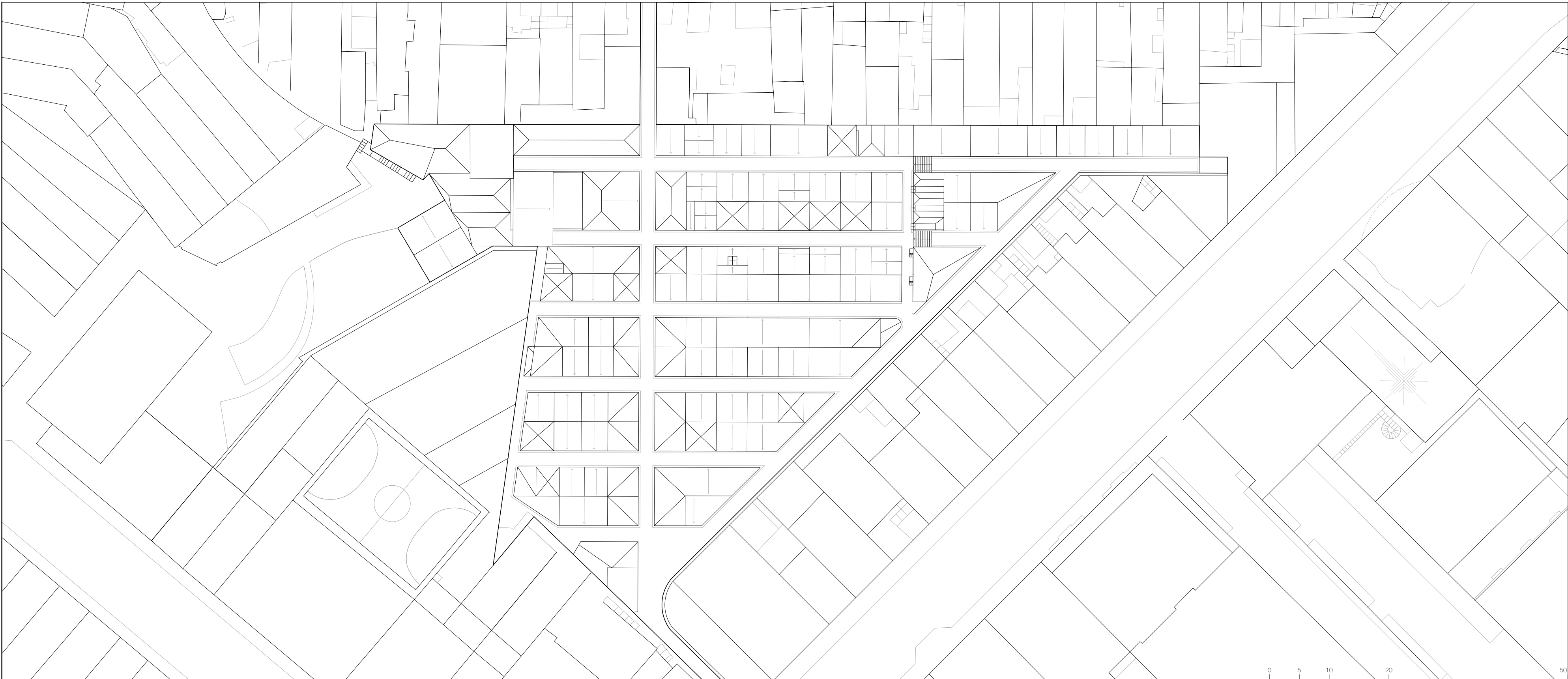






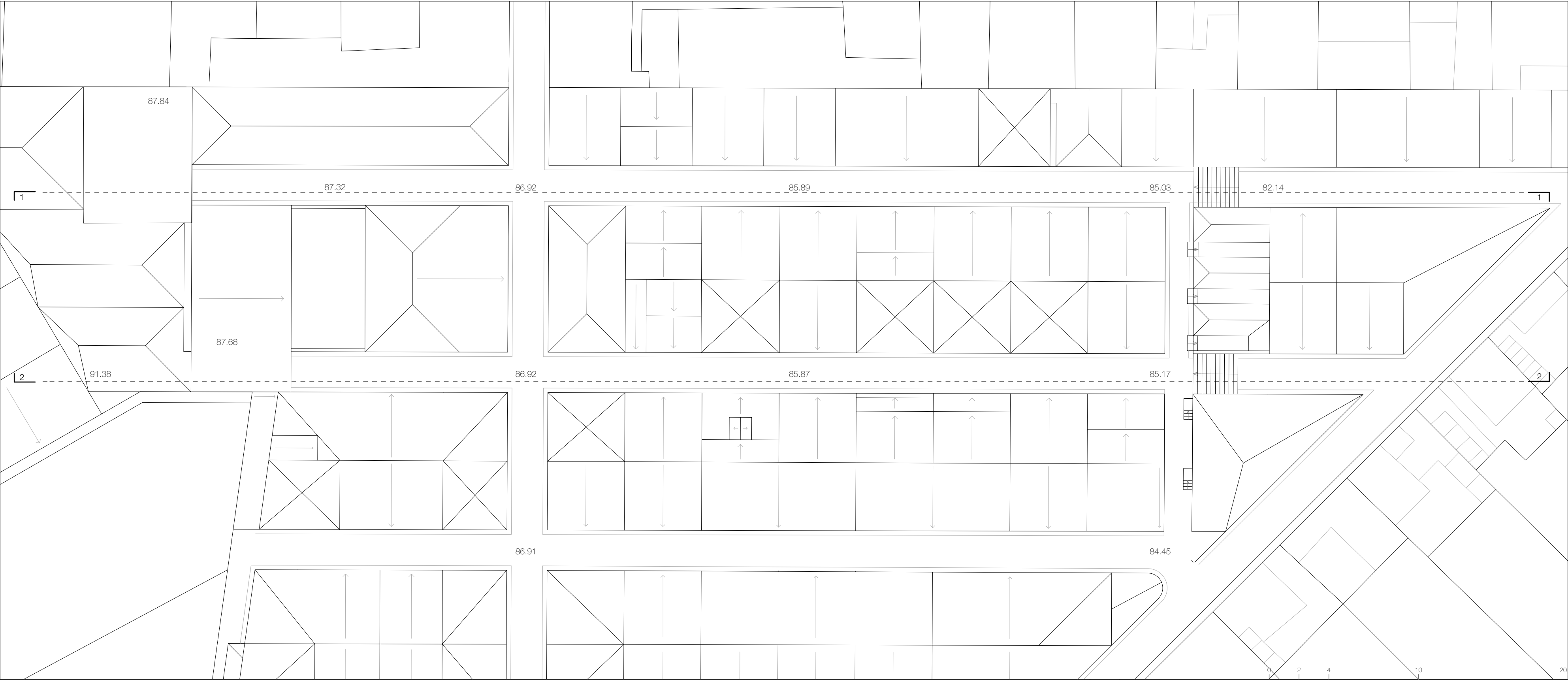














14A	BAIRRO HERCULANO	ESCALA 1:200
15A	Perfil 1; Perfil 2	

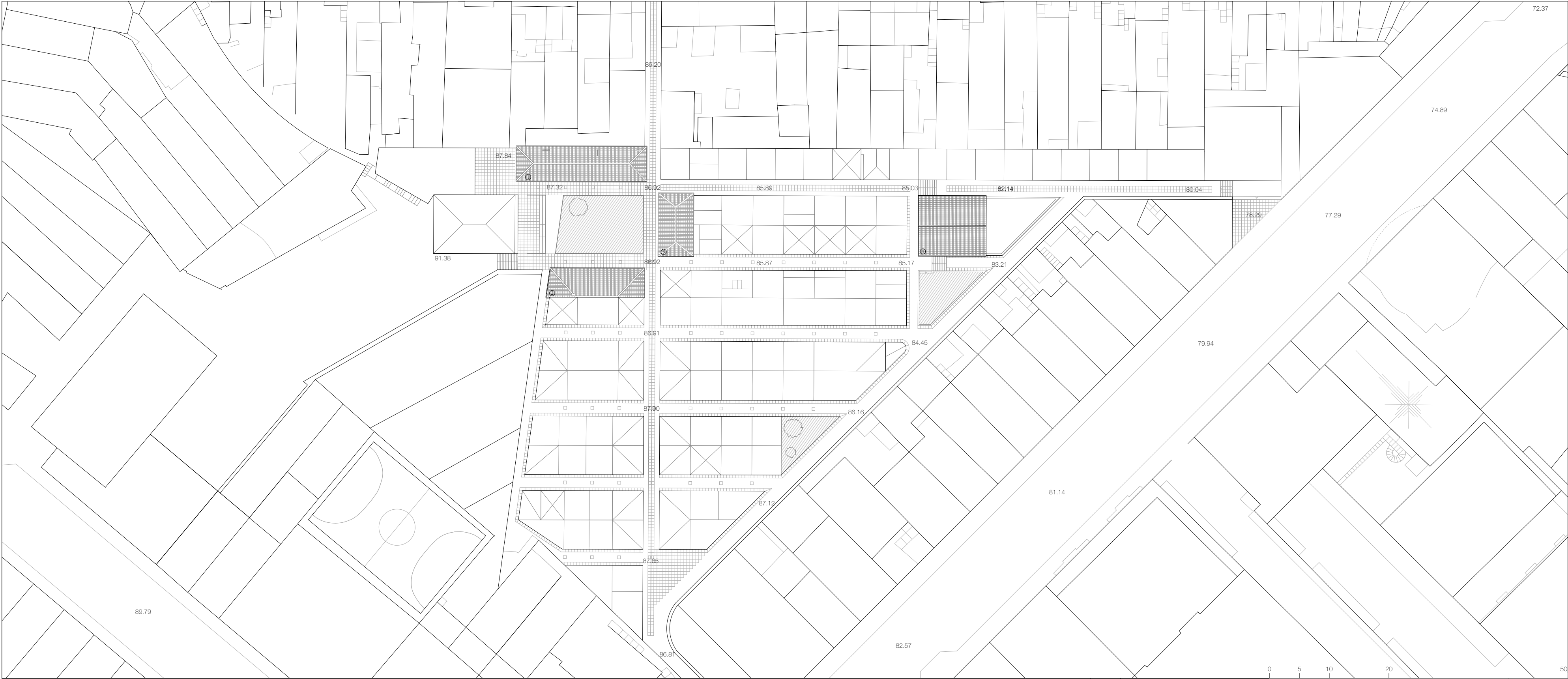
CAPÍTULO B PENSAR O FUTURO





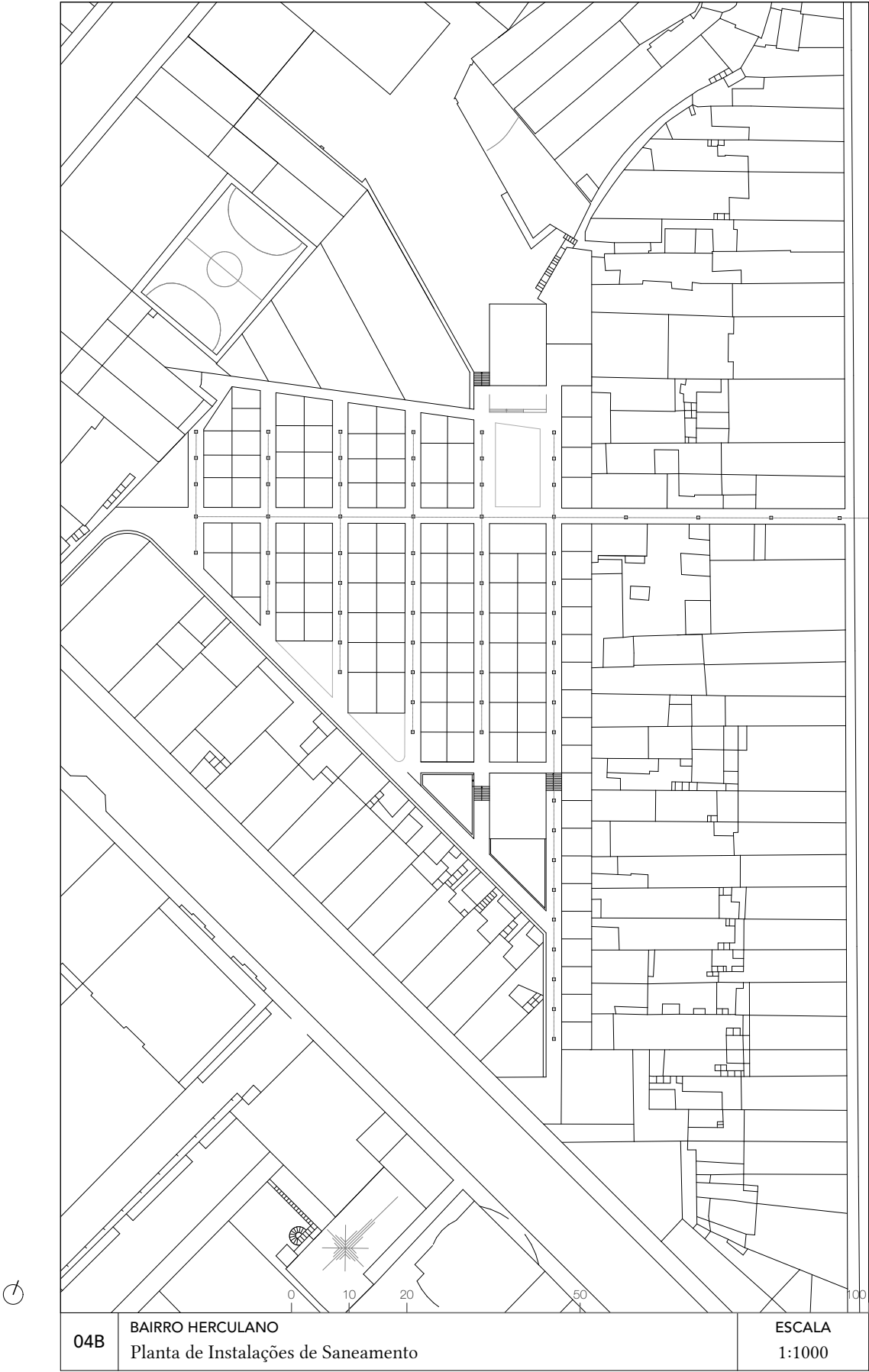
Demolições Construções

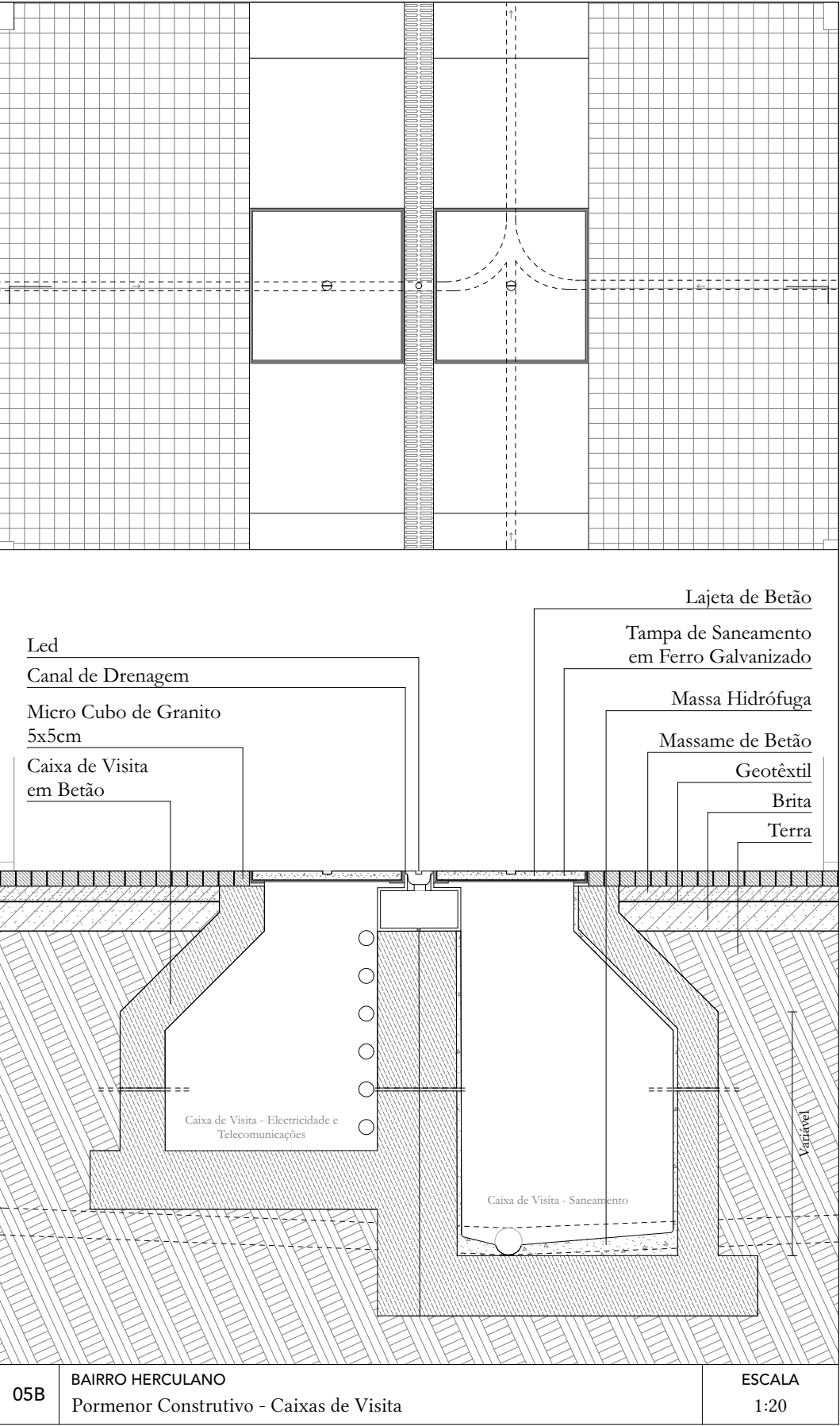


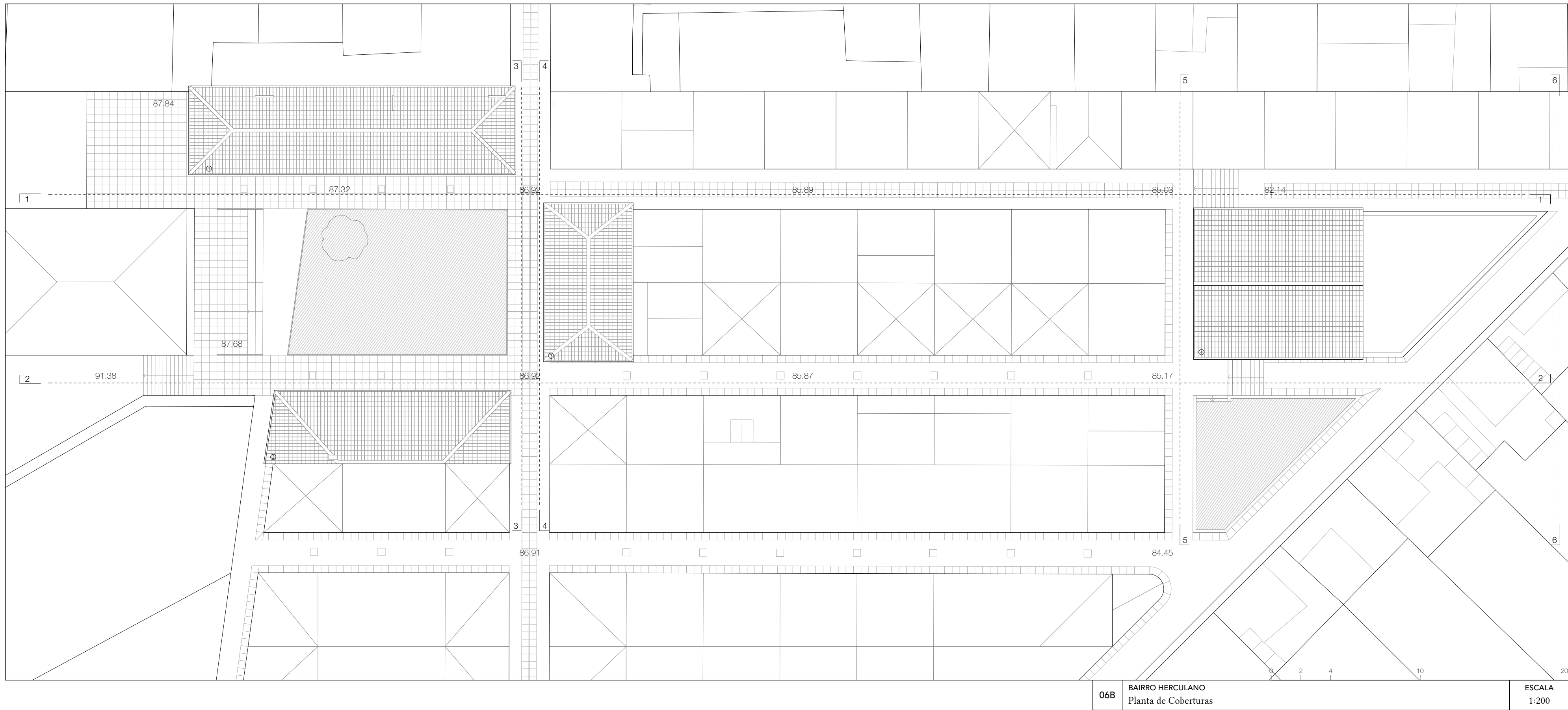


03B	BAIRRO HERCULANO	ESCALA 1:500
	Planta de Coberturas	

① Centro de Dia ② Centro de Dia - Cantina ③ Associação de Moradores ④ Lavandaria





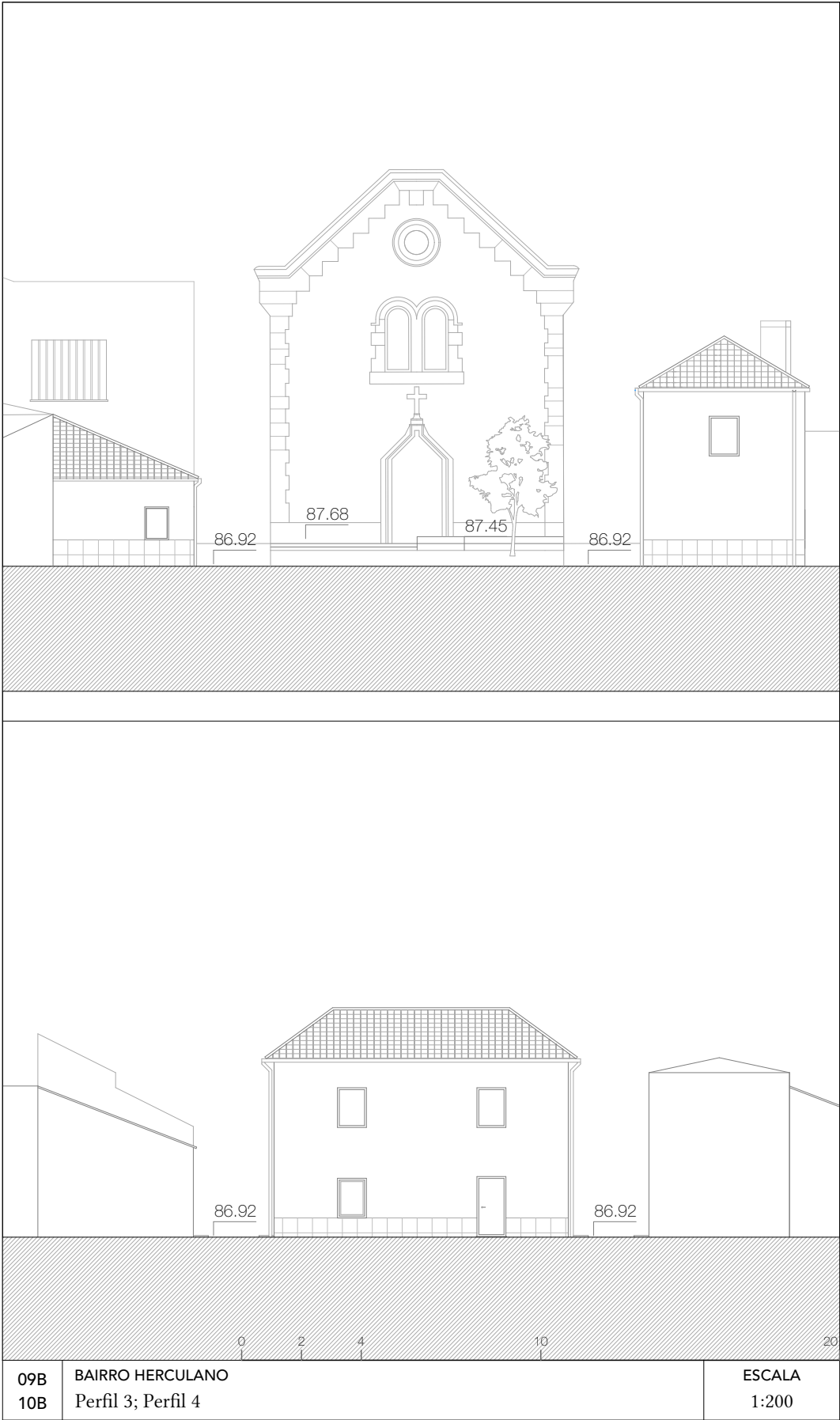


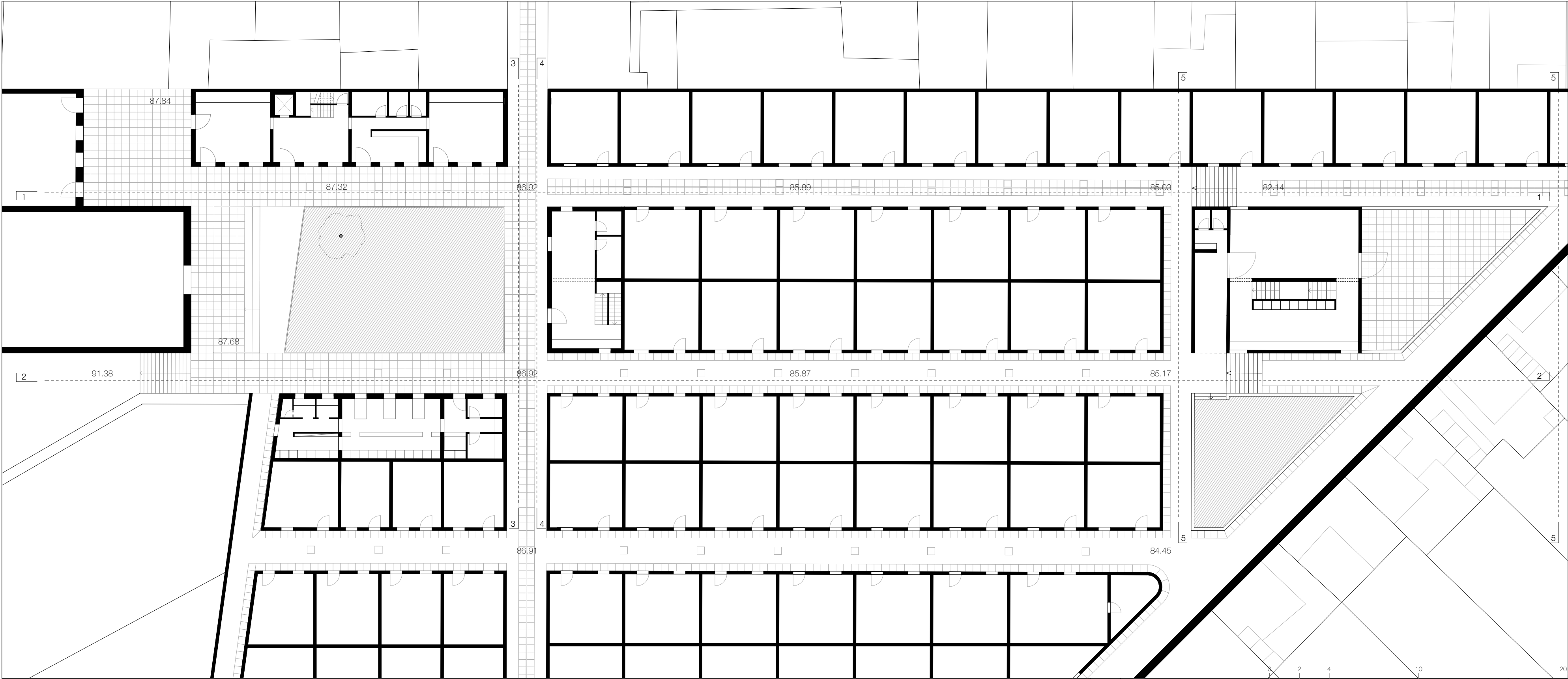


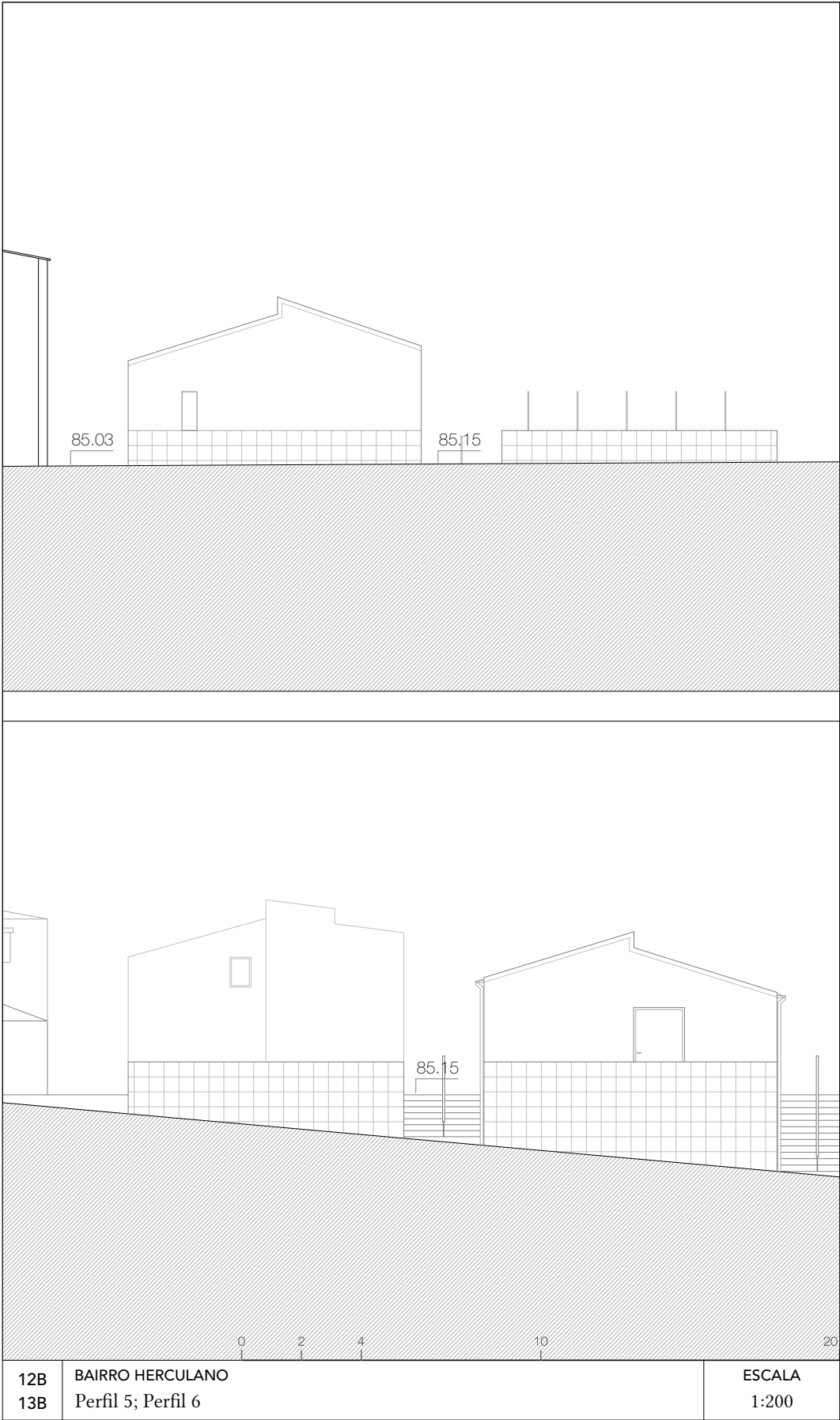
07B
08B

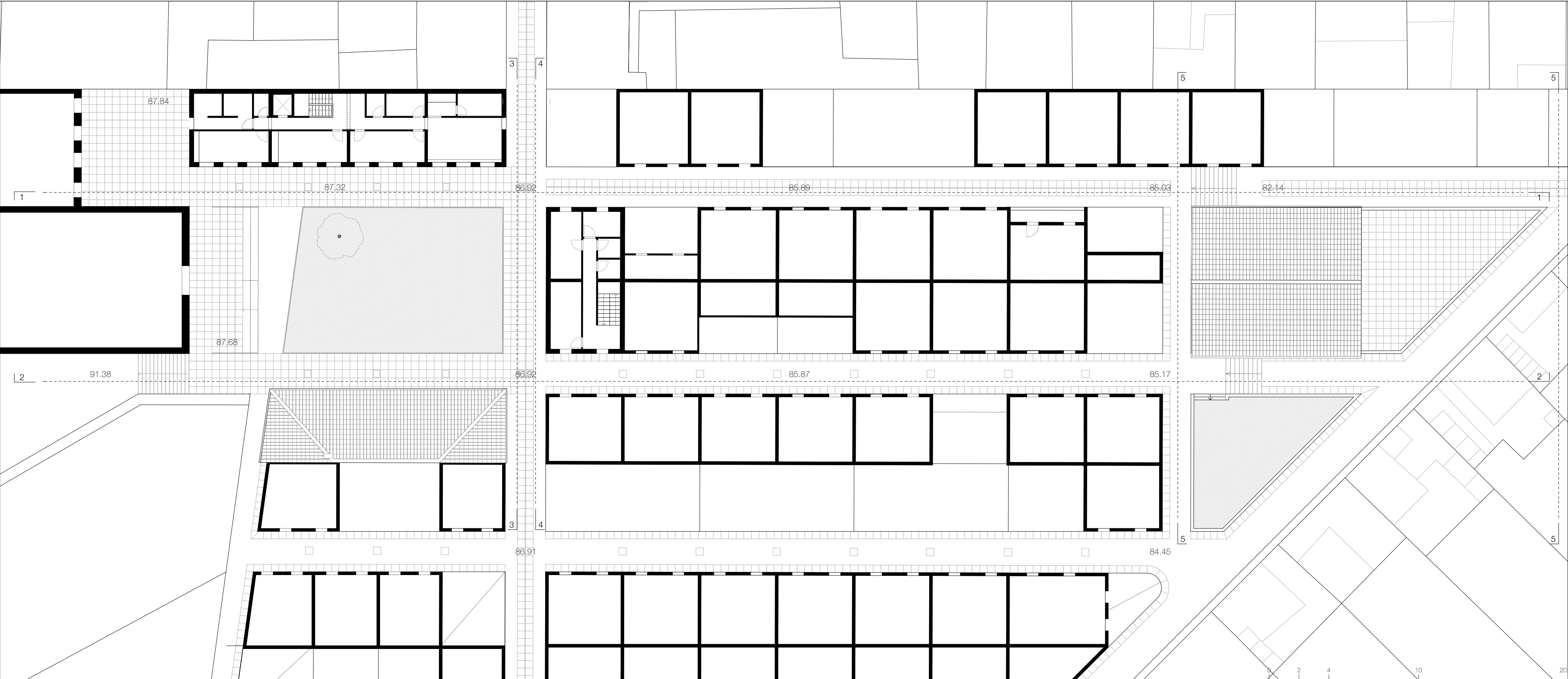
BAIRRO HERCULANO
Perfil 1; Perfil 2

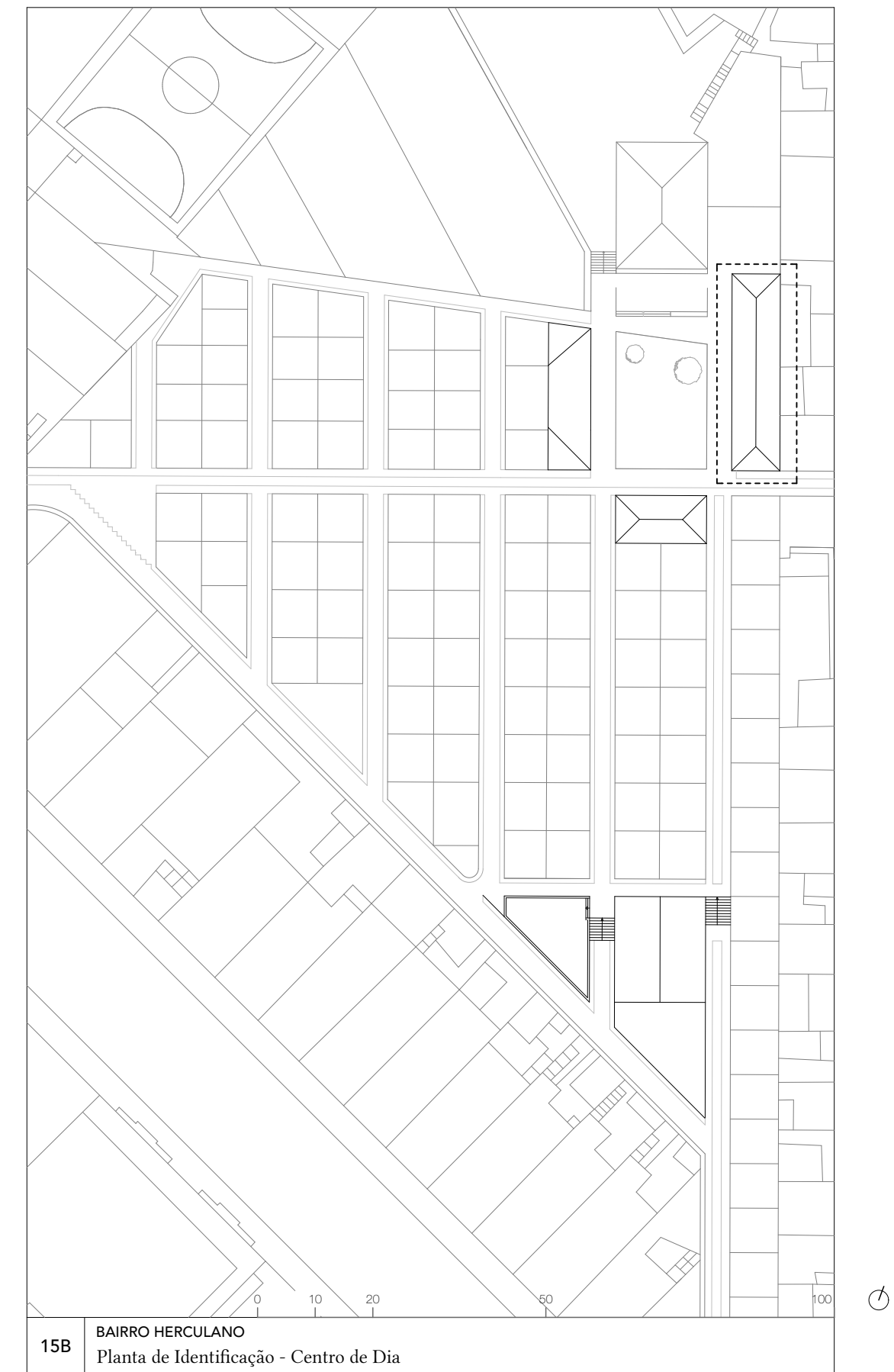
ESCALA
1:200

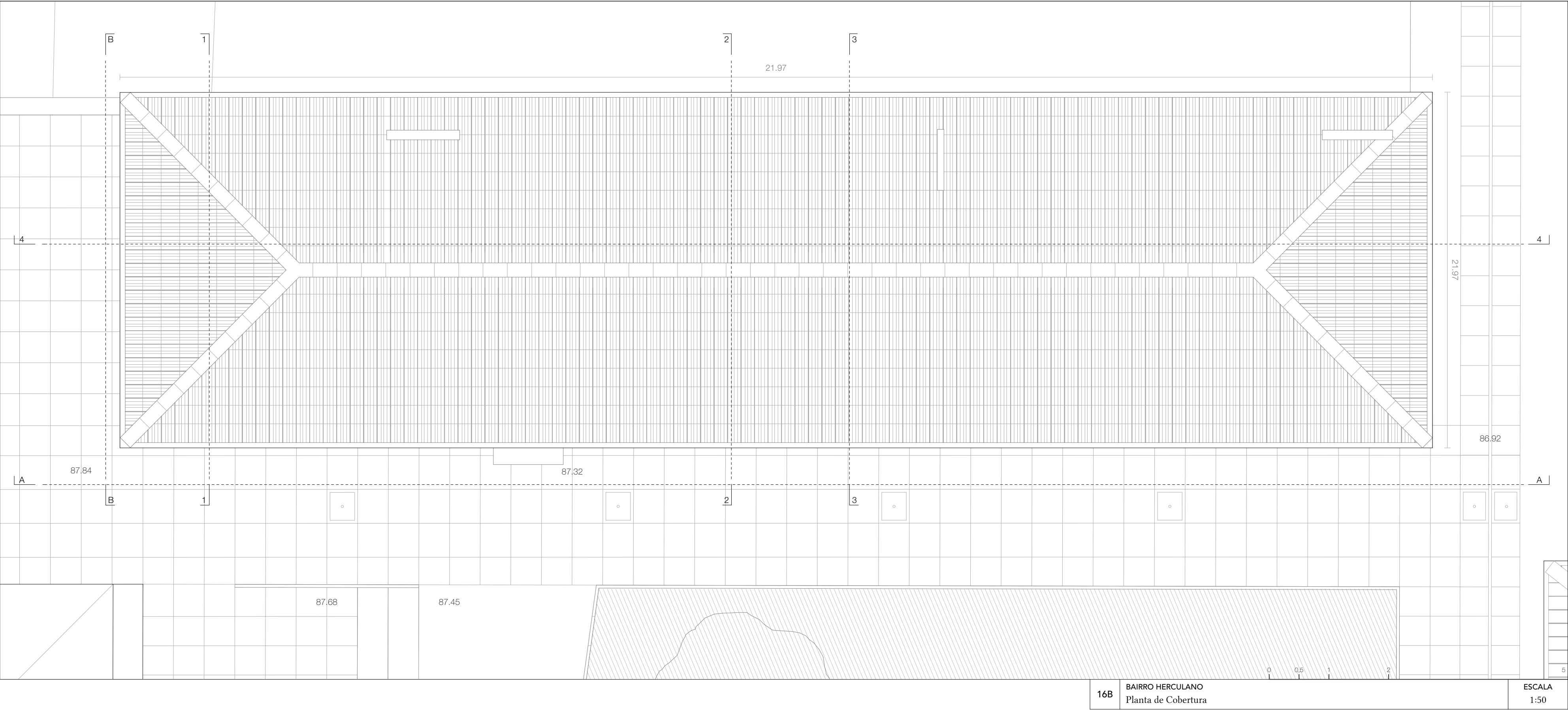


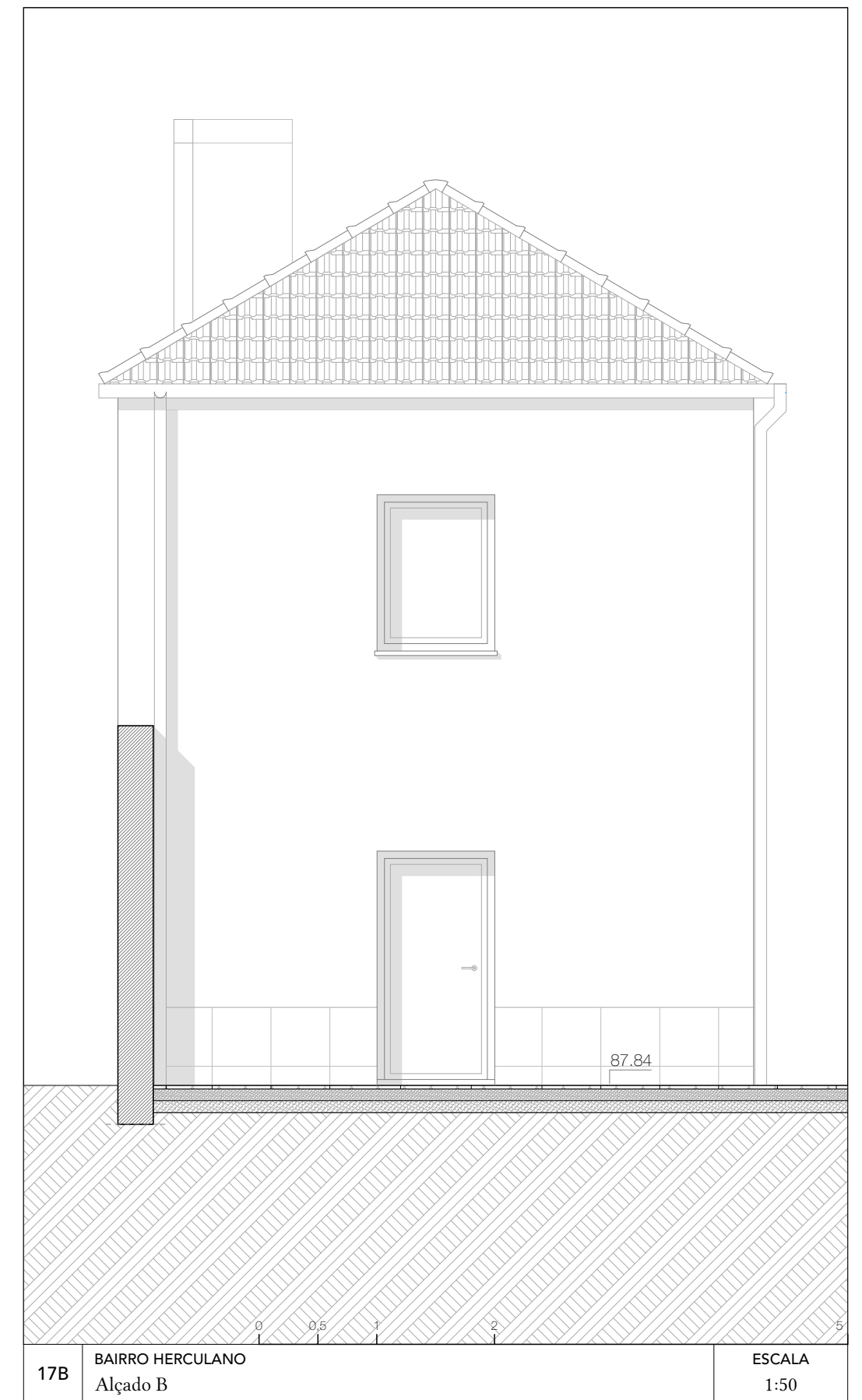


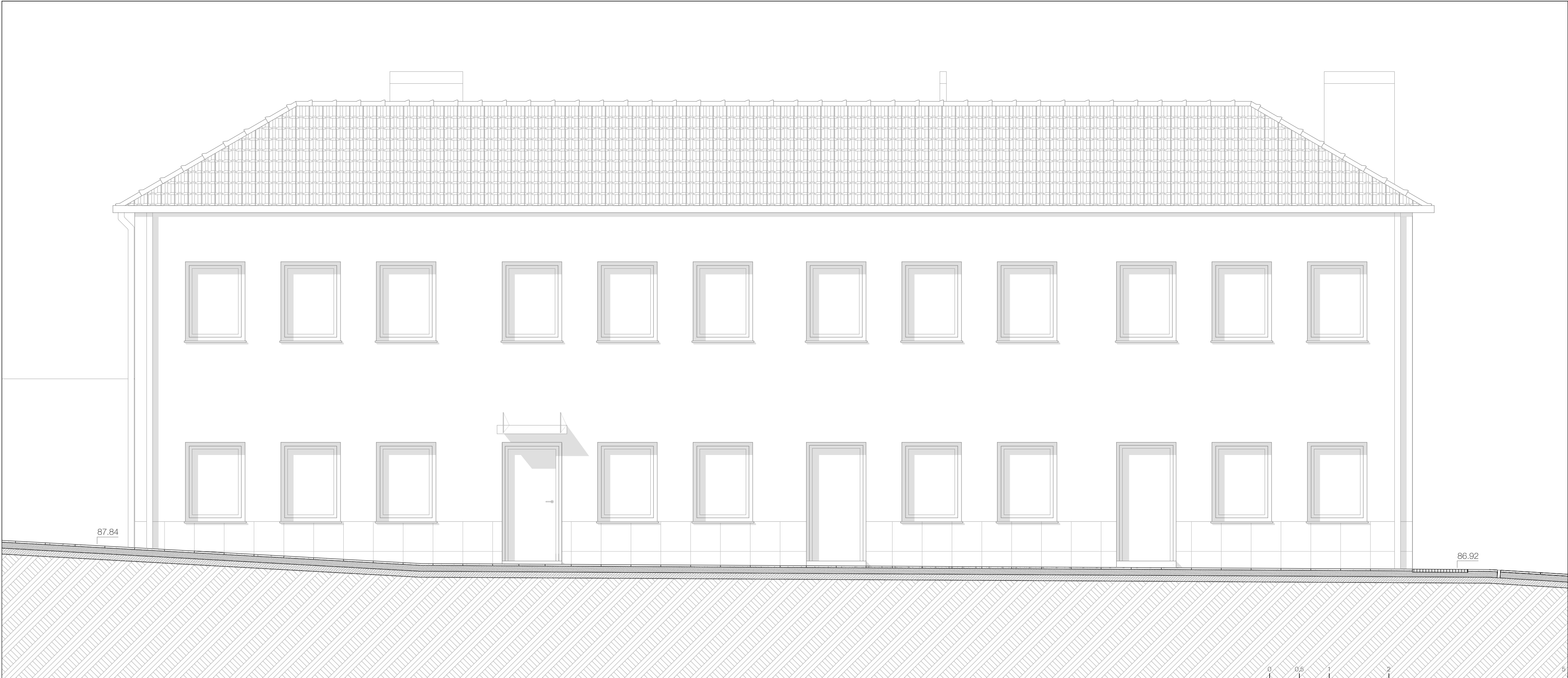


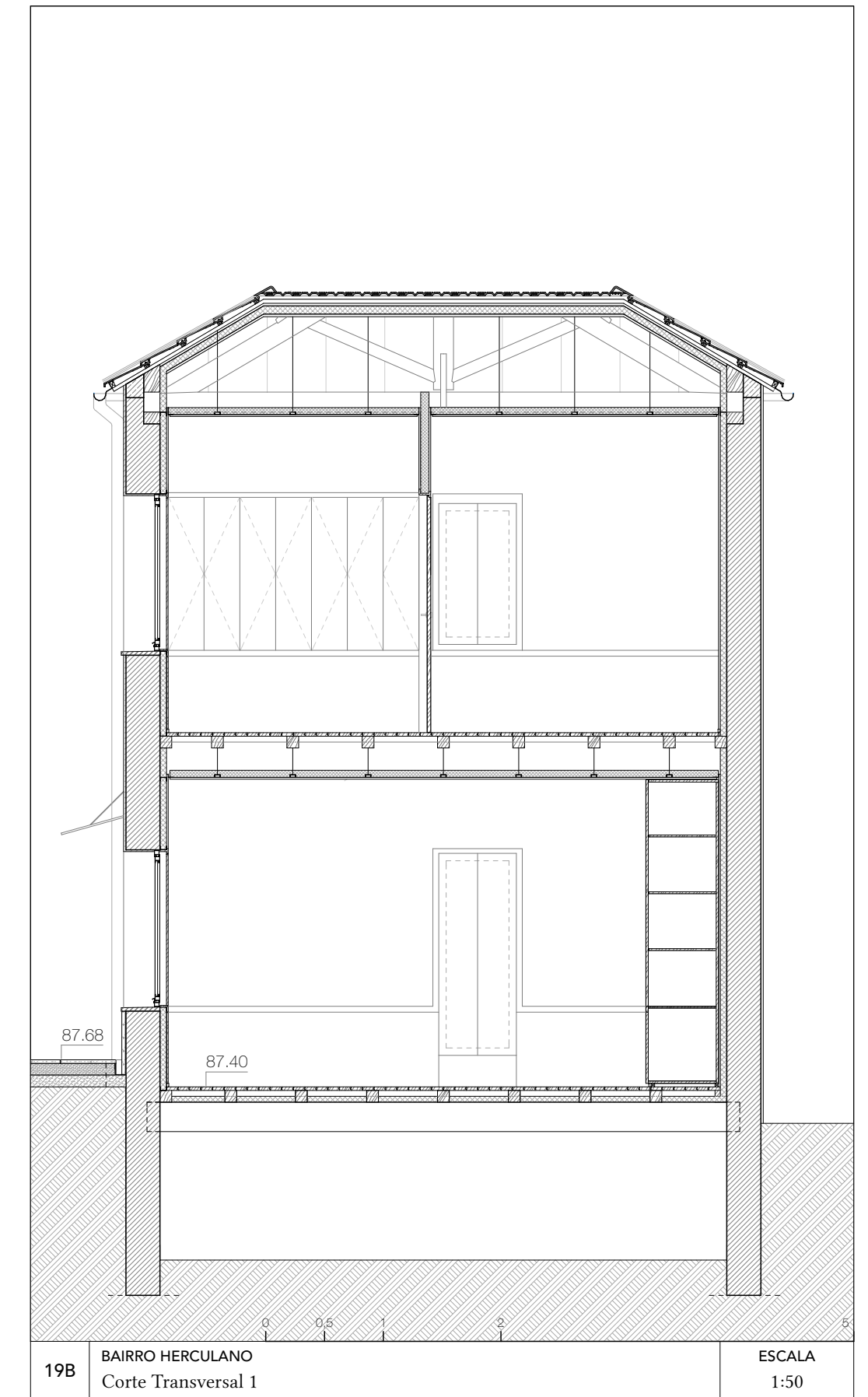


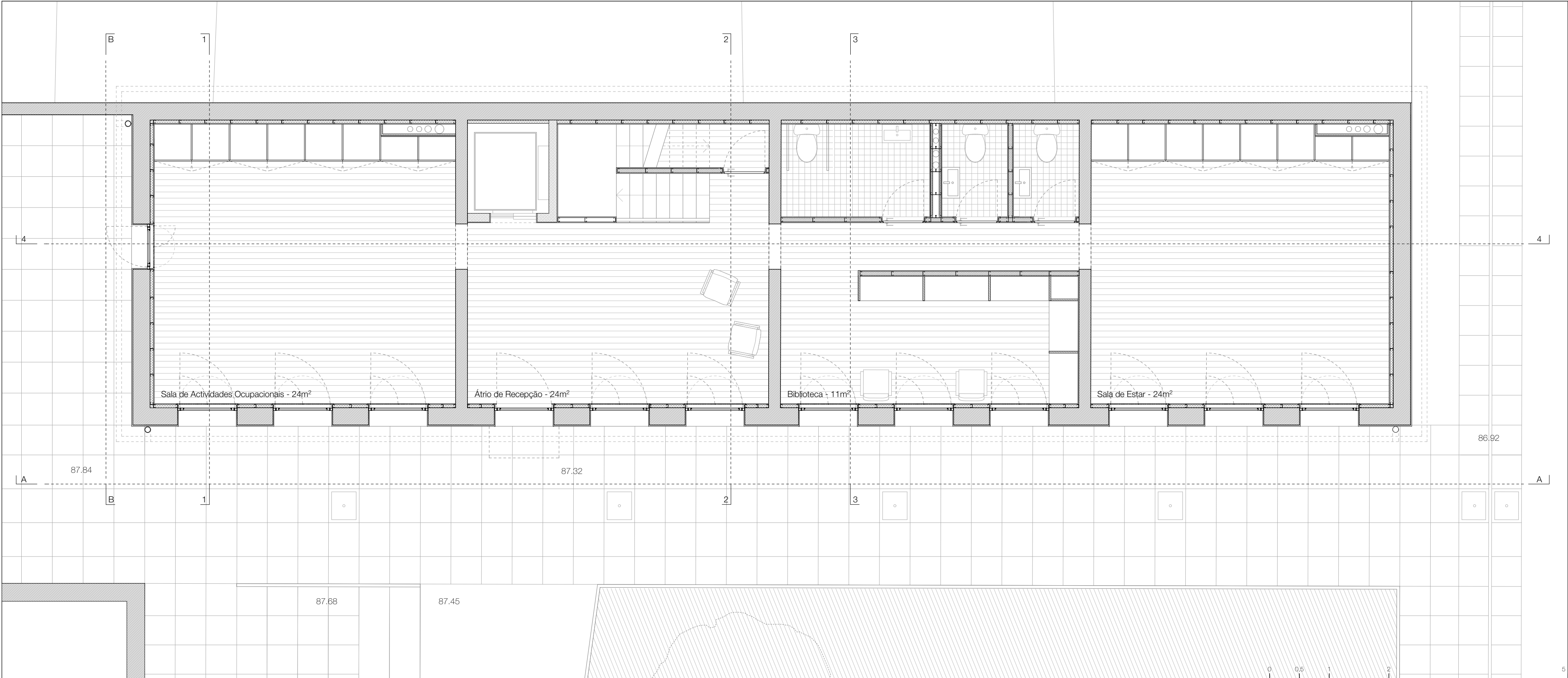


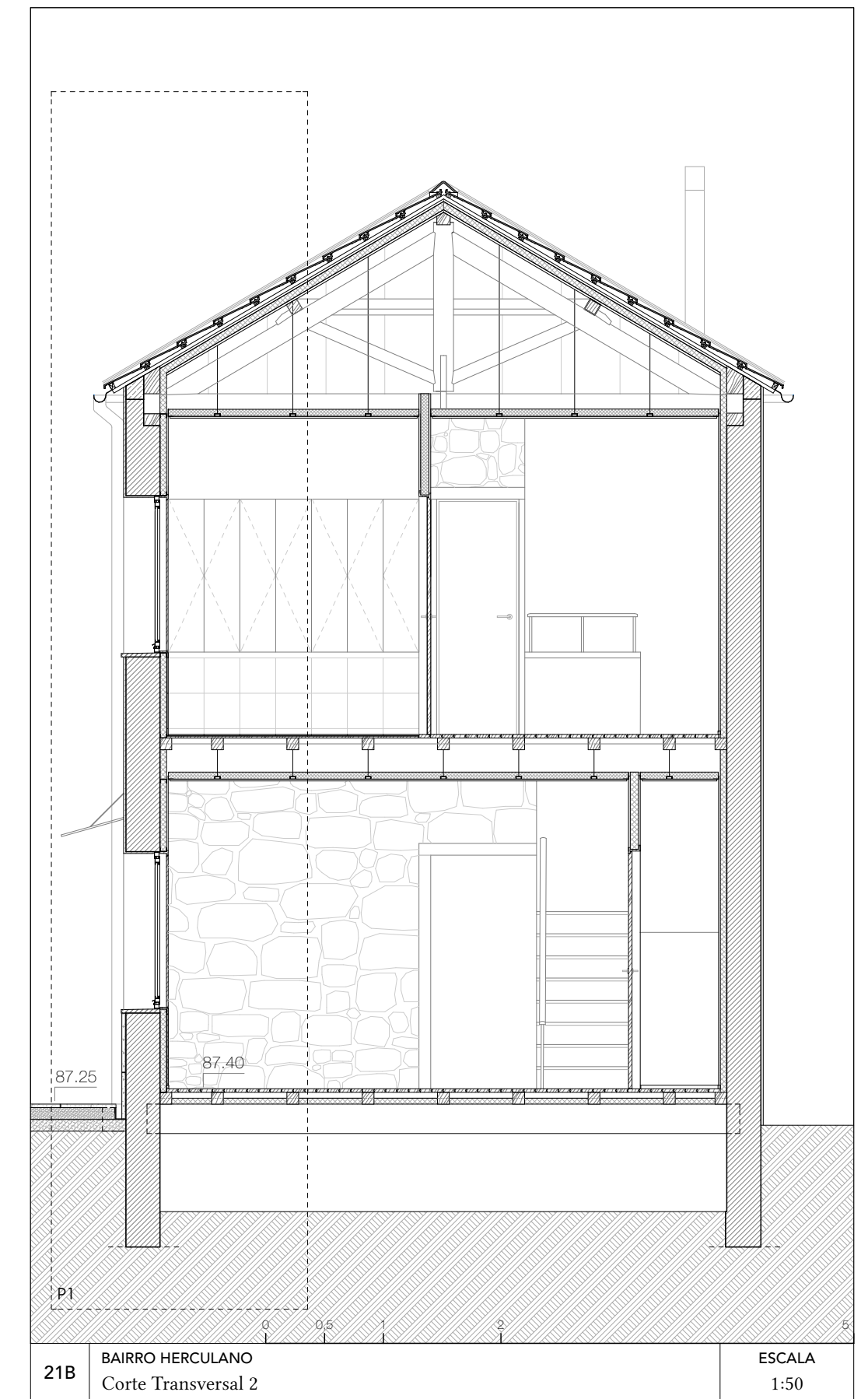


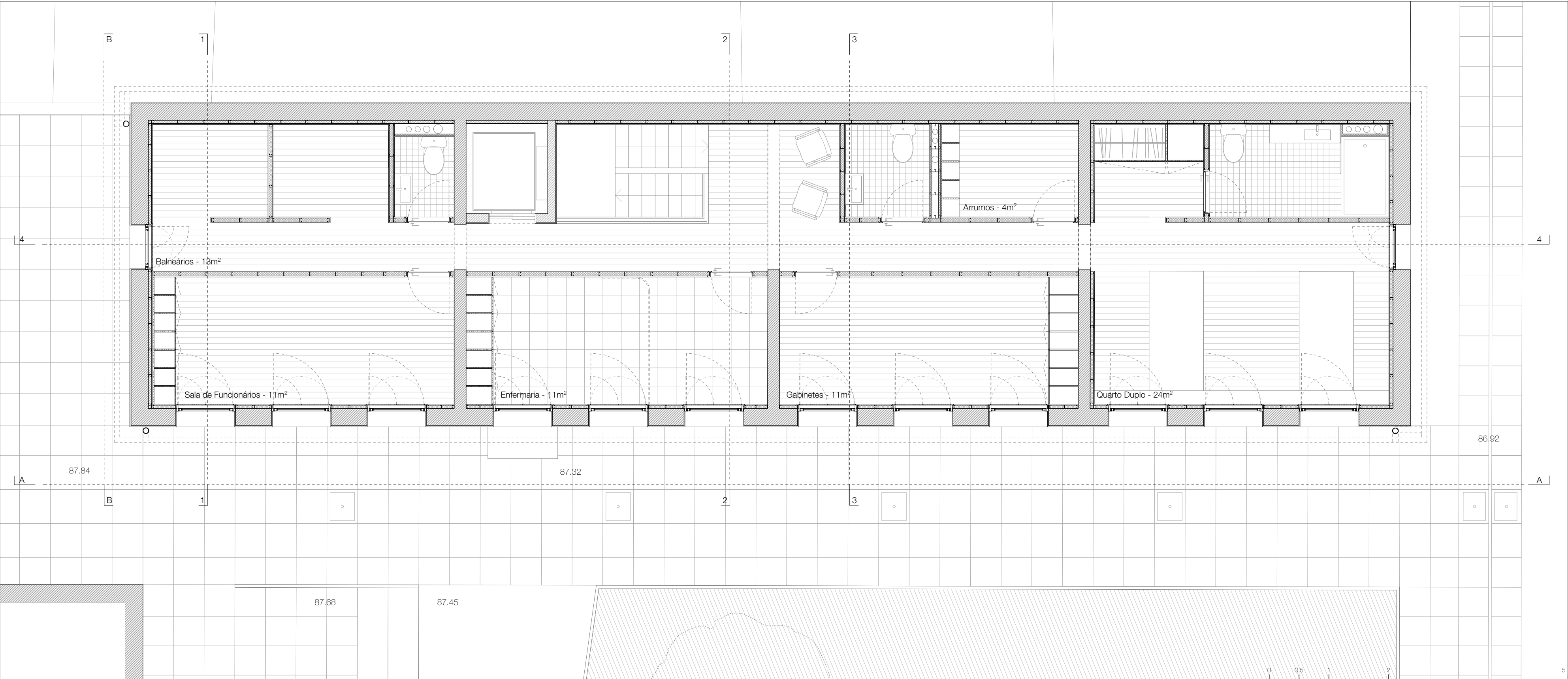


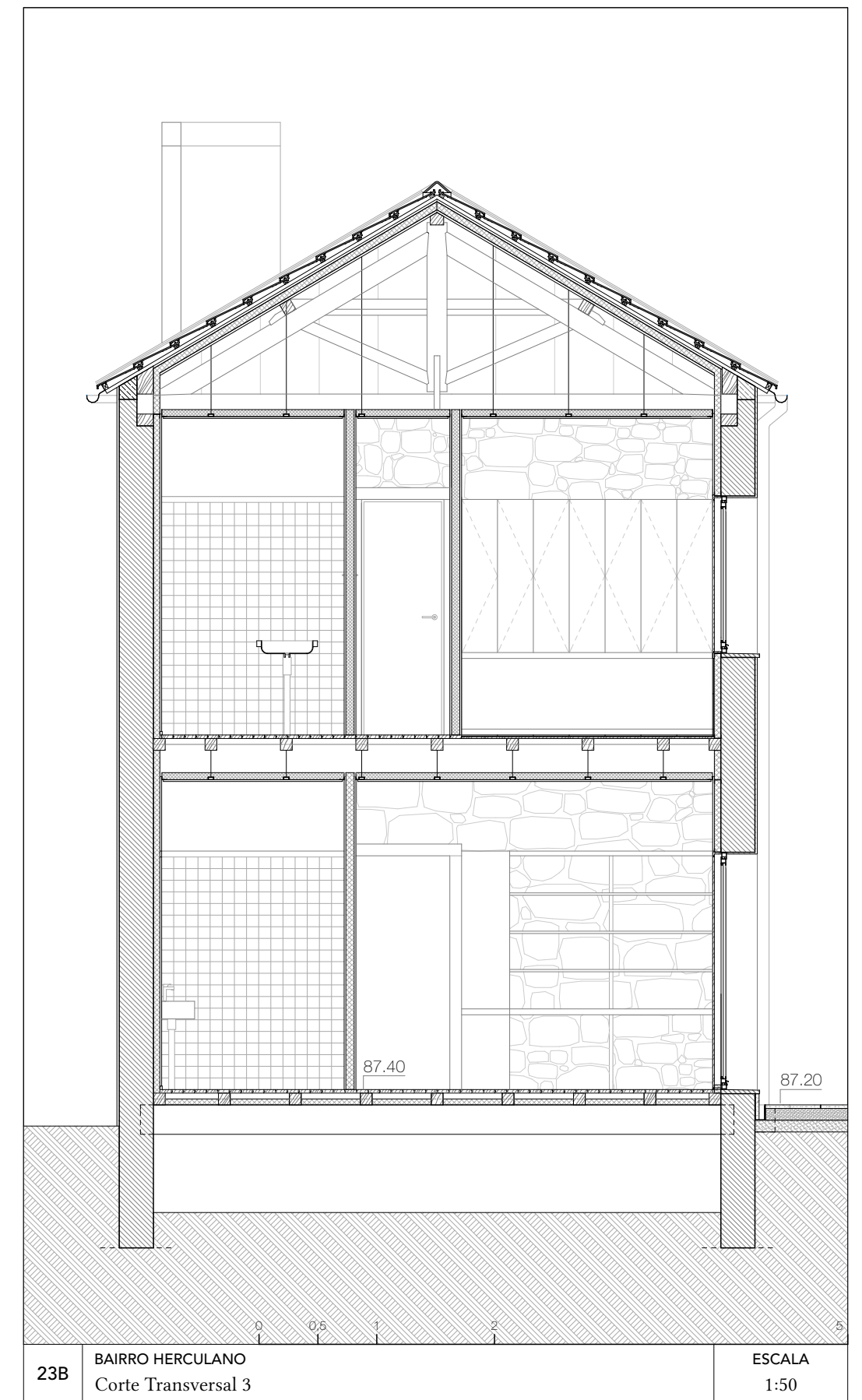


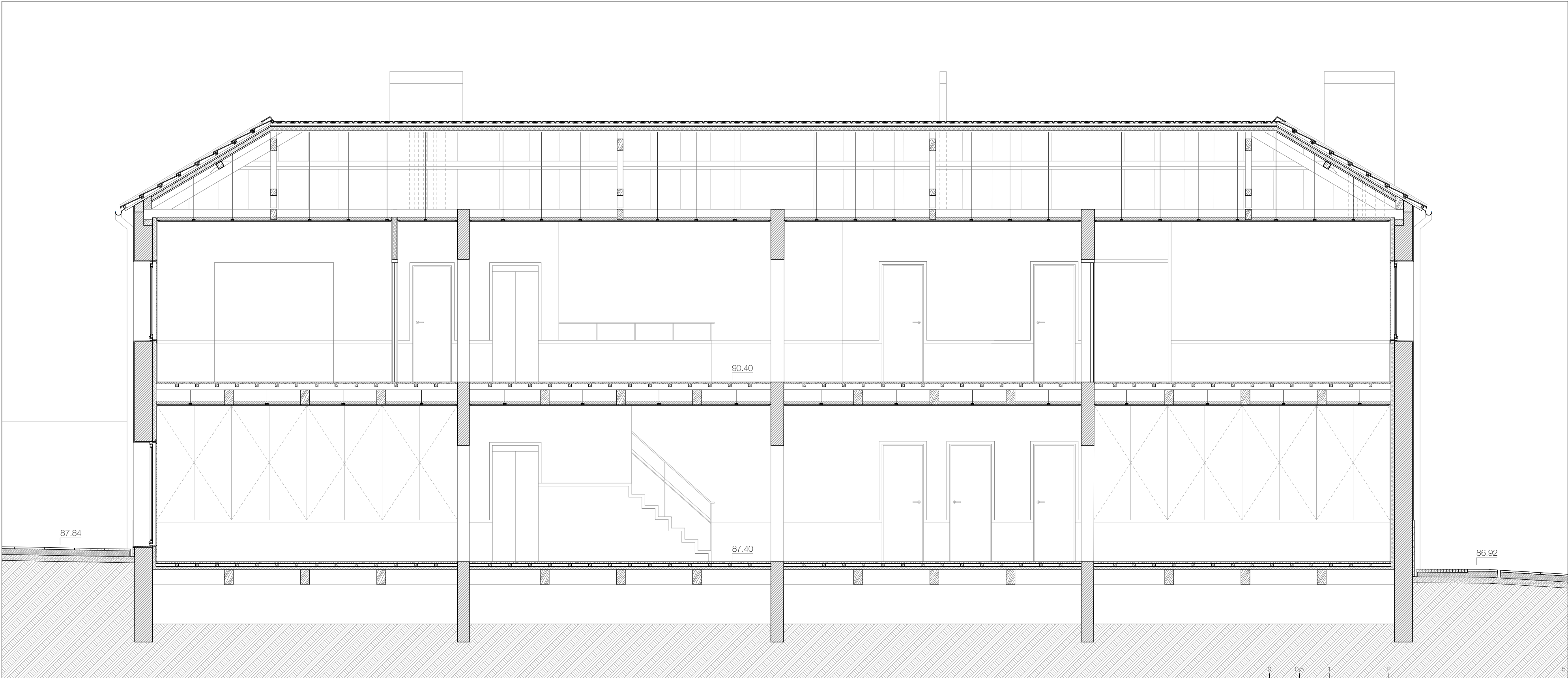




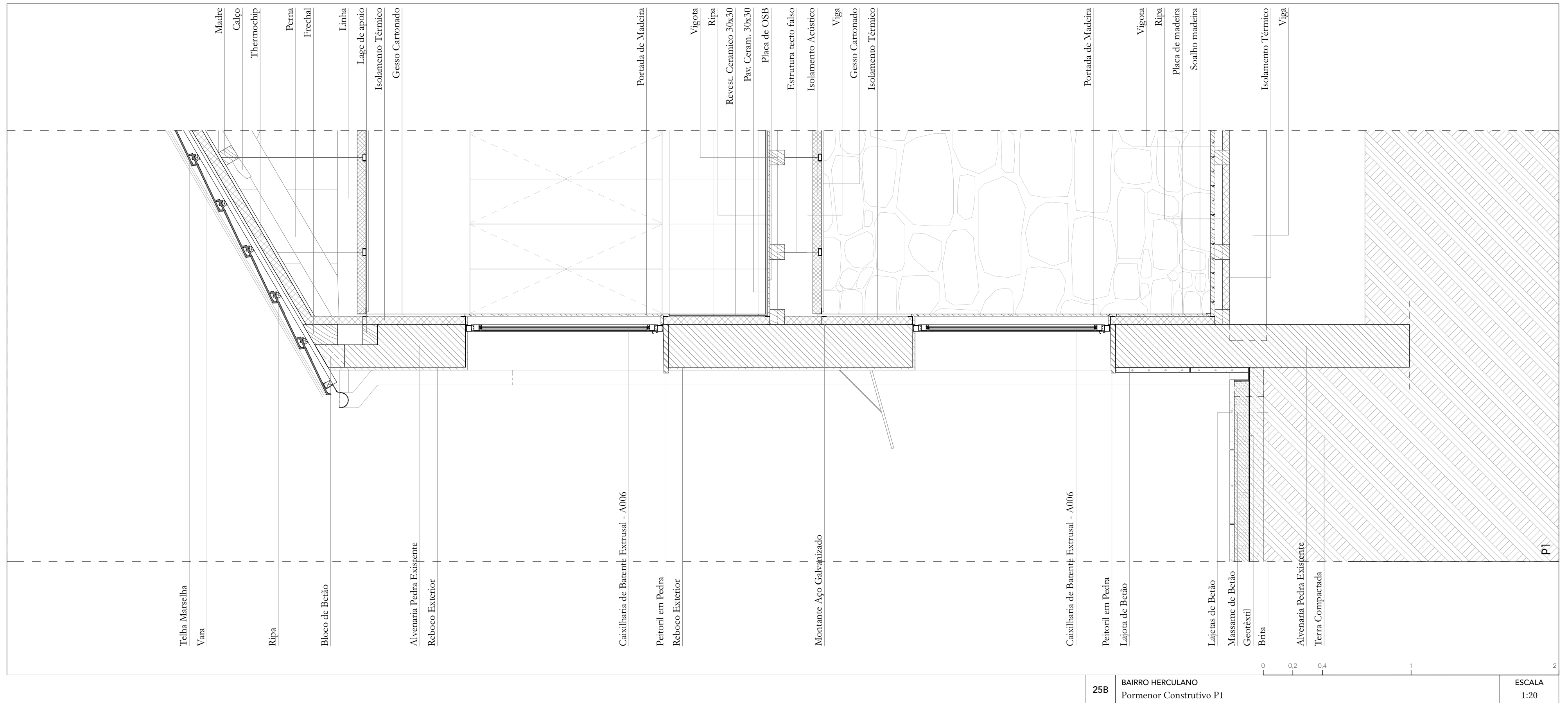


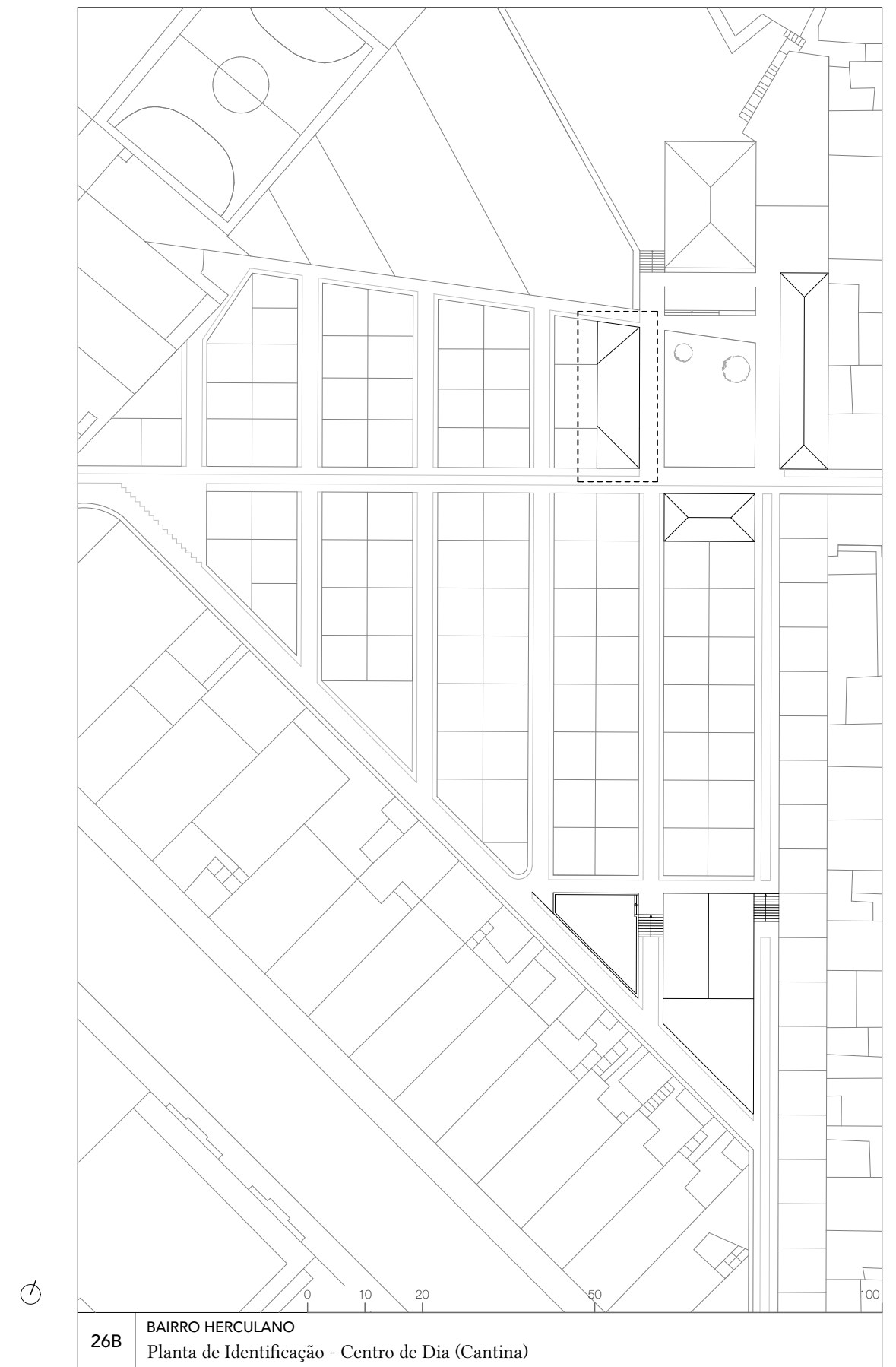


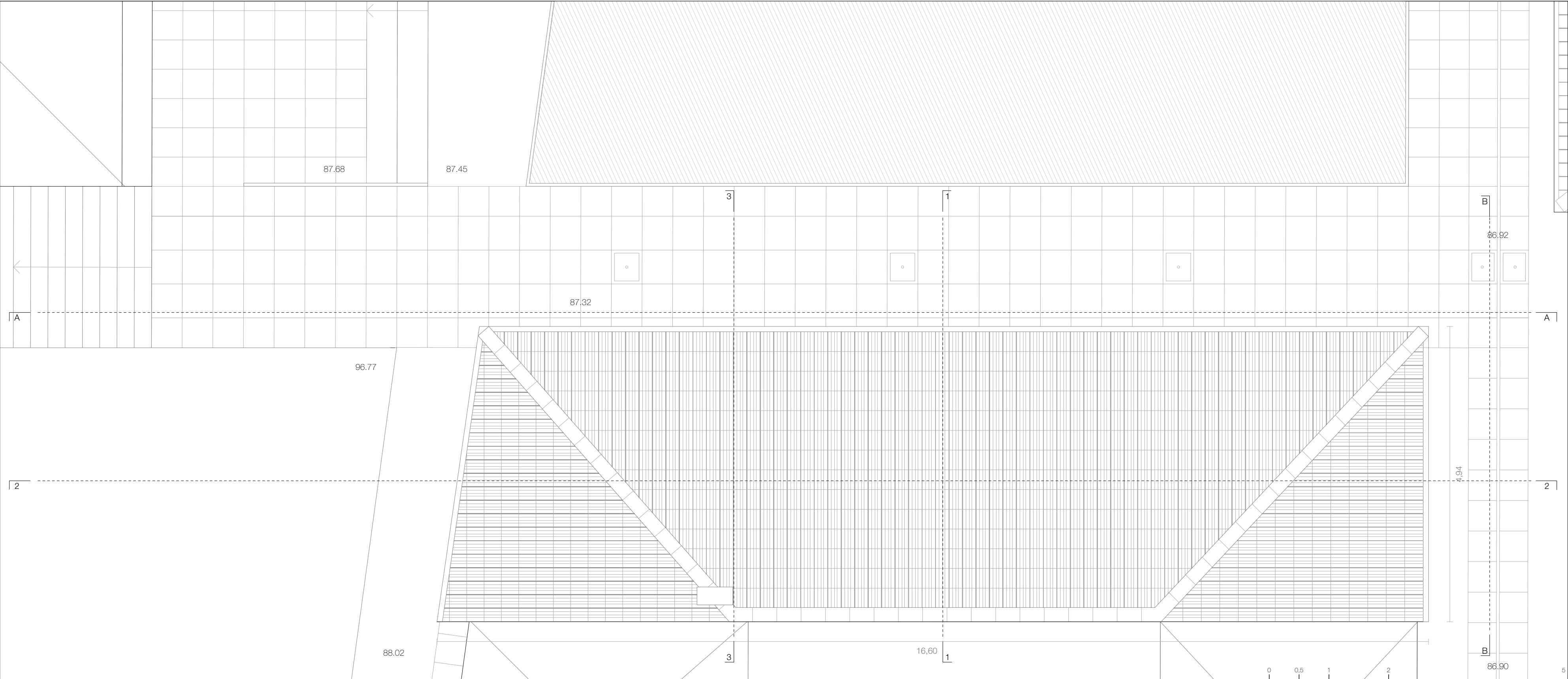


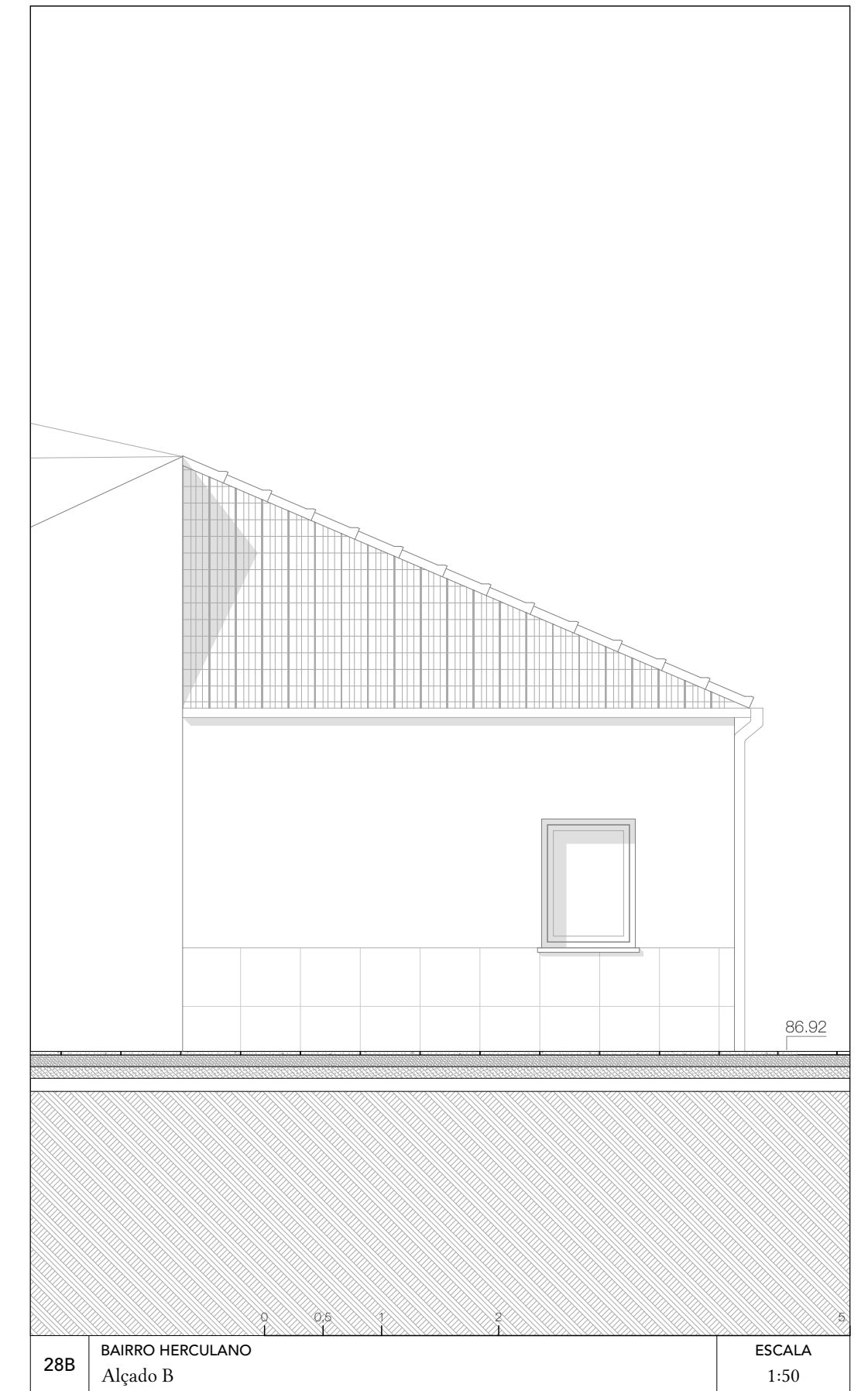


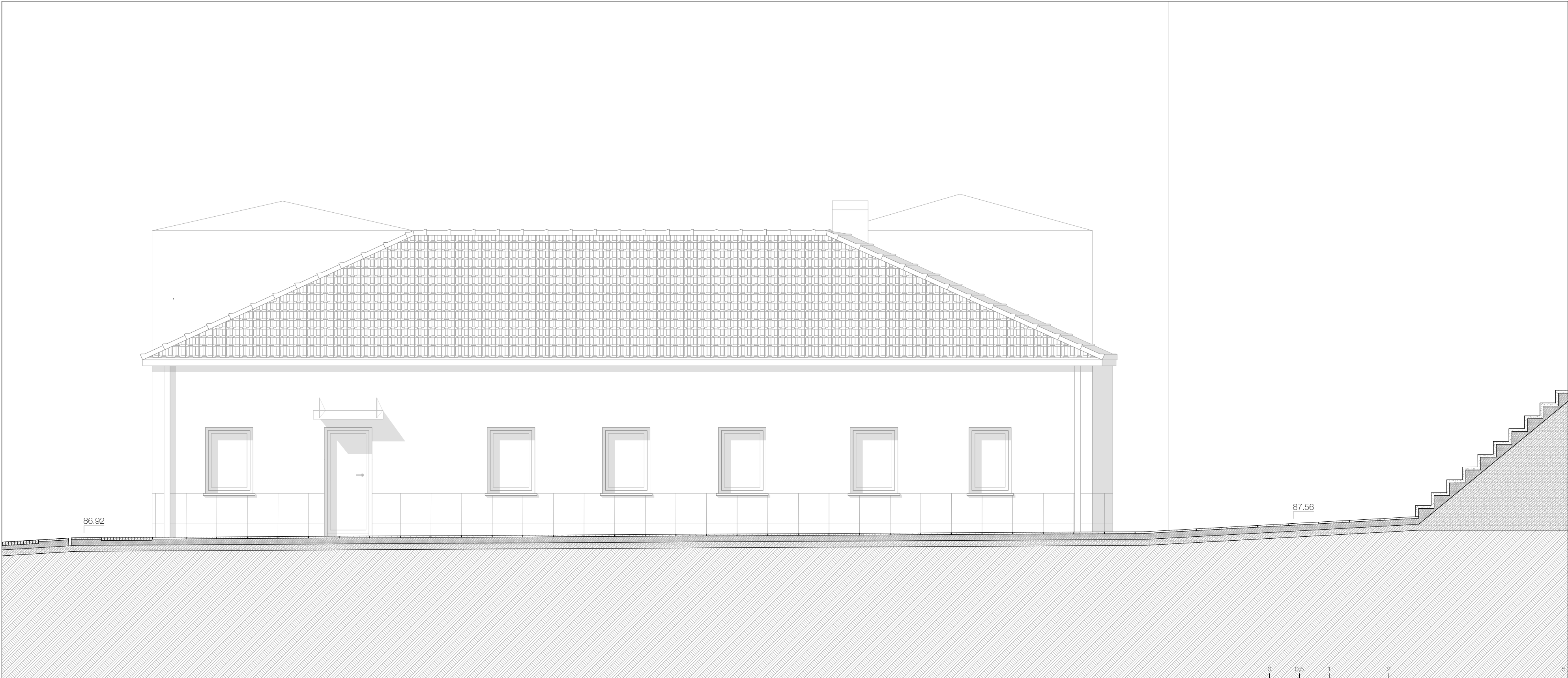
24B	BAIRRO HERCULANO Corte Longitudinal 1	ESCALA 1:50
-----	--	----------------

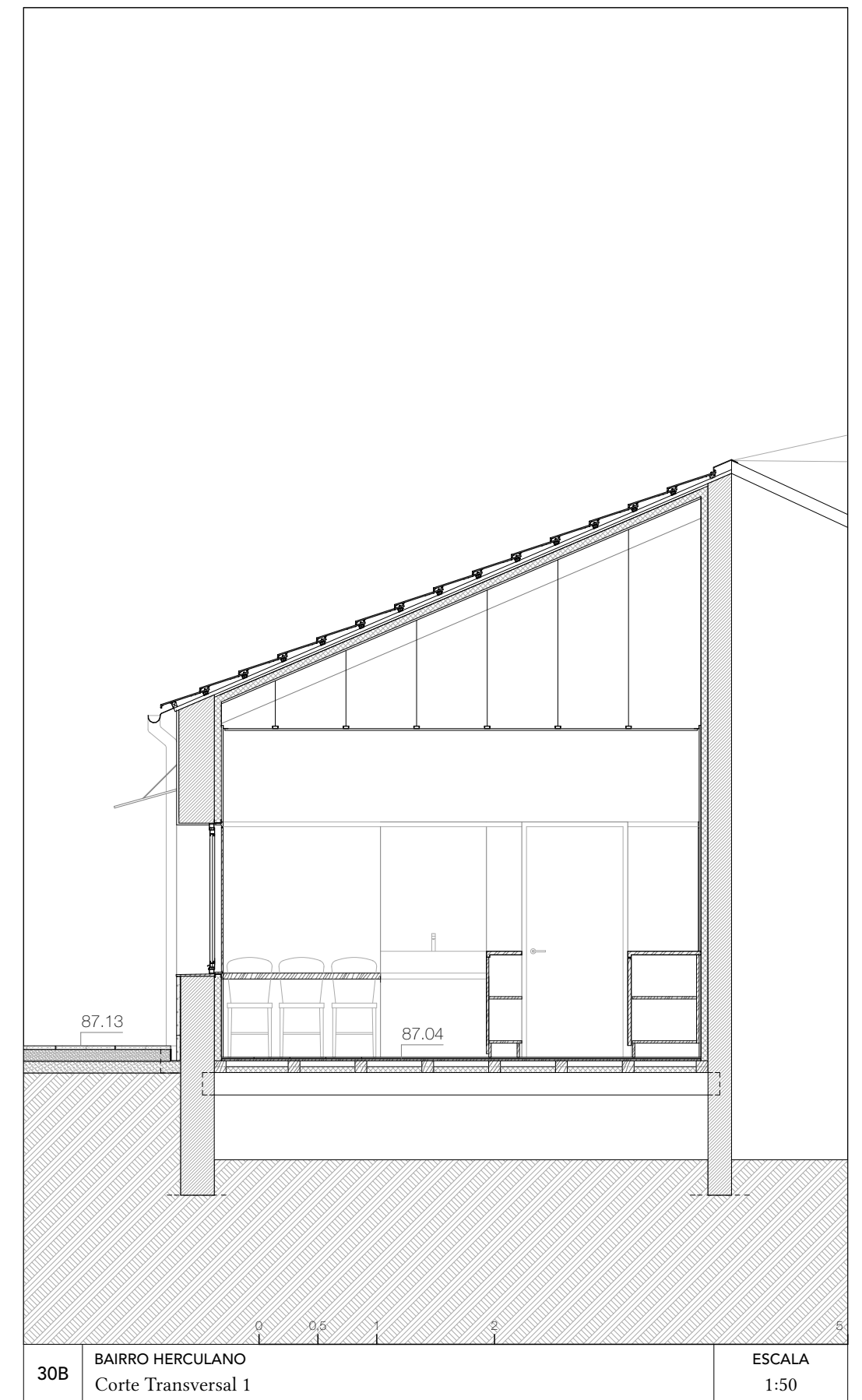


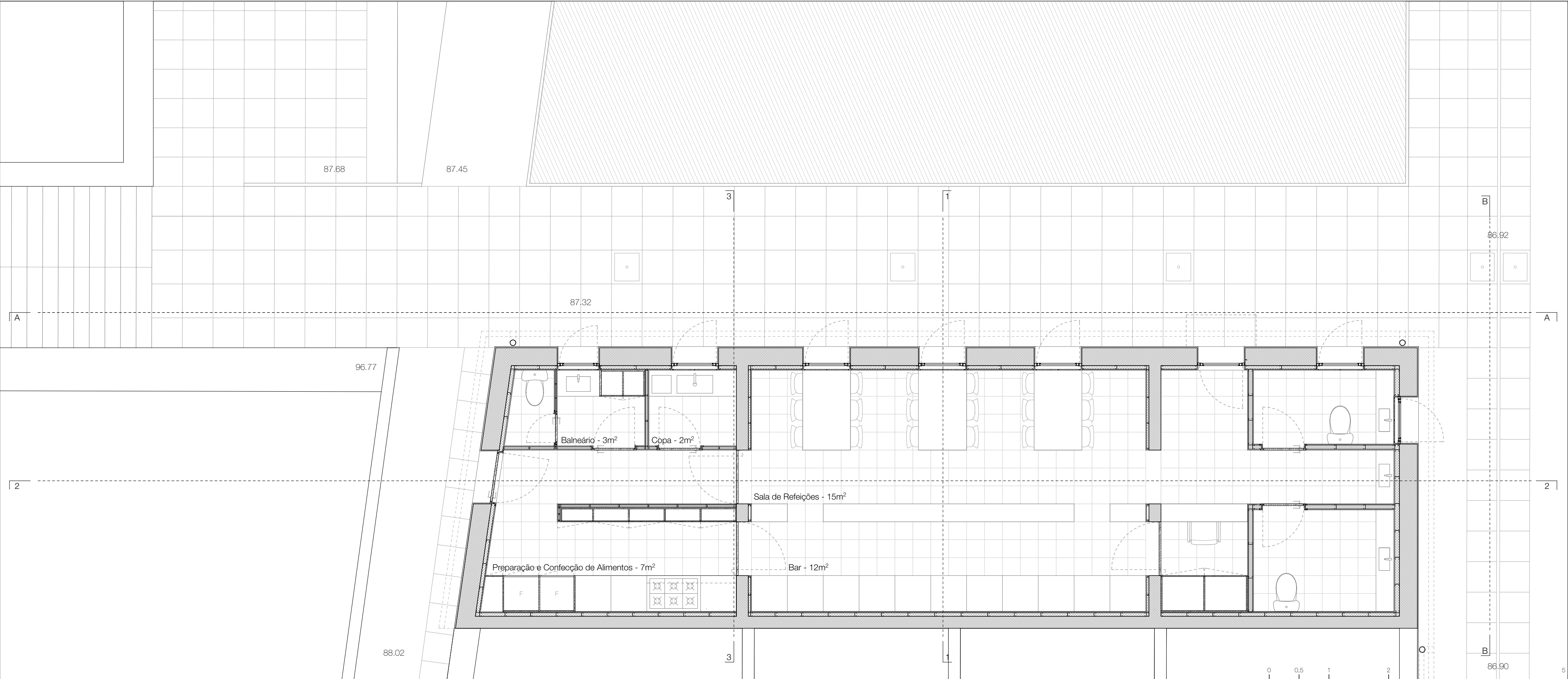


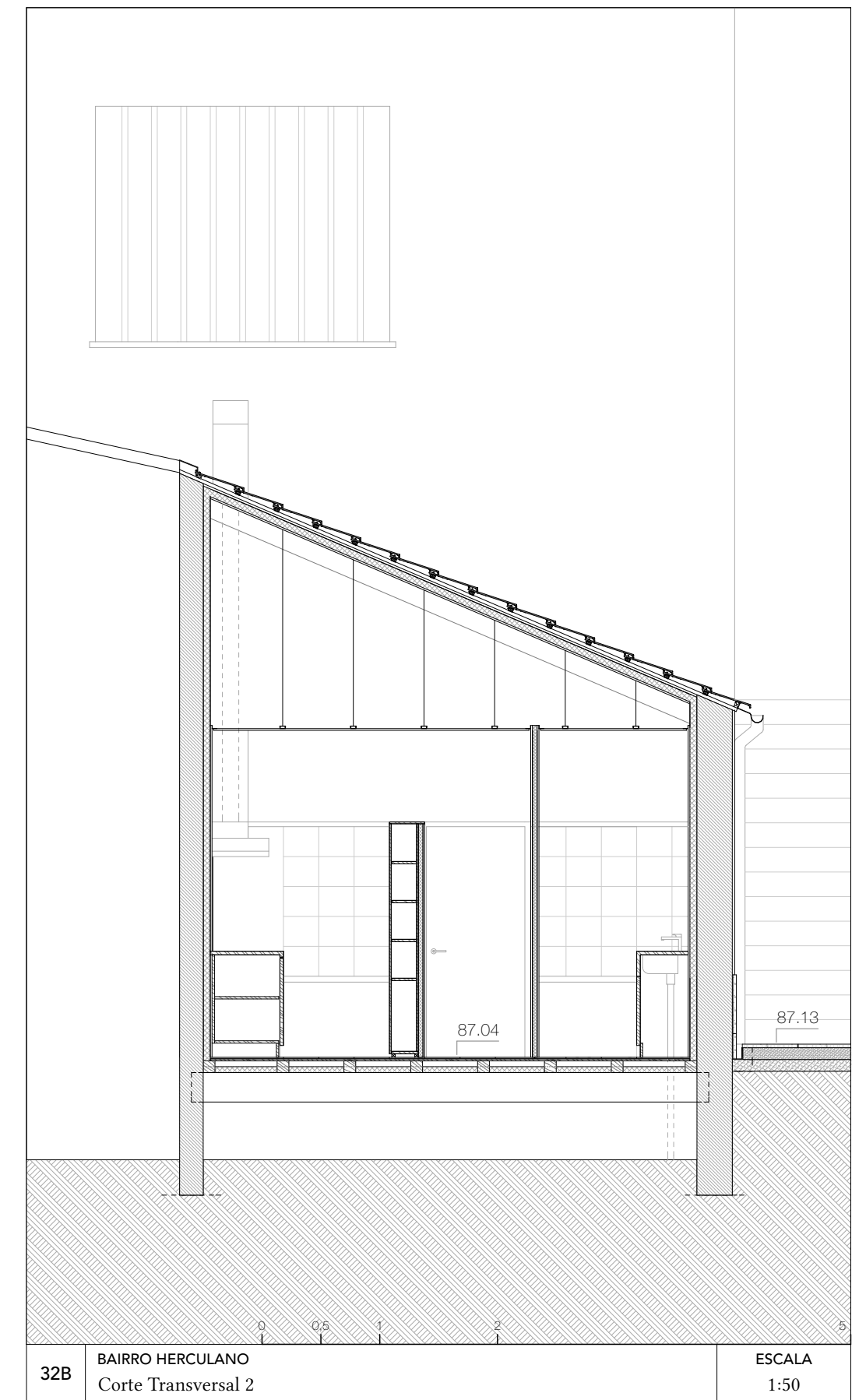


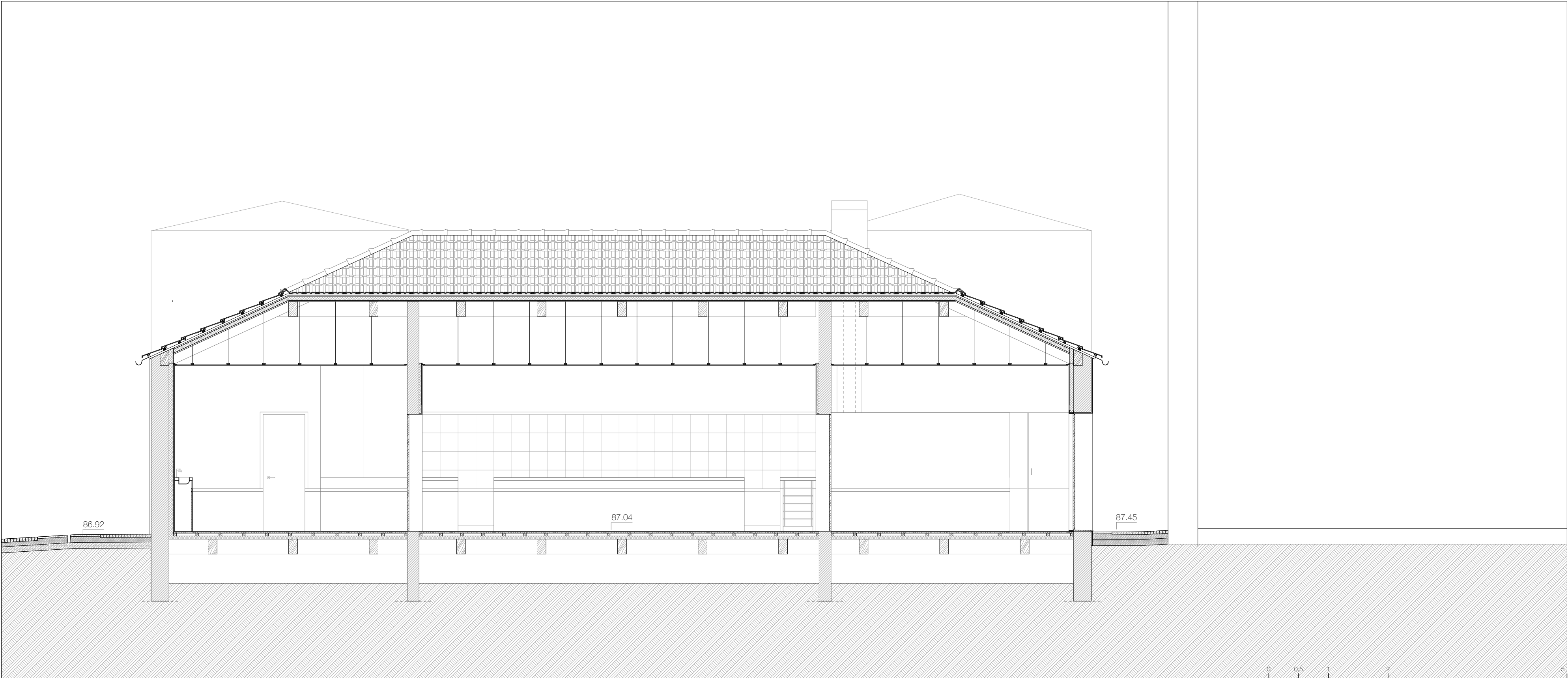


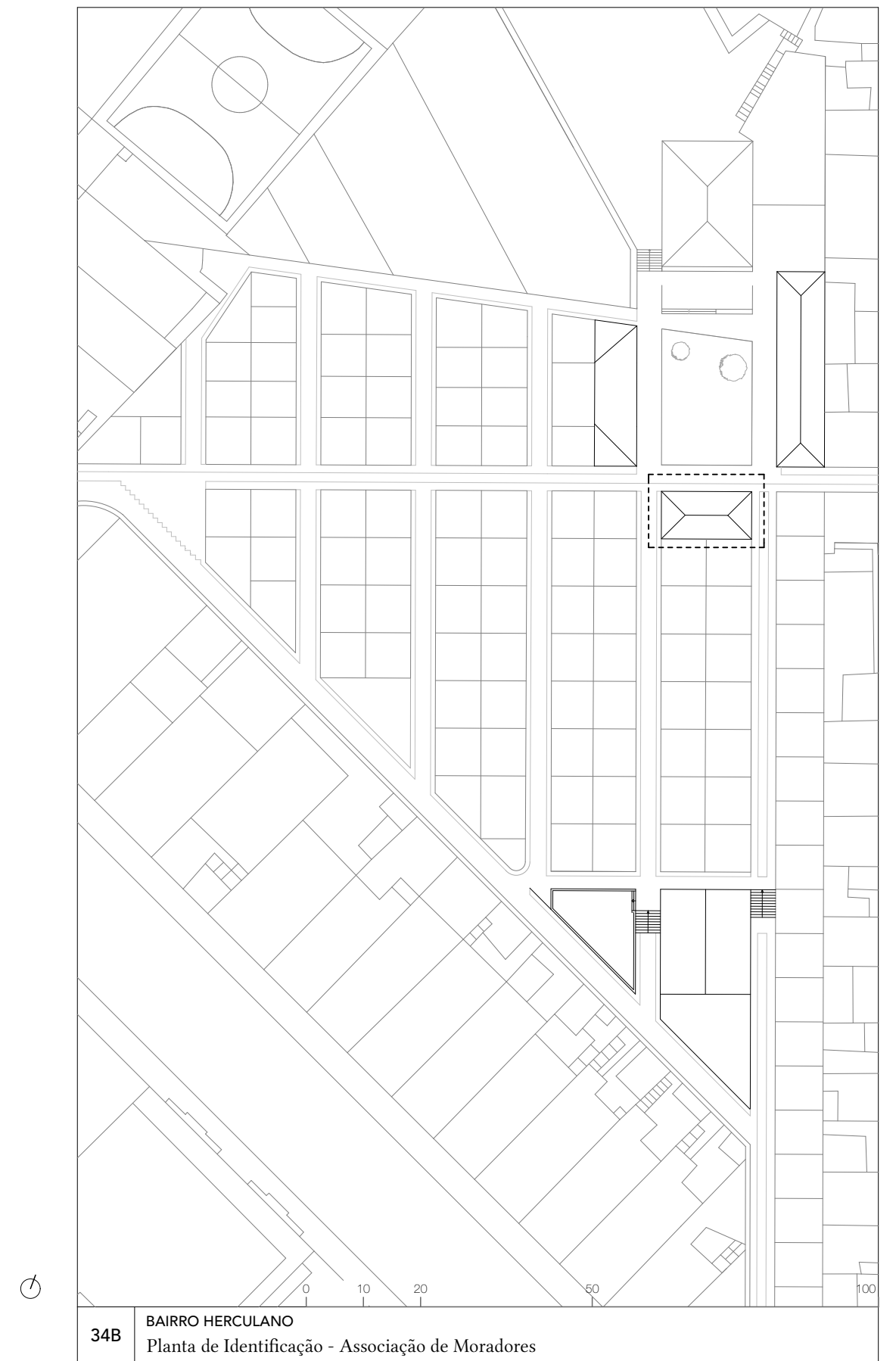


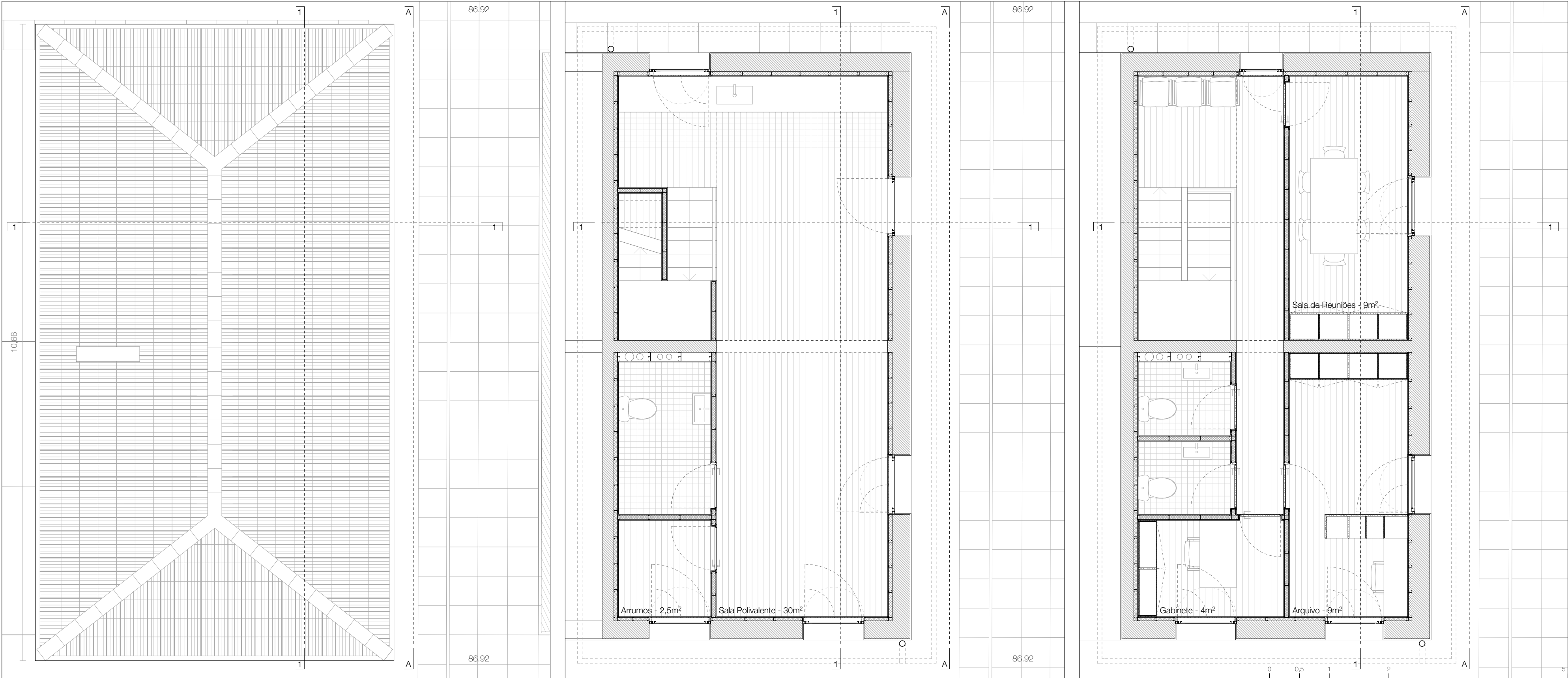


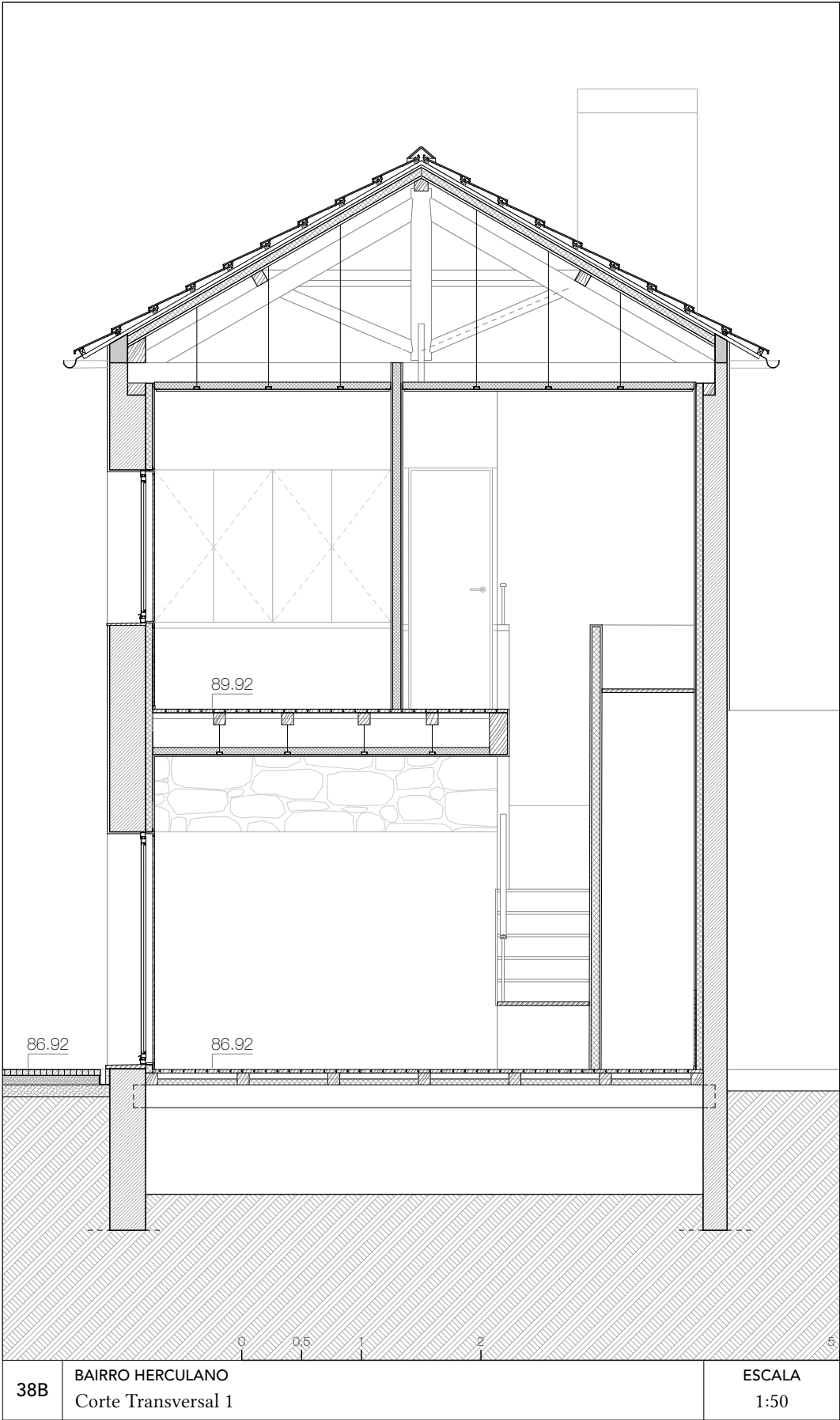


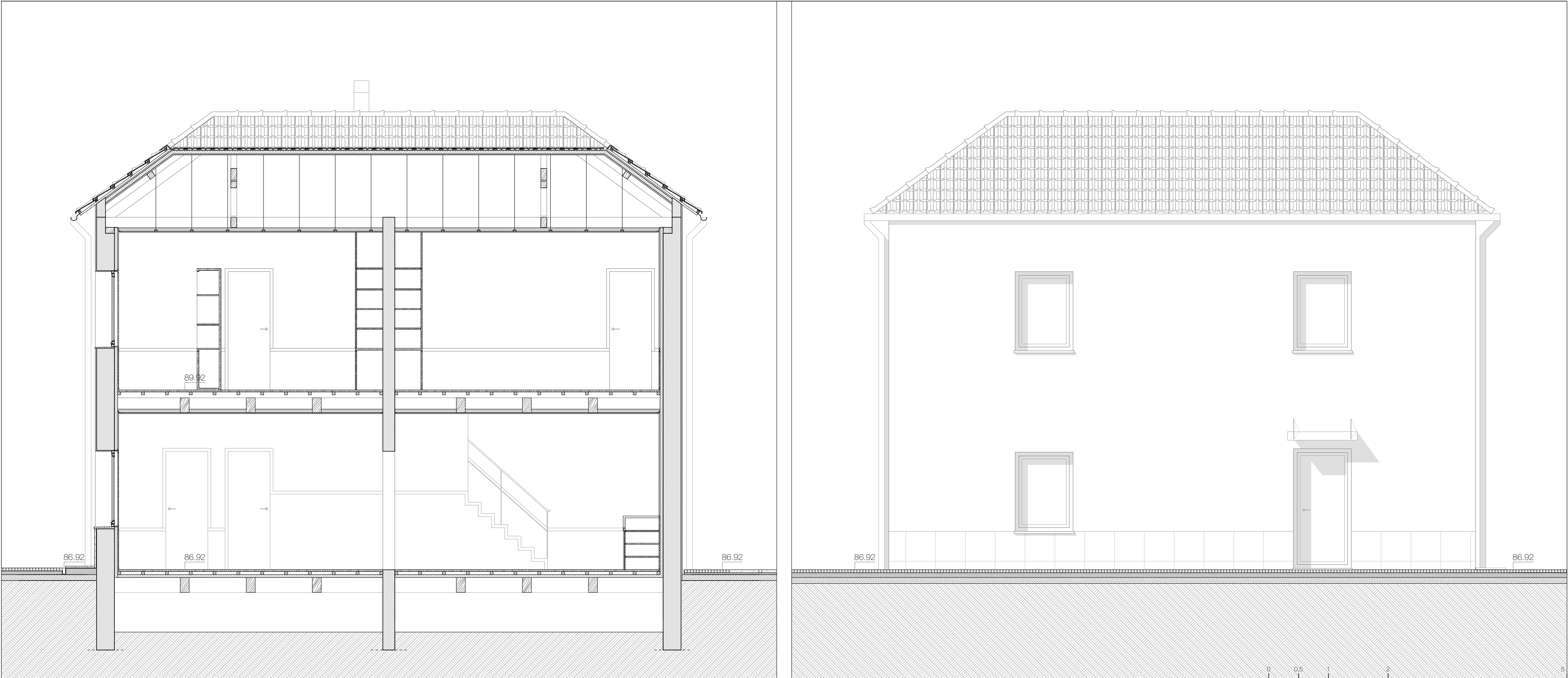




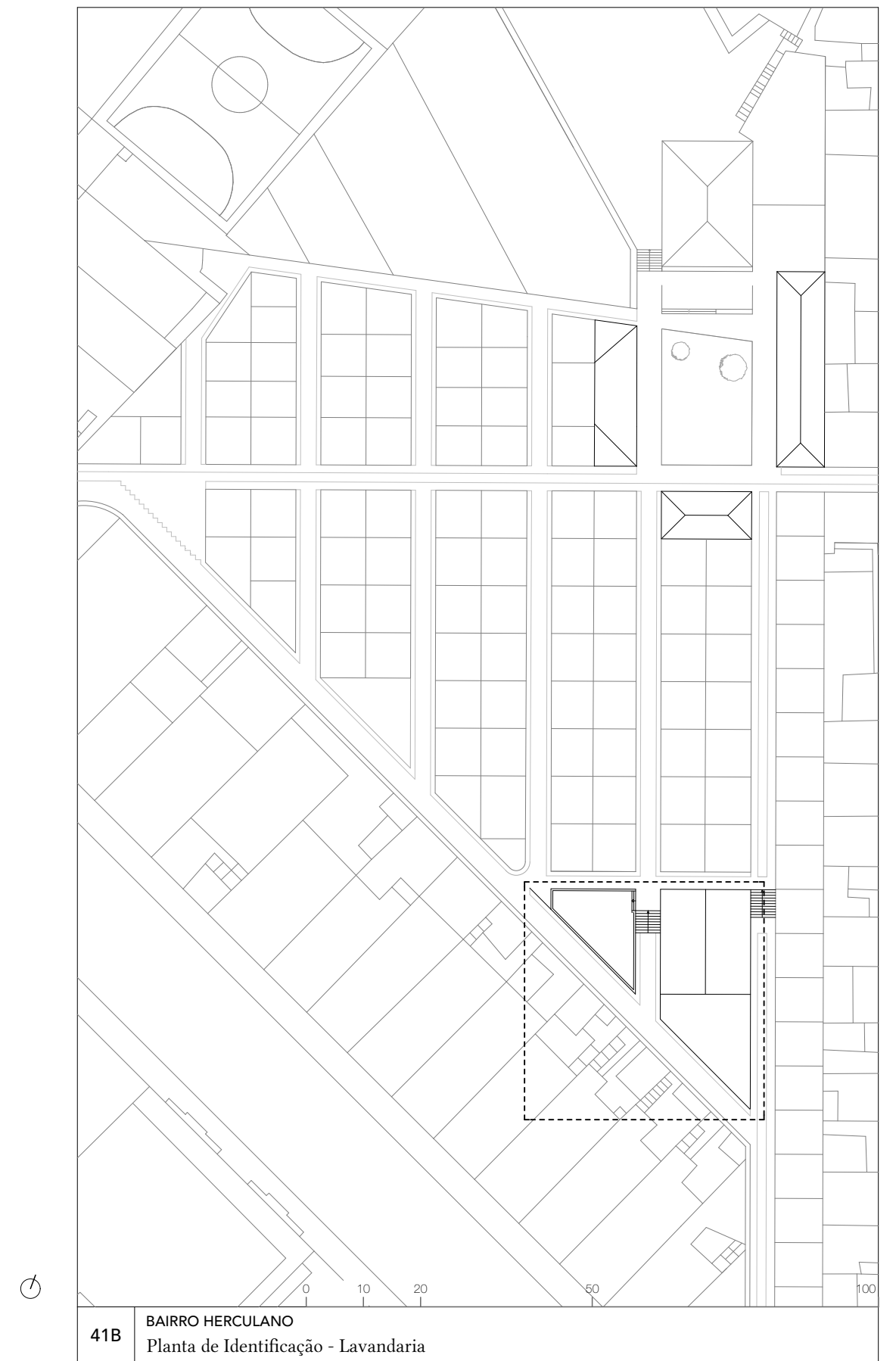


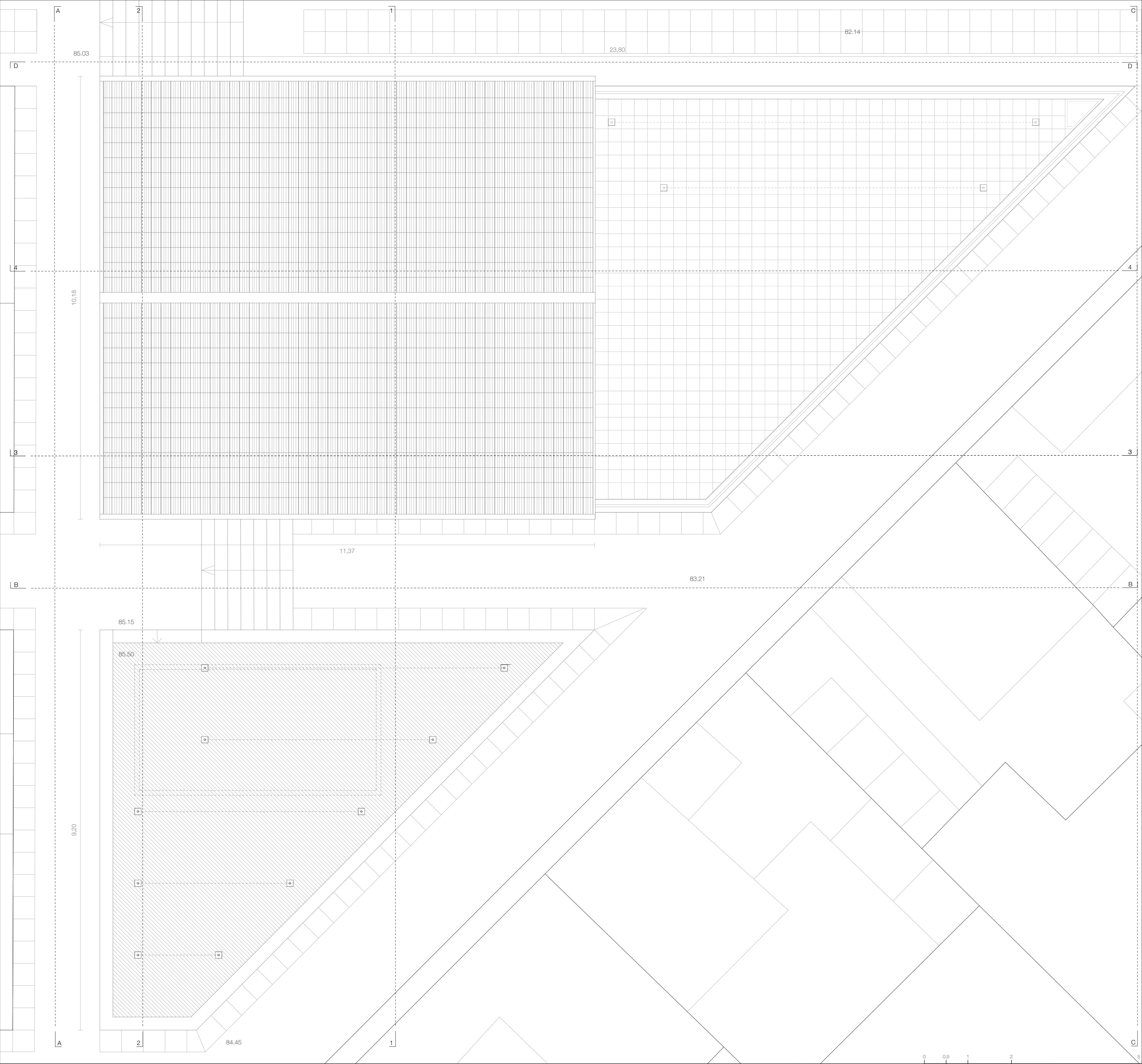


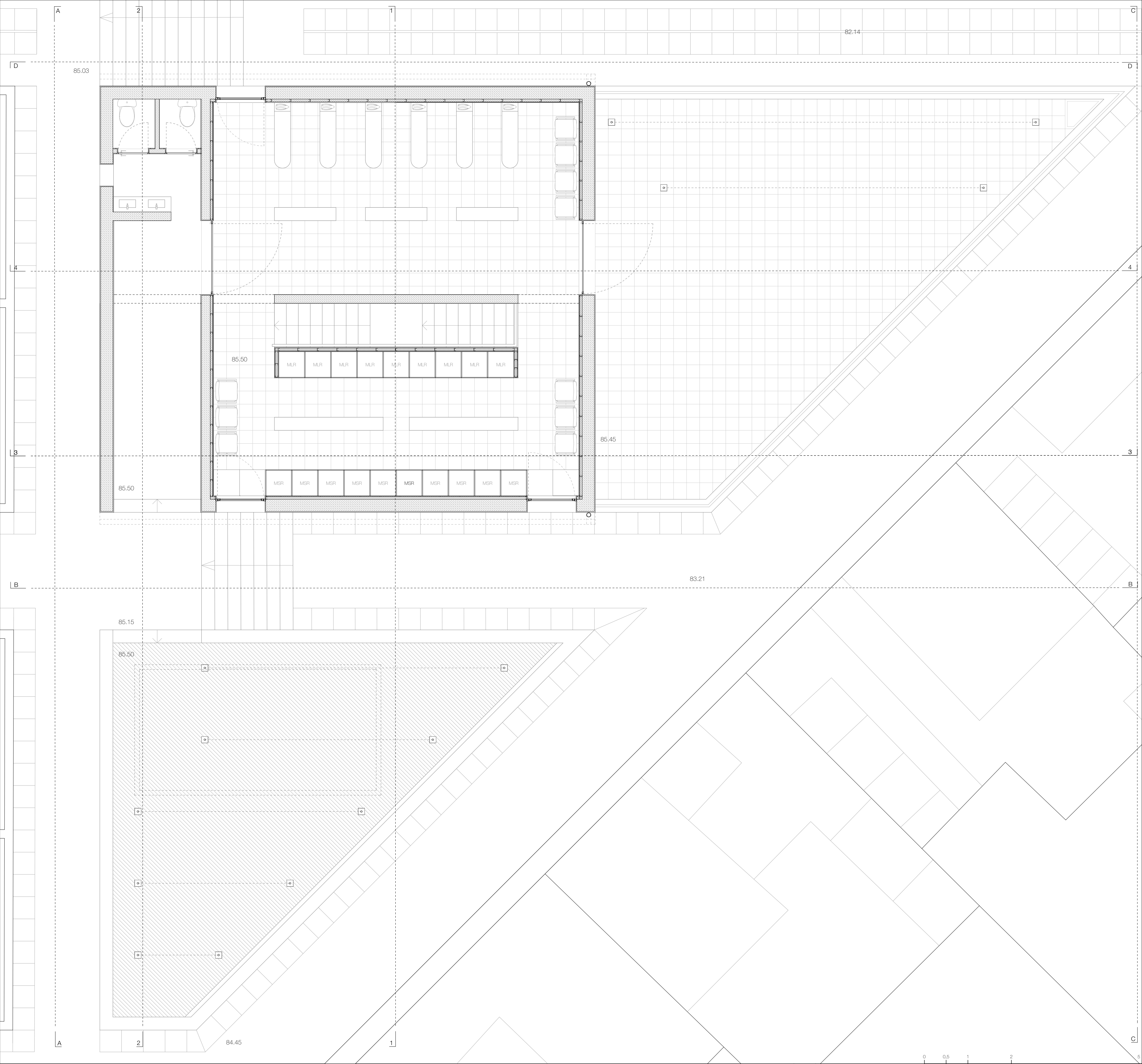


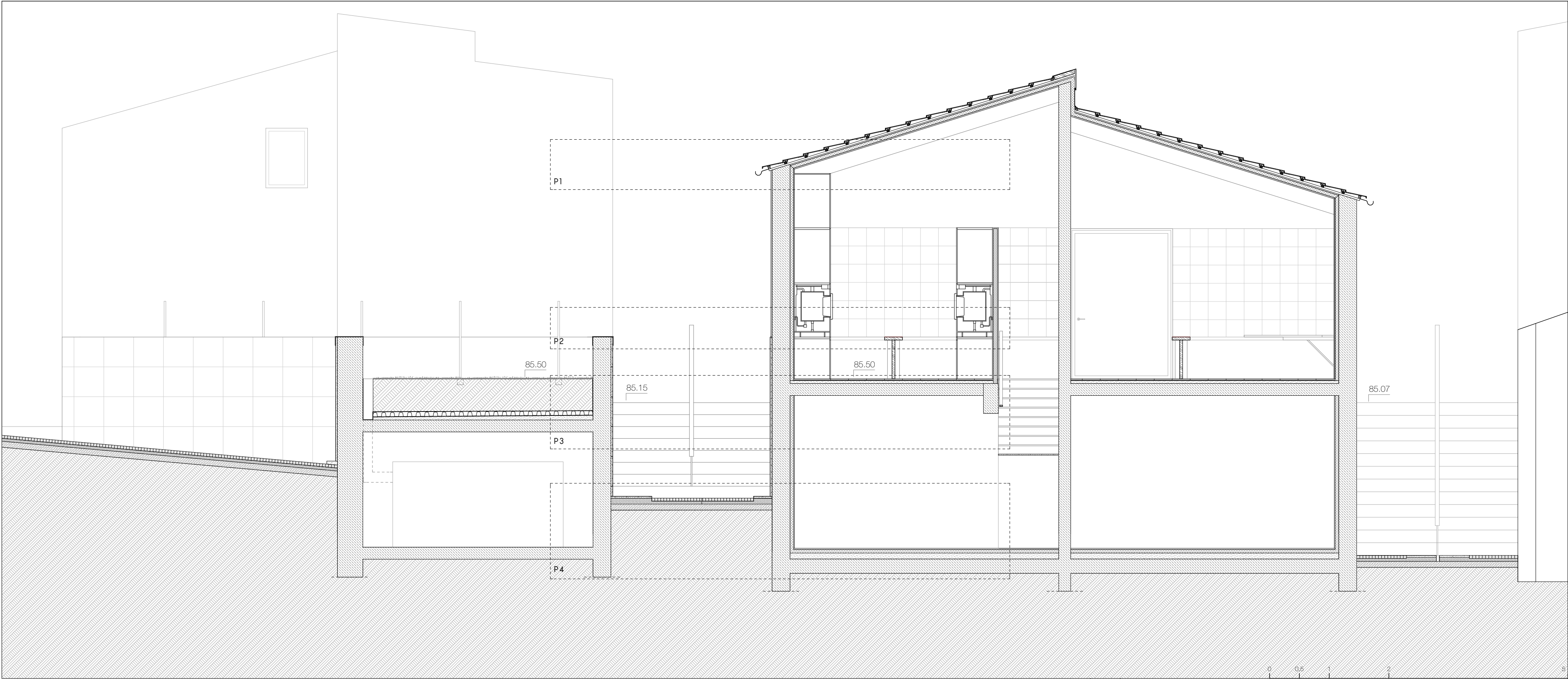


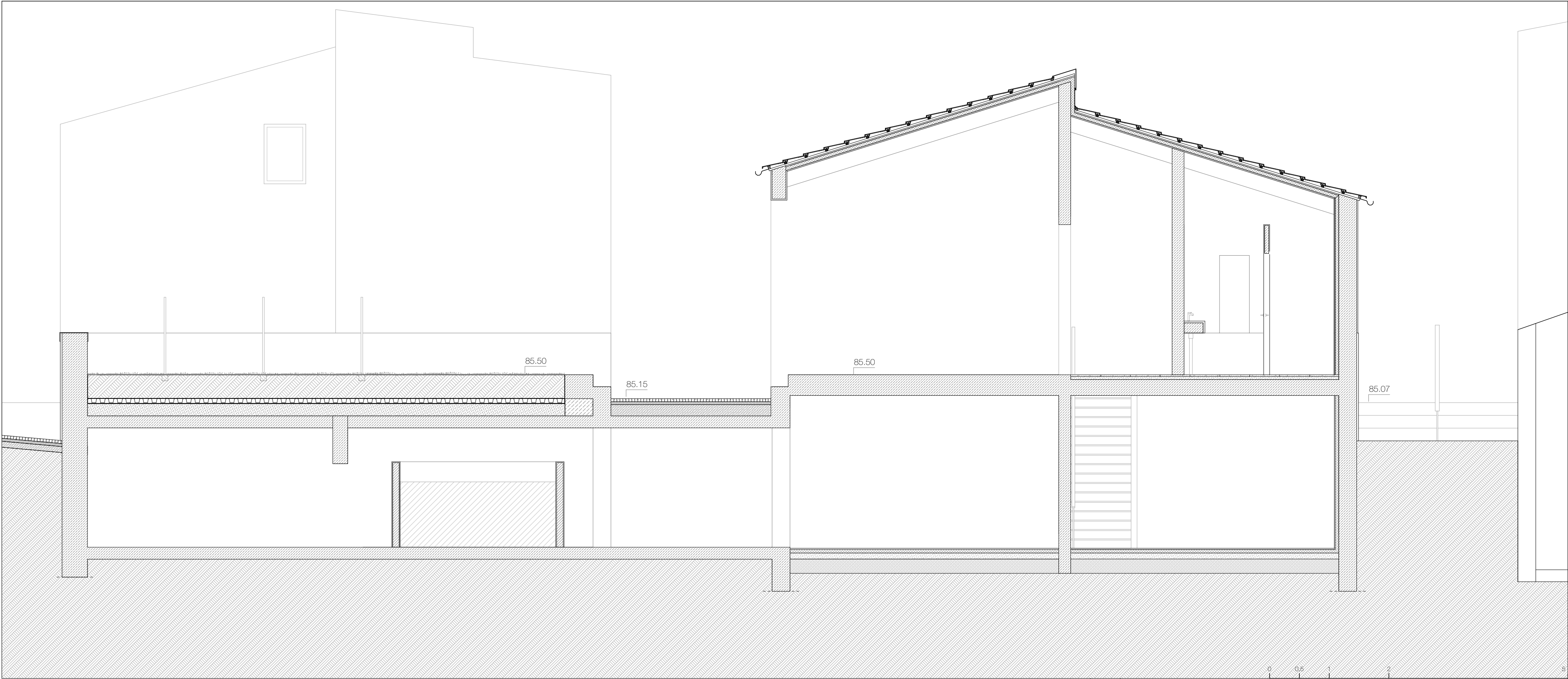
39B 40B	BAIRRO HERCULANO Corte Longitudinal 2; Alçado A	ESCALA 1:50
------------	--	----------------











45B	BAIRRO HERCULANO Corte Transversal 2	ESCALA 1:50
-----	---	----------------

